

Universidade Estadual do Ceará
Departamento de Letras
Curso de Mestrado Acadêmico em Lingüística Aplicada

José Edelberto Costa Filho

ELEMENTOS PARA UM GLOSSÁRIO BILINGÜE
(PORTUGUÊS E INGLÊS) DE TERMOS-CHAVE DA
TEORIA DA METÁFORA CONCEITUAL

FORTALEZA
2008

José Edelberto Costa Filho

ELEMENTOS PARA UM GLOSSÁRIO BILINGÜE
(PORTUGUÊS E INGLÊS) DE TERMOS-CHAVE DA
TEORIA DA METÁFORA CONCEITUAL

Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Mestrado Acadêmico em Lingüística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para o grau de Mestre em Lingüística Aplicada.

Orientação: Profa. Dra. Paula Lenz Costa Lima

Fortaleza
2008

José Edelberto Costa Filho

ELEMENTOS PARA UM GLOSSÁRIO BILINGÜE
(PORTUGUÊS E INGLÊS) DE TERMOS-CHAVE DA TEORIA
DA METÁFORA CONCEITUAL

Dissertação submetida à coordenação
do Curso de Mestrado Acadêmico em
Lingüística Aplicada, da Universidade
Estadual do Ceará. Como requisito
parcial para obtenção do grau de
Mestre em Lingüística Aplicada

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profª Dra. Paula Lenz Costa Lima (Orientadora)
Universidade Estadual do Ceará

Profª. Dra. Ana Cristina Pelosi Silva de Macedo
Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes
Universidade Estadual do Ceará

AGRADECIMENTOS

À Deus que sempre me acompanhou ao longo dos caminhos que tenho trilhado;

Ao meu pai, José Edelberto Costa, que sempre será exemplo e referência para mim por toda sua dedicação e inquietude para possibilitar uma vida melhor aos seus filhos;

À minha mãe, Fátima Lopes Braga, por todo o amor e ensinamentos transmitidos que foram fundamentais para percorrer essa jornada;

À minha irmã, meu cunhado e meu sobrinho por todo o apoio, pelos momentos de felicidade vividos e por terem me acolhido em sua casa nas vezes que necessitei;

À Lúcia, Letícia, Gabriela, Ticiane, Silá, Lúcia e Salí que me incentivaram bastante ao longo dessa caminhada;

À Prof^a. Dra. Paula Lenz Costa Lima, que foi durante 4 anos minha orientadora na graduação e também orientou esta dissertação, por todos os cafés, por mostrar a realidade por trás da metáfora, pelas conversas amistosas e pela confiança depositada em nosso trabalho;

À Funcap, Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pelo apoio financeiro para a realização deste trabalho;

A todos os professores do curso de mestrado que, mesmo com as dificuldades de uma universidade pública, mostraram ser possível ter um ensino de qualidade;

Ao Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes, por sua participação no meu desenvolvimento acadêmico e pelo bom humor sempre apresentado.

À Prof^a. Dra. Ana Cristina Pelosi Silva de Macedo e à Prof^a. Dra. Emília Maria Peixoto Farias, ambas da Universidade Federal do Ceará, pelo apoio e contribuições ao meu desenvolvimento acadêmico.

Ao Prof. Dr. Tony Berber Sardinha, por ter disponibilizado sua obra para fazer parte do *corpus* deste trabalho e à Prof^a. Solange Coelho Vereza por gentilmente nos fornecer material para o *corpus* e por nos receber em sala de aula.

À Maria do Carmo por toda a ajuda, carinho e atenção dada durante minha vida acadêmica na UECE.

Aos amigos que acreditaram no meu sonho, me cercaram de apoio, carinho e paciência pelas minhas ausências;

À toda família Siciliana, em especial, Priscyla, Pedro, Raquel, Aristeu, Lilian, James, pela amizade incondicional de longas datas e que tenho certeza será pela vida toda.

À todos da Casa da Ester, em especial, Ester, Play, Xuxa, Aninha, Kku, Ana Paula, Vitim, Manézinha, Trololinha, Marcelo, Cachorro Loko, Caxitos, Sara, Caio e Ju.

À todos os colegas da turma do mestrado, Aline, Letícia, Parmênio, Clerton, Teresa, Bia, Luiz, Agnes, Neyardo, João, Adriana, Patrícia, Evaldo e Silvia, que fizeram com que momentos difíceis ficassem muito mais agradáveis.

À todos os meus amigos da UECE que, ao longo de 7 anos, muito me ensinaram. Em especial, Carla, Márcio, Letícia, Priscilete, Jane, Plínio, Daniel, Pedro, Steller, Priscila, Filipe, Carla Anaíle, Gláucia.

“Porque assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também”

1 Coríntios 12,12.

“Porque também o corpo não é um só membro, mas muitos”

1 Coríntios 12, 14.

RESUMO

Neste trabalho, desenvolvemos uma proposta de glossário, bilíngüe, de termos utilizados na Teoria da Metáfora Conceitual. Tal teoria surgiu no início dos anos 80, com o lançamento do livro “Metaphors We Live By”, de Lakoff & Johnson, no qual os autores discutem que a metáfora não é apenas uma figura de linguagem, mas responsável pela maneira como agimos e pensamos, uma vez que é o pensamento metafórico que nos permite entender as relações existentes entre o nosso corpo e o mundo. Nesse paradigma, inúmeras pesquisas vêm sendo desenvolvidas, gerando novos termos a cada ano, sem, no entanto, haver uma obra lexicográfica que auxilie os usuários quanto aos seus significados. Além disso, alguns termos têm sofrido modificações ao longo dos anos dentro da própria teoria, criando, assim, uma dificuldade extra para aqueles que não estão tão familiarizados com a área. A falta de dicionários ou glossários especializados que supram as lacunas comunicativas entre os especialistas e os iniciados na área motivou nossa escolha do tema. Utilizamos os princípios da lingüística de *corpus* para a elaboração e exploração de dois *corpora*, em português e inglês, contendo vários textos específicos da área, que nos proporcionaram uma visão mais precisa dos 10 termos selecionados para o estudo. Para a elaboração do modelo de glossário, estruturado com base nas análises dos *corpora* desenvolvidos, seguimos alguns pressupostos da Teoria Comunicativa da Terminologia. A partir do estudo mais detalhado sobre o controverso termo “mente corpórea”, nosso modelo inicial de uma obra terminográfica, que tem como foco principal os iniciados na área, poderá servir de ponto de partida para a criação de dicionários ou glossários bilíngües da Teoria da Metáfora Conceitual.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria da Metáfora Conceitual; Lingüística de *Corpus*; Teoria Comunicativa da Terminologia, Glossário.

ABSTRACT

In this dissertation, a glossary proposal of terms used in Conceptual Metaphor Theory is developed. This theory emerged in the early'80s with the launch of the book "Metaphors We Live By" by Lakoff & Johnson, in which the authors argue that metaphor is not just a figure of language, but responsible for the way we act and think, since it is through metaphorical thought that we can understand the existent relations between our body and world. In light of this paradigm countless research has been developing and new terms are created each year. Moreover, some terms have been modified over the years within the theory itself, thus creating an extra difficulty for those who are not so familiar with the area. Specialized dictionaries/glossaries which are aimed at filling the gap between the expert's knowledge on cognitive metaphor theory and those less informed on the subject are scarce. This lack of material motivated our choice of theme. We begin with the identification of 10 main terms used both in Portuguese and English and use *corpus* linguistics to build *corpora* in Portuguese and English which contain a large number of texts in the area. The usage of Communicative Theory of Terminology makes possible a shaper view in order to build a model of bilingual glossary (Portuguese-English) which is structured based on *corpus* data analyses. From the more detailed study on the controversial term "embodied mind", our initial model of a terminographic work, which focuses on beginners, could serve as a starting point for the creation of bilingual dictionaries or glossaries on the Conceptual Metaphor Theory.

KEY-WORDS: Conceptual Metaphor Theory; Corpus Linguistics; Communicative Theory of Terminology, Glossary.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Relação das três áreas.....	16
Figura 2 - Lingüística Cognitiva	24
Figura 3 - Estrutura do <i>corpus</i>	61
Figura 4 - Escolha dos textos para a Wordlist.....	65
Figura 5 - Lista de palavras por ordem alfabética e de frequência.....	66
Figura 6 - Wordlist do <i>corpus</i>	67
Figura 7 - Escolha de textos para o Concord.....	68
Figura 8 - Resultado da busca no Concord.....	69

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de produções do corpus, por tipo de publicação e língua..	58
Tabela 2 – Número de palavras do <i>corpus</i> , por tipo e língua.....	62
Tabela 3 – Frequência de uso das palavras dos <i>corpora</i> gerada pela Wordlist.	67

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Ficha terminológica “Mente corpórea”	71
Quadro 2 – Verbetes “Mente corpórea”	75

LISTA DE ABREVIATURAS

GEIM – Grupo de Estudo da Indeterminação e da Metáfora

GELP – Grupo de Estudo sobre Linguagem e Pensamento

TCT – Teoria Comunicativa da Terminologia

TGT – Teoria Geral da Terminologia

TMC – Teoria da Metáfora Conceitual

TST – Teoria Sociocognitiva da Terminologia

Sumário

INTRODUÇÃO	12
1.METÁFORA, TERMOS E CORPUS	18
1.1. A Lingüística Cognitiva	19
1.1.1. A Teoria da Metáfora Conceitual	24
1.1.2. A Mente Corpórea	29
1.1.2.1. Mente X Cérebro	29
1.1.2.2. Mas afinal, o que é mente?	31
1.1.2.3. A mente fora do corpo	32
1.1.2.4. Descartes: o fruto proibido	34
1.1.2.5. A nova concepção	35
1.2. A Terminologia	39
1.2.1. Um breve histórico sobre a Terminologia	39
1.2.2. O que é Terminologia?	40
1.2.3. Correntes da Terminologia?	42
1.2.4. Glossários Bilíngües	48
1.2.5. Terminologia e Tradução	49
1.3. A Lingüística de <i>Corpus</i>	51
1.3.1. A representatividade do <i>corpus</i>	54
2. INSTRUMENTALIZAÇÃO	56
2.1. A seleção dos textos	57
2.2. A digitalização do <i>corpus</i>	58
2.3. A organização dos dados	59
2.3.1. O uso do Wordsmith Tools	62
2.4. A escolha dos termos	69
2.5. A organização das fichas terminológicas	70
2.6. A criação do glossário	73
2.6.1. A macroestrutura	74
2.6.2. A microestrutura	74
3. PROPOSTA DE GLOSSÁRIO	77
3.1. Mente Corpórea	78
3.2. Cenas Primárias	83
3.3. Domínio Alvo	84
3.4. Domínio Fonte	85
3.5. Esquema de Imagem	87
3.6. Experiencialismo	88
3.7. Mapeamento	90
3.8. Metáfora Composta	93
3.9. Metáfora Conceitual	95
3.10. Metáfora Primária	97
3.11. Índice Remissivo.....	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
BIBLIOGRAFIA	105
ANEXOS	111

Introdução

O desenvolvimento da Linguística Cognitiva, ao longo de seus quase 30 anos, faz com que novos termos apareçam e convivam paralelamente com os utilizados anteriormente. Para leitores menos experientes, isso pode se tornar uma verdadeira armadilha, pois eles podem acabar confundindo ou achar que termos diferentes possuem o mesmo significado, quando na verdade não possuem. Como exemplo, podemos citar o termo “metáfora”, que, até meados da década de 70, era registrada como uma figura de linguagem, tal qual foi postulado por Aristóteles no século IV a.C.. Para o filósofo, a metáfora nada mais é que “...a transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por via de analogia” (ARISTÓTELES, 2005, p.74,75). Além disso, Aristóteles afirma que aqueles que fazem uso de metáforas são pessoas sábias, uma vez que o emprego delas “... constitui a característica de um rico engenho, pois descobrir metáforas apropriadas equivale a ser capaz de perceber relações” (Ibid, p.80).

Com o advento da Teoria da Metáfora Conceitual (cf. LAKOFF; JOHNSON, 1980), não só a metáfora deixa de ser vista como mera figura de linguagem e passa a ser compreendida como uma figura de pensamento, portanto, com valor cognitivo, uma vez que a mente humana é em grande parte estruturada de forma metafórica, como também surgiram vários termos novos para se referir a diferentes tipos de metáforas, e.g. metáfora conceitual, metáfora orientacional, metáfora ontológica, metáfora de imagem, etc. Dezesete anos depois, a mesma metáfora conceitual passou a ser dividida em metáforas correlacionais e não-correlacionais. As primeiras compreendem a metáfora primária e a metáfora composta (GRADY, 1997). As primárias são “geradas de correlações entre dimensões distintas de experiências corpóreas básicas, independentes de influências culturais” (LIMA, 1999, p. 23), já as compostas são aquelas geradas pela união de duas ou mais metáforas primárias. As metáforas de outra natureza são não-correlacionais: metáfora de imagem, metáfora semelhança, etc.

Além dessa profícua nomenclatura, gerada pelo desenvolvimento da própria teoria, há vários termos advindos de outras áreas do conhecimento que foram

incorporados, com ou sem modificações. Isto pode ser atribuído à própria natureza interdisciplinar da Lingüística Cognitiva, uma vez que integra as chamadas Ciências Cognitivas, juntamente com a inteligência artificial, a psicologia, a neurologia, a filosofia, a lingüística, a antropologia, etc. (CUENCA; HILFERTY, 1999). Essa interdisciplinaridade de áreas envolvidas, além do cruzamento de várias perspectivas no interior da própria área, gera um movimento sígnico da terminologia dos diferentes campos de pesquisa e faz com que a terminologia específica da Teoria da Metáfora Conceitual se mostre muitas vezes confusa, como observa Lima (2005, p.119-120),

“... sendo as idéias sobre a metáfora conceitual relativamente novas, e tendo ganhado popularidade, principalmente na área de formação de professores, tem-se verificado muita confusão teórica (ex. de ordem terminológica e conceitual) e metodológica...”

Outro problema observado ocorre quando um termo de uma área é traduzido de uma língua para outra, pois este pode ser traduzido de formas diferentes, dependendo do autor, sob critérios que nem sempre são claros, o que pode causar um problema de compreensão para leitores menos experientes. Como exemplo, podemos citar o termo “embodied mind” que, em português, é utilizado indistintamente como “mente corpórea”, “mente incorporada”, “mente corporificada” ou “mente encarnada”, conforme discutimos mais adiante nessa dissertação.

Assim, o que se tem observado é uma grande variedade de termos, em português e inglês, o que provocou dificuldades de interpretação tanto para pesquisadores da área, quanto para leitores sem nenhum ou com pouco conhecimento do assunto, tais como: metáfora primária, metáfora composta, metáfora conceitual, domínio alvo, domínio fonte, primary metaphor, compound metaphor, conceptual metaphor, target domain, source domain, entre outros. Com isto, propusemo-nos a criar um modelo de glossário para a Teoria da Metáfora Conceitual que possa suprir as necessidades dos leitores diante dos termos e suas definições. Dentre os vários termos selecionados, dedicamos atenção especial a “embodied mind” e suas traduções em português brasileiro, por tratar-se de um dos conceitos chave da teoria.

Esse projeto nasceu de nossa experiência enquanto bolsista de iniciação científica, na pesquisa “A experiência corpórea na geração de metáforas primárias” orientada pela Profa. Dra. Paula Lenz Costa Lima, de agosto de 2002 a janeiro de 2006. Durante esse período, realizamos inúmeras leituras de textos relacionados com a lingüística cognitiva, em especial, textos que focam a questão da metáfora conceitual e só identificamos um glossário, em língua inglesa, desenvolvido por Kovecses (2001), e nenhum estudo terminológico deste ramo em português. Entretanto, o glossário de Kovecses é apenas complementar a um material didático, portanto, sua estrutura não apresenta uma amostra do uso dos termos na literatura, característica importante para o leitor ou consulente. Além disso, por ser monolíngüe, o glossário do autor atende apenas a uma parcela dos interessados na Lingüística Cognitiva, pois ele não fornece equivalentes dos termos em outras línguas.

Somente em dezembro de 2007, foi lançado em inglês um glossário de termos da Lingüística Cognitiva (EVANS, 2007), que veio suprir de forma significativa essa demanda. Entretanto, mesmo com a crescente publicação de artigos e livros da área em português, ainda não há um material que auxilie os interessados na área em nossa língua. No nosso caso, essa falta de um material de apoio mais completo fez com que, por inúmeras vezes, realizássemos uma confusão de ordem conceitual e terminológica. Nesse sentido, a orientadora teve papel fundamental na explicação da terminologia e dos diversos conceitos utilizados. Com o passar dos anos, pudemos perceber, principalmente durante as reuniões do grupo de pesquisa GELP (Grupo de Estudos sobre Linguagem e Pensamento), que alunos de graduação, mestrado e doutorado, que se dispuseram a trilhar os caminhos da metáfora conceitual, enfrentaram as mesmas dificuldades de compreensão.

Um exemplo clássico dessa dificuldade é o termo “embodied mind”, que se contrapõe inovadoramente aos conceitos de mente discutidos por outras áreas, inclusive da própria lingüística, até hoje. Como mostra Lima (2004) ao resenhar Lakoff e Johnson (1999), esse conceito estremeceu a visão de homem das várias correntes filosóficas existentes, negando alguns conceitos tidos como inabaláveis, tais como:

“A visão da pessoa dualística cartesiana, com uma mente separada e independente do corpo, que compartilha com todo mundo exatamente a mesma razão transcendental não corpórea”;

“A pessoa kantiana radicalmente autônoma, com absoluta liberdade e uma razão transcendental que dita corretamente o que é e o que não é moral (como a razão nasce do corpo e das experiências que vivemos, os sistemas conceituais variam de forma significativa, portanto, a razão não é inteiramente universal, ou seja, uma vez que a razão é moldada pelo corpo, ela não é radicalmente livre, porque os sistemas conceituais humanos possíveis e as formas possíveis de raciocínio são limitados pelas nossas capacidades corpóreas)”;

“A pessoa utilitária, para quem a racionalidade é uma racionalidade econômica, o máximo de utilidade. O ser humano não tem controle consciente sobre o seu raciocínio (a maioria baseado em vários tipos de protótipos, estruturas [framings] e metáforas)”;

“A pessoa fenomenológica, que apenas através de introspecção fenomenológica pode descobrir tudo que se pode saber sobre a mente e a natureza da experiência”;

“A pessoa pós-estruturalista, totalmente descentrada, para a qual o significado é arbitrário, totalmente relativo e puramente de conhecimento histórico, não restringido pelo corpo e cérebro”;

“A pessoa fregeana para quem o pensamento está deslocado do corpo, isto é, o corpo não tem nenhuma relação com o significado, que é puramente objetivo e definido pelo mundo externo”;

“A pessoa computacional, cuja mente é como um software de computador, capaz de trabalhar em qualquer computador com as especificações adequadas ou em qualquer hardware neural; uma mente que de alguma forma deriva significados de um input de símbolos sem significado, manipulando-os através de regras e produzindo símbolos significativos como output”;

“A pessoa chomskiana, para quem a língua é pura sintaxe, pura forma isolada e independente de todo significado, contexto, percepção, emoção, memória, atenção, ação e natureza dinâmica de comunicação”.

Nesse sentido, uma obra terminográfica em português seria de grande relevância para a Linguística Cognitiva, que está crescendo significativamente no Brasil. Assim, estamos propondo nesta dissertação um modelo de glossário que, em estudos posteriores, possa auxiliar a sistematizar o conhecimento da área. Para tanto, usamos teorias da Terminologia que têm como foco a definição dos termos através da análise do contexto no qual eles se encontram, conforme descrito na metodologia. Estudos com

termos em uso demandam construção e/ou análise de *corpora*, cuja metodologia tem sido tratada de forma mais sistemática pela Lingüística de *Corpus*, uma área também crescente no Brasil, que não poderia ser dispensada neste trabalho.

A Lingüística Cognitiva, a Terminologia e a Lingüística de *Corpus* são fundamentais na realização dos nossos objetivos e estão sumarizadas no primeiro capítulo, com destaque para os pontos de maior relevância para estudo, como o conceito de mente apregoado pela TMC.



Figura 1 – RELAÇÃO DAS TRÊS ÁREAS

No segundo capítulo, discutiremos os passos metodológicos para realização dos nossos objetivos específicos, quais sejam:

- Desenvolver uma macro e microestrutura para o modelo de glossário, considerando o cenário especialista-aprendiz;
- Verificar o funcionamento das unidades terminológicas selecionadas para a nossa proposta de glossário;

O capítulo 3 trata da proposta em si, no qual encontram-se sistematizados os resultados da pesquisa seguidos de uma análise mais profunda que versa sobre as definições e os usos encontrados nos *corpora*. Nas “Considerações Finais”, fazemos uma discussão geral do nosso trabalho incluindo aspectos negativos e positivos da pesquisa realizada.

Por fim, acreditamos que a partir do nosso modelo outros pesquisadores poderão desenvolver outros trabalhos que contribuirão para a divulgação da Lingüística, além de servir para tornar a comunicação entre especialistas e neófitos mais eficiente, por mostrar o uso de um ou mais termos relacionados com um conceito e, dessa forma, evitar os mal entendidos que possam surgir a partir do uso incorreto destes.

1. METÁFORA, TERMOS E *CORPUS*

Neste trabalho, os aportes teóricos da Lingüística Cognitiva, da Terminologia e da Lingüística de Corpus foram utilizados para a sua realização. No caso da Lingüística Cognitiva, que é o foco de nossas atenções na construção do modelo de glossário, o uso da terminologia da área, tanto em inglês quanto em português, foi o nosso objeto de estudo. Já a Terminologia, ciência responsável pelo estudo das áreas de especialidade, possibilitou-nos sugerir uma macro e micro estruturas para um glossário bilíngüe. Por último, a Lingüística de Corpus, que nos permitiu, por meio de suas ferramentas, a realização da análise do uso dos termos da Lingüística Cognitiva em seu contexto real, i.e., livros, artigos em periódicos, artigos em anais de congressos e capítulos de livros.

Como poderá ser percebido, a palavra “uso” possui grande importância neste trabalho, pois é fundamental em todas as três teorias utilizadas para fundamentá-lo. Na Lingüística Cognitiva, mais especificamente na Teoria da Metáfora Conceitual, o uso de metáforas pelos falantes de diversas línguas vem sendo investigado nos mais variados gêneros discursivos. A maneira como nós conceitualizamos o mundo e os eventos que nele ocorrem influencia o modo como organizamos os conceitos em nossa mente e, através do uso da língua (falada e escrita), podemos averiguar a ocorrência desses conceitos que subjazem nosso discurso. Já para a Terminologia, a palavra “uso” tem grande importância quando um pesquisador analisa um termo. Em um determinado contexto, uma palavra pode ser considerada como um termo¹, mas em outro não. Assim, será o uso que determinará se uma dada palavra pode ser considerada ou não um termo. Já na Lingüística de Corpus, as ferramentas disponibilizadas para computadores permitem que pesquisadores identifiquem o uso da linguagem (seja ela especializada ou não) de maneira rápida e eficiente.

¹ Nas linguagens de especialidade, a relação unívoca de uma palavra com um conceito especializado e a estabilidade dessa relação entre a forma e o conteúdo em textos que tratam desse conceito diferencia um termo ou unidade terminológica de uma palavra da língua geral (PAVEL, S; NOLET, 2002).

1.1. A Lingüística Cognitiva

Desde o final da década de 70, os estudos da Lingüística Cognitiva têm sido desenvolvidos e aprofundados em diversas partes do mundo. Inicialmente, o interesse pela área pode ser atribuído a pesquisadores que buscavam ampliar o conhecimento sobre a relação entre linguagem e mente, e que não concordavam com a corrente teórica predominante da época, o gerativismo. Alguns dos motivos para seu surgimento foram, por um lado, o crescimento do interesse pelo significado, através dos estudos da Semântica Gerativa, que tinha George Lakoff como um dos seus líderes, e a insatisfação com os estudos da Gramática Gerativa de Noam Chomsky e, por outro lado, os resultados da investigação psicológica de Eleanor Rosch sobre o papel dos protótipos no processo de categorização (SILVA, 2004).

Os lingüistas mais influentes para o desenvolvimento da área foram Wallace Chafe, Charles Fillmore, George Lakoff, Ronald Langacker e Lonard Talmy, que, além de focarem seus estudos em princípios cognitivos, desenvolveram, cada um, sua própria abordagem na descrição da linguagem e na teoria lingüística. Fillmore et al. desenvolveram a Gramática das Construções na qual, segundo Evans (2007, p.43), “a gramática pode ser modelada em termos de construções em vez de palavras e regras”². Lakoff é conhecido por seus trabalhos com metáforas, metonímias e modelos cognitivos idealizados. Langacker desenvolveu sua Gramática Cognitiva, na qual a gramática é entendida como um conjunto de unidades simbólicas convencionais. Já os trabalhos de Talmy foram responsáveis por influenciar o desenvolvimento dos sistemas lingüísticos imagéticos.

Mesmo com uma aparente diferença em relação aos objetos pesquisados e às metodologias adotadas, as pesquisas desenvolvidas pelos autores acima partilham o pressuposto de o significado ser o objeto principal de estudo, uma vez que ele é central para a linguagem. Assim, estruturas lingüísticas expressam significados e, por isso, os

² “...grammar can be modeled in terms of constructions rather than ‘words and rules’.”

mapeamentos entre significado e forma são o ponto principal da análise lingüística. As formas lingüísticas, de acordo com essa visão, possuem uma ligação direta com as estruturas semânticas que expressam. Dessa forma, devem ser investigadas as estruturas semânticas de todas as unidades lingüísticas significativas (KEMMER, 2007).

A partir dos anos 80, houve um aumento no número de pesquisadores interessados em desenvolver trabalhos segundo essa nova perspectiva e, conseqüentemente, os tipos de pesquisas desenvolvidas pela Lingüística Cognitiva também se diversificaram.

Segundo Cuenca e Hilferty (1999, p.11), a Lingüística Cognitiva surgiu na Califórnia, e foi lançada como tal em 1987, com a publicação dos livros *Women, Fire and Dangerous Things*, onde Lakoff explora uma série de questões relacionadas aos estudos cognitivos, como o experiencialismo, a teoria de protótipos e de nível básico, os modelos cognitivos idealizados e as categorias radiais, e *Foundations of Cognitive Grammar: Theoretical Prerequisites*, onde Ronald Langacker apresenta sua Gramática Cognitiva.

As pesquisas sob a perspectiva da Lingüística Cognitiva que, inicialmente, eram apenas realizadas por um pequeno número de pesquisadores na parte oeste dos Estados Unidos, passaram, na década de 80, a ser também realizadas por pesquisadores europeus e durante a década de 90 se propagaram mundialmente. Graças a essa difusão das pesquisas, em 1989 foi realizada a primeira conferência da área, em Duisburg, Alemanha, para a formação da Associação Internacional de Lingüística Cognitiva. Durante a conferência, ficou decidido que seria fundada uma nova organização, a Associação Internacional de Lingüística Cognitiva, que ficaria responsável por organizar encontros bianuais com o intuito de divulgar as pesquisas realizadas no mundo e atrair novos pesquisadores. Em 1990, um ano depois da primeira conferência, surge o primeiro periódico da área *Cognitive Linguistics*, editado pela Mouton de Gruyter.

Segundo Croft e Cruse (2004, p. 1), existem três hipóteses que guiam os estudos cognitivos sobre a linguagem, são elas: a) a linguagem não é uma faculdade cognitiva autônoma; b) a gramática é conceitualização, e c) o conhecimento da linguagem emerge do uso da linguagem.

As premissas da hipótese “a” afirmam que não precisamos de nenhum aparato especial para a linguagem, pois a representação do conhecimento lingüístico partilha as mesmas estruturas conceituais utilizadas para a realização de outras atividades, i.e., para os cientistas cognitivos, a representação sintática, morfológica e fonológica são tão conceituais quanto a nossa capacidade de ouvir sons, interpretar e produzir afirmações, pois todos envolvem a mente e um input e um output do nosso cérebro. Além disso, os processos que regem o uso da linguagem são os mesmos que usamos para outras atividades cognitivas, i.e., os processos utilizados para realizar tarefas cognitivas relacionadas a percepção visual, raciocínio ou atividades motoras são os mesmos que utilizamos para falar e compreender o que é dito. Assim, a hipótese “a” vai de encontro à Gramática Gerativa que afirmava ser a linguagem uma faculdade cognitiva autônoma separada das demais habilidades lingüísticas.

A hipótese “b” afirma que a estrutura conceitual do homem não deve ser entendida apenas através da correspondência de condição de verdade com o mundo. Ela vai de encontro à semântica de condição de verdade, na qual o sentido de uma sentença é avaliado de acordo com sua veracidade e falsidade em relação ao mundo.

A hipótese “c” prega que o conhecimento sobre a linguagem emerge através do uso da linguagem. Em outras palavras, categorizamos e organizamos estruturas sintáticas, semânticas, morfológicas e fonológicas através da nossa cognição em momentos em que são usadas. Esta hipótese critica tanto a gramática gerativa, quanto a semântica de condição de verdade, pois ambas pregavam a máxima abstração para representar formas gramaticais e semânticas.

Cuenca e Hilferty (1999) dividem a Lingüística Cognitiva em duas diferentes

linhas de investigação. A primeira inclui as teorias gerais que desenvolvem algum conceito básico relacionado a aspectos mais ou menos concretos das línguas. A segunda inclui modelos gramaticais que incorporam alguns aspectos das teorias gerais para desenvolver um sistema que descreva a relação entre linguagem e língua.

Entre as teorias gerais estão a Teoria dos Protótipos, a Semântica Cognitiva, Teoria da Metáfora Conceitual entre outras. A teoria dos protótipos possui origem na psicologia e na antropologia, contudo, seu uso se expandiu e hoje é também utilizada em análises lingüísticas. Nela, a categorização é tratada por traços e semelhanças de família, ao contrário das versões clássicas, nas quais a categorização obedeceu a condições necessárias e suficientes. Além disso, é a partir da teoria dos protótipos que se passou a perceber que existem membros mais e menos prototípicos nas categorias. Um exemplo é quando pensamos em aves. Na nossa cultura brasileira, as aves mais prototípicas são pardais, urubus, papagaios. Dificilmente alguém pensaria em um pingüim como um exemplo prototípico de ave, que poderia ser comum para pessoas que vivem na Antártica.

A semântica cognitiva objetiva averiguar a interação entre os significados dicionarizados e os conhecimentos enciclopédicos através da relação entre a experiência, o sistema conceitual e a estrutura semântica da língua. Segundo Evans (2007), a semântica cognitiva representa mais uma abordagem metodológica do que uma teoria. Um dos motivos para essa afirmação é a existência de quatro princípios que juntos possibilitam uma abordagem cognitiva à semântica. São eles: a) a cognição é corpórea; b) a estrutura semântica reflete a estrutura conceitual; c) a representação do significado é enciclopédica; e, d) a construção de sentido é conceitualização.

A teoria da metáfora afirma que a metáfora não é apenas uma figura de linguagem e seu uso não está restrito à poética. Ela é considerada um mecanismo cognitivo que utilizamos para falar de coisas abstratas através de conceitos mais concretos, que, conseqüentemente, são mais simples e familiares para a maioria de nós. No item 1.1.1. detalharemos tal teoria.

Entre os modelos gramaticais, por outro lado, encontram-se a gramática cognitiva, a gramática de construções e a teoria de gramaticalização. A gramática cognitiva considera a gramática como um conjunto organizado de associações simbólicas e essas associações são as unidades gramaticais básicas. Uma unidade lingüística passa a ser entendida como tal, quando adquire um status de hábito ou uma rotina cognitiva. Assim, as unidades lingüísticas são consideradas entidades simbólicas não construídas de maneira composicional pelo sistema da língua, mas armazenadas e acessadas como um todo. De acordo com esta visão, os aspectos lexicais, morfológicos e sintáticos seriam organizados em um continuum na mente do falante.

A gramática de construções surgiu em torno do conceito de construção que é, segundo esta teoria, a unidade básica gramatical. Possui duas vertentes diferentes, a primeira, desenvolvida por Fillmore e Kay, afirma que a gramática pode ser moldada em termos de construções, substituindo, assim, a idéia de regras e palavras. Além disso, a gramática das construções teve como motivação as expressões idiomáticas usadas na língua, pois o significado dessas expressões não pode ser compreendido através da sua decomposição em partes menores. A segunda, desenvolvida por Adele Goldberg, tomou como base os trabalhos desenvolvidos por Fillmore e Kay, mas expandiu sua aplicação ao trabalhar com construções regulares da linguagem ordinária.

Finalmente, a teoria da gramaticalização tem como foco o processo que ocorre com algumas palavras que adquirem, em determinados contextos, uma função gramatical ou palavras que já possuem uma função e acabam adquirindo outra. Uma vez que a língua é concebida como uma entidade dinâmica, essas mudanças são geradas por um processo contínuo de uso da língua.

Embora considerada uma disciplina, a Lingüística Cognitiva é uma abordagem ao estudo da relação entre linguagem e pensamento, i.e., língua e mente, e inscreve-se, portanto, na lingüística e nas ciências cognitivas (EVANS, 2007). A figura 1 sintetiza a organização da Lingüística Cognitiva apresentada acima.

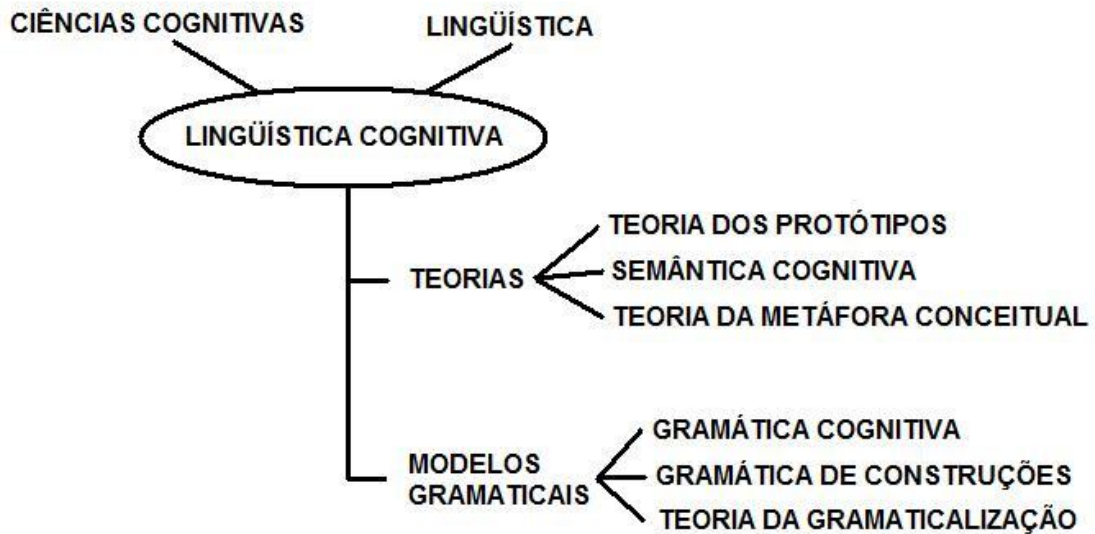


Figura 2 - Linguística Cognitiva

1.1.1. A teoria da metáfora conceitual

Em 1979, Michael Reddy publica um artigo no qual relata que 70% das expressões utilizadas em língua inglesa para falar sobre a linguagem têm como base a metáfora do canal, i.e., uma série de expressões lingüísticas que geram a idéia de que a comunicação humana ocorre através do envio e recebimento de pacotes, (e.g. “Você sabe muito bem que eu lhe dei aquela idéia”; “Sempre que você tiver uma boa idéia tente capturá-la em palavras”). Em outras palavras, o que Reddy mostra com dados na língua inglesa é que a comunicação humana pode ser entendida através da transferência física de pensamentos e ações. Assim, quando dizemos “dei aquela idéia”, estamos tratando “idéia” metaforicamente como um objeto físico, que pode ser tocado e repassado para outra pessoa. Da mesma forma, quando dizemos “capturá-la em palavras”, estamos metaforizando “idéia” como algo possível de ser tocado e aprisionado.

O artigo de Reddy “teve uma importância central no desenvolvimento da

teoria da metáfora conceitual de Lakoff e Johnson”³, conforme afirma Grady (1998, p. 205). Lakoff e Johnson (1980) observaram os dados mostrados por Reddy e identificaram que a metáfora do canal compreende-se de uma série de correspondências convencionais, a saber: IDÉIAS (OU SIGNIFICADOS) SÃO OBJETOS; EXPRESSÕES LINGÜÍSTICAS SÃO RECIPIENTES; e, COMUNICAR É ENVIAR. Essas correspondências, segundo os autores, seriam responsáveis pelos exemplos encontrados por Reddy na língua.

O resultado das reflexões de Lakoff e Johnson (1980) sobre os dados de Reddy, levou-os à observação da ocorrência de diversas outras expressões metafóricas na língua, de forma que os autores desenvolvem um novo ponto de vista filosófico, denominado Experiencialismo, segundo o qual o homem faz parte do meio e sua interação com esse meio, incluindo as outras pessoas, é responsável pela compreensão que tem do mundo (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Inovadora também, embora até hoje alvo de críticas, é a maneira como os autores caracterizam o pensamento: a mente imaginativa (pensamento) é corpórea, i.e., baseada na experiência corporal do homem com o mundo; tem propriedades gestálticas, pois agrupa conjuntos de informações sobre conceito em blocos, permitindo agilizar o acesso às informações; e é imaginativo, o que explica a capacidade do pensamento abstrato.

Note-se que a visão de Lakoff e Johnson veio de encontro à teoria objetivista, que prega um mundo baseado em condições de verdade na qual os objetos possuem seu valor independente do conhecimento do homem e a linguagem é considerada um espelho da mente. Na visão objetivista, as pessoas utilizam a linguagem de forma objetiva, pois toda linguagem convencional é literal. Isso significa dizer que as palavras, na sua maioria, possuem significados fixos e as pessoas só conseguem estabelecer uma comunicação precisa através dessa linguagem objetiva. Já as metáforas, as

Tradução minha. Todas as traduções não referenciadas são de minha autoria.

³ The “conduit metaphors”, [...], has played a central role in the development of Lakoff and associates’ linguistic theory of conceptual metaphor.

metonímias ou quaisquer outras expressões idiomáticas são recursos lingüísticos só encontrados em discursos especiais, como a poesia e a retórica, sem nenhum valor cognitivo e que não tem o compromisso de mostrar com clareza o real significado do que se fala. Assim, a ciência, por exemplo, deveria ser feita unicamente com a razão e o sentido literal, pois só através deles conseguiríamos entender por completo o que se quer mostrar, enquanto à poesia poderia ser repleta de imaginação, metáfora e metonímia.

A partir dos anos 80, o estudo da metáfora passa a ser o foco de vários pesquisadores em todo o mundo, o que gera a sua integração aos estudos cognitivos, mais precisamente, da Lingüística Cognitiva. Esta, até certo ponto, é considerada heterogênea, inclusive merecendo o adjetivo “cognitiva”, por incorporar uma grande quantidade de dados de outras disciplinas cognitivas, pois “busca entender ativamente as correspondências entre o pensamento conceitual, a experiência corpórea e a estrutura lingüística”, ao mesmo tempo em que “procura descobrir os conteúdos reais da cognição humana”⁴ (GIBBS, 1996, p. 49), e não apenas a forma como as estruturas da linguagem e do conhecimento humano são organizadas.

Como não podia deixar de ser, inúmeras críticas surgiram sobre a viabilidade da Teoria da Metáfora Conceitual. Contudo, por outro lado, vários pesquisadores tornaram-se adeptos de tal teoria e gradualmente contribuíram para que a teoria criasse bases mais sólidas. Em meio a essas contribuições, em 1997, surge a Hipótese da Metáfora Primária. Grady, em sua tese de doutorado, propõe uma nova categorização da teoria da metáfora conceitual, que não exatamente contrapõe o que foi dito anteriormente por Lakoff e Johnson, mas, ao contrário, complementa e refina pontos que não ficaram totalmente esclarecidos na Teoria da Metáfora Conceitual até então.

Grady defende que as metáforas conceituais podem ser divididas em Primárias, aquelas que são “geradas de correlações entre dimensões distintas de

⁴ “it (a) actively seeks correspondences between conceptual thought, bodily experience, and linguistic structure, and (b) because it seeks to discover the actual contents of human cognition”.

experiências corpóreas básicas, independentes de influências culturais” (LIMA, 1999: 23), ou Compostas, aquelas que são geradas pela união de duas ou mais metáforas primárias. O autor coloca que as metáforas primárias devem ocorrer translingüísticamente, por serem baseadas em experiências humanas universais, já as compostas podem ou não ocorrer entre línguas diferentes, pois dependerá da combinação entre metáforas primárias.

Lima, Gibbs e Françoço (2001) estudaram a metáfora primária DESEJAR É TER FOME em língua portuguesa e inglesa, dentro dos parâmetros estabelecidos por Grady (1997b). Segundo os autores, quando dizemos: *estou com sede de bola; ele tem fome de poder*; o desejo (conceito mais abstrato) é expresso em termos da fome (conceito físico), porque quando sentimos fome sempre experienciamos o desejo pelo alimento. Ou seja, estas são sensações recorrentes na experiência humana e quando uma ocorre a outra também acontece.

Para verificar a validade psicológica dessa metáfora, os autores realizaram alguns experimentos envolvendo questões que buscavam verificar como brasileiros e americanos entendiam a fome e o desejo. Segundo os autores, seus “achados corroboram a idéia de que o entendimento que as pessoas têm de expressões metafóricas sobre os desejos humanos [...] são motivados por suas experiências corpóreas relacionadas à fome” (LIMA, GIBBS, FRANÇOZO, 2001, p. 127).

Além de resultados experimentais que validam a hipótese de Grady, Lima e colaboradores apresentam um grande número de exemplos dessa metáfora em vários e diferentes gêneros discursivos. A importância de se coletar exemplos da metáfora em gêneros discursivos diferentes é fundamental, pois mostra que ela não ocorre apenas em um gênero específico, mas está presente na linguagem como um todo, de textos científicos a textos poéticos. Alguns exemplos encontrados pelos autores foram:

- (1) O que perdeu foi o apetite das riquezas (Nascentes)⁵
- (2) Our insatiable appetite for, mainly Japanese, imports (Bank of English)⁶
- (3) Nossos políticos têm uma insaciável sede pelo poder (Isto é)⁷
- (4) She has a mind thirsty after knowledge (Oxford)⁸
- (5) Fome de Lucros: Atuação das Multinacionais de Alimentos e Remédios na América Latina (Ledogar & Kucinski)⁹
- (6) Her body hungered for him (Deignan)¹⁰

Os pesquisadores mostram que “a metáfora DESEJAR É TER FOME é uma metáfora conceitual tanto em português quanto em inglês, cuja realização lingüística é bastante semelhante nas duas línguas” (LIMA, GIBBS, FRANÇOZO, 2001, p.122). Contudo, observam que a ocorrência dos termos pode variar em cada língua, a depender do tema ou gênero discursivo.

Dessa forma, o trabalho desenvolvido pelos autores vem corroborar a hipótese de Grady (1997b) a respeito da existência das metáforas primárias e que posteriormente foi também adotada por Lakoff e Johnson (1999). Atualmente, inúmeras outras pesquisas são realizadas em todo o mundo e os resultados confirmam a ligação existente entre nossas experiências corpóreas, a linguagem e o pensamento.

Com o crescente número de pesquisadores interessados nos estudos da metáfora, especificamente, percebeu-se a necessidade da criação de uma associação internacional, que foi fundada em 2006, durante a VI *Conference of Researching and Applying Metaphor*, ou RaAM6, na Inglaterra. Os encontros do RaAM ocorrem normalmente a cada 2 anos, em diferentes lugares do mundo. No Brasil, o Congresso

⁵ NASCENTES, A. **Dicionário da língua portuguesa**. Brasil: Academia Brasileira de Letras, 1964.

⁶ Bank of English: versão demo disponível no site titania.cobuild.collins.co.uk/form.html

⁷ Revista Isto é publicada no dia 06/01/1999.

⁸ The Oxford English Dictionary. **A New English Dictionary on Historical Principles**. Oxford: At the Clarendon Press, 1961.

⁹ LEDOGAR, R, J. & KUCINSKI, B. **Fome de Lucros: Atuação das Multinacionais de Alimentos e Remédios na América Latina**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1977.

¹⁰ DEIGNAN, A. Metaphors of desire. In Harvey, K. & SHALOM, C. (eds.), **Language and desire: encoding sex, romance and intimacy**, London, New York: Routledge, 1997, p. 21-42.

sobre a Metáfora na Linguagem e no Pensamento foi realizado duas vezes e a sua importância para o desenvolvimento nacional da área é grande. Sua terceira edição está sendo organizada pelo GELP, em Fortaleza, para realizar-se em outubro de 2008.

1.1.2. A mente corpórea

Dentre os vários pontos inovadores da Teoria da Metáfora Conceitual o que gera um maior impacto é, sem dúvida, a relação que os autores afirmam existir entre a mente e o corpo. Por isso, nos próximos tópicos abordaremos algumas questões sobre a mente para que possamos ter uma visão mais completa de sua importância para a teoria e de quão revolucionário foi vinculá-la ao corpo.

1.1.2.1. Mente X Cérebro

Se solicitássemos agora a alguém para elaborar uma definição de cérebro, como ela seria? Quais aspectos estariam envolvidos? Que imagens seriam criadas? E se pedíssemos para definir o que é mente? Seriam envolvidos os mesmos aspectos usados para cérebro? Relacionados com as mesmas imagens? Com certeza a definição de cérebro seria muito mais fácil de ser elaborada do que a de mente. Além disso, quando pensamos em cérebro, temos uma imagem bem mais concreta do que quando pensamos em mente.

Quando iniciamos nossas leituras, percebemos o uso da palavra mente em grande parte do material a respeito de metáforas conceituais. Além disso, percebemos que ela se relaciona com a palavra corpo e tem uma grande importância para a teoria. Contudo, não achamos uma única menção à palavra cérebro e, tão pouco, a diferença entre mente e cérebro foi discutida claramente nos textos pesquisados. Por isso, nesta parte do nosso trabalho, pretendemos, inicialmente, demonstrar que os conceitos de mente e cérebro são diferentes, embora relacionados.

Quando procuramos no dicionário, facilmente, vemos como essas palavras

possuem conceitos distintos. No dicionário Ferreira (1999), por exemplo, podemos encontrar três diferentes acepções para a palavra mente, são elas: 1. Intelecto, pensamento, entendimento; alma, espírito. 2. Concepção, imaginação. 3. Intenção, intuito, desígnio, disposição, tensão. Já para a palavra cérebro encontramos as seguintes definições: 1. Porção do encéfalo que ocupa, na caixa craniana, toda a parte superior e anterior. 2. Fig. inteligência, cabeça, talento.

O que podemos perceber com isso é que cérebro é definido como o órgão humano localizado no interior do crânio e mente está relacionada ao funcionamento do órgão cérebro. A mente seria assim um software (como o Windows ou Linux) que é capaz de gerenciar outros programas, enquanto o cérebro seria o hardware (como um HD, memória RAM e Processador) que é responsável pelo funcionamento dos softwares. Não estamos com essa comparação fazendo menção ao paradigma “mente como uma máquina” descrito em Lakoff (1987), no qual o autor critica que nesse paradigma “a mente é descorporificada, abstrata e independente das funções corpóreas”¹¹ (LAKOFF, 1987, p. 338). Além disso, segundo o autor, esse paradigma vê a mente como um computador com um hardware que possibilita o uso de programas onde a interpretação de informações é apenas decodificação de algoritmos. Por isso, gostaríamos de deixar claro que não fazemos referência a essa metáfora, pois na nossa visão sobre o funcionamento da mente e do cérebro, eles estão diretamente relacionados com as atividades corpóreas e entre si de maneira complexa e constante.

Com a comparação pretendemos, apenas, possibilitar ao leitor uma diferenciação inicial e explicar o motivo do uso da palavra mente e não da palavra cérebro nos estudos cognitivos. Por isso, na próxima sessão mostraremos, de forma mais aprofundada, como a mente vem sendo definida ao longo dos anos.

¹¹ “the mind is disembodied, abstract, and independent of bodily functioning”.

1.1.2.2. Mas afinal, o que é a mente?

O conceito de mente não é estável e vem sofrendo modificações ao longo dos anos. Desde a Grécia antiga até os dias atuais, esse conceito vem sendo discutido e reelaborado. Segundo Abrantes (2005), os primeiros a elaborar respostas para o conceito de mente na cultura ocidental foram os filósofos gregos. Contudo, suas respostas para definir o que é a mente não possuíam uma abordagem única sobre o conceito, o que já era de se esperar, pois mesmo hoje com todos os recursos que temos nos vários campos do saber, tal conceito ainda é intensamente debatido e controverso. Pucci Jr (2004) afirma que, os questionamentos sobre a mente, também objetivavam desvendar os mistérios do pensamento. Nesse aspecto, “as idéias variam tanto com relação à natureza, atribuída, por exemplo, a espíritos ou substâncias em outro plano diferente do material, quanto com relação à sua ligação e localização no corpo, atribuída, por exemplo, ao coração ou ao cérebro ou ainda à glândula pineal” (PUCCI JR, 2004, p. 2). Mesmo com o avanço nas pesquisas, o conceito de mente ainda não é claramente delimitado e nem tão pouco simples de ser definido e entendido na nossa linguagem.

Uma das visões mais fortes sobre a mente prega que não há nenhuma relação entre a mente e o corpo. A influência dessa maneira de pensar é notada até os dias de hoje em algumas correntes mais tradicionais e no conhecimento geral das pessoas. Segundo Cardoso (1998), “em tais teorias, a mente era vista como um sinônimo da alma, formando uma parte integrante da cultura religiosa prevalecente”. Essa visão dualística admitia que o cérebro é uma entidade mecânica e que a mente é uma entidade com característica física não definida.

Cardoso (1998) afirma que:

“Mente é uma definição que tenta resgatar a essência do homem. A essência de uma pessoa emerge da existência de funções mentais que permitem a ela pensar e perceber, amar e odiar, aprender e lembrar, resolver problemas, comunicar-se através da fala e da escrita, criar e destruir civilizações. Estas expressões estão estreitamente relacionadas ao funcionamento cerebral.

Assim, sem o cérebro, a mente não pode existir, sem a manifestação comportamental, a mente não pode ser expressada.”

Dessa forma, a autora afirma que se compreendermos a mente como algo que envolve um conjunto de operação cognitivas, que vai além do espírito, alma ou substância imaterial, encontraremos uma maior facilidade em realizar pesquisas empíricas que poderão dar resultados mais expressivos e que não só darão respostas sobre aspectos cognitivos do homem, mas também trará avanços no conhecimento de doenças mentais e na compreensão de crenças e culturas existentes.

1.1.2.3. A mente fora do corpo

Em artigo intitulado “*Can minds leave bodies? A cognitive science perspective*”, publicado em 2003, Bensley aborda questões que envolvem a relação dualística entre mente/alma e corpo sob a visão da lingüística cognitiva. Para o autor, essa visão dualística tem origem no mundo grego, onde se separava corpo e alma. O filósofo grego Platão acreditava que nosso corpo nada mais era do que um recipiente capaz de armazenar a alma e a mente, a parte imortal que sai do corpo na morte para ser reencarnada.

A influência exercida pela visão dualística entre corpo e mente é muito maior do que se pode acreditar. Ela está de tal maneira incorporada na sociedade que em alguns casos é responsável por atitudes extremas. No caso “Heavens Gate”, por exemplo, um grupo de jovens acreditava que a terra estava próxima a sofrer uma reciclagem com a passagem do cometa Hale-Bopp, em 1997, pois uma nave extra terrestre viria escondida na calda do foguete e levaria as almas de todos os integrantes da “Heavens Gate” para um mundo melhor. Para que isso acontecesse, o líder do grupo religioso e mais de trinta e oito seguidores cometeram suicídio coletivo, acreditando que o corpo humano seria apenas um veículo que os ajudariam em sua jornada aqui na terra (GLEICK, 1997). Segundo GLEICK, “... as vítimas acreditavam que seus corpos eram meros “recipientes” irrelevantes, que deveriam ser deixados pra trás quando

fossem levados pelos extraterrestres”¹²

Como reflexo dessa visão dualística, Bensley (2003) também explora as “experiências fora do corpo” e cita pesquisa realizada por Rogo, onde este constatou que entre 10% a 20% da população afirmam já ter passado por esse tipo de experiência. Muitos de nós já passamos ou, no mínimo, ouvimos relatos de pessoas que já passaram por experiências em que conseguiam ver seu corpo, enquanto dormiam, deitado no local onde estavam e que conseguiam “andar” por vários ambientes. Existem experimentos nos quais os pesquisadores pedem para as pessoas que tiveram essas experiências fora do corpo descreverem os locais por onde estiveram e os objetos que viram, contudo Bensley não acredita que esses experimentos sejam totalmente confiáveis para se afirmar que de fato as pessoas saem do corpo.

O autor mostra que estudos cognitivos apontam que o cérebro representa o corpo de forma visual e somática. Nesse sentido, o autor questiona se as experiências fora do corpo não seriam uma forma desse tipo de representação que o cérebro faz. Compara essa representação ao fato de algumas pessoas com membros amputados continuarem sentindo dores nesses membros, mesmo eles não existindo mais. Além disso, várias pesquisas com base em estudos cerebrais indicam que as experiências fora do corpo estão estritamente relacionadas com estímulos a determinadas áreas do cérebro. Esses estímulos podem ser de tipos diferentes, como exemplificado por pesquisadores do assunto. Alguns os atribuem a pessoas que possuem uma maior capacidade de armazenar imagens mentais, outros a problemas neurológicos, outros ao uso de alguns tipos de droga e há os que acreditam que o campo eletromagnético da terra exerce influência no cérebro.

De uma maneira geral, o autor sugere que as experiências corpóreas do indivíduo influenciam a maneira como a mente absorve as informações do mundo. E que, por outro lado, um sistema neurológico intacto influencia na maneira como as

¹² “...the victims may have believed their bodies were merely irrelevant "containers," to be left behind when they were whisked away by extraterrestrials”.

informações são interpretadas na mente. Assim, o autor acredita que os relatos de saída da mente/alma do corpo estão diretamente relacionados com o funcionamento do cérebro, quebrando assim o dualismo entre mente/alma e corpo.

1.1.2.4. Descartes: o fruto proibido

René Descartes (1596-1650), filósofo francês, desenvolveu uma teoria sobre a mente e o corpo que até os dias de hoje pode ser observada com grande facilidade, principalmente entre os filósofos racionalistas. Os estudos de Descartes foram influenciados pelo dualismo de Platão (428-348 A.C.), que pregava a mente e o cérebro em planos diferentes. O que levou Descartes a se destacar de outros filósofos que acreditavam na separação de mente e corpo foi a sistematização de seu trabalho, que possibilitou uma maior compreensão dessa divisão.

Descartes acreditava que a mente nada mais é do que pensamento, assim as leis da física não podem ser aplicadas a ela, ao contrário do corpo, que é suscetível às leis da causalidade e à morte. Para o autor, a alma racional faz contato com o corpo através da glândula pineal. Em seus estudos, ele observou que esta glândula está exclusivamente presente nos humanos, além de ser a única região do cérebro que não sofre divisão bilateral. Nessa glândula, as partículas mais rápidas e ativas do sangue, levadas do coração até o cérebro, se tornam num gás ou em algo que Descartes chamou de “espírito animal”. Consenza (2002) argumenta que “Descartes imaginava que filamentos existentes nos nervos (que seriam tubos) poderiam operar como válvulas, abrindo poros que deixariam fluir os espíritos animais”. Esses espíritos se deslocariam do cérebro até os músculos, o que resultaria no movimento. Outras atividades atribuídas aos espíritos animais são: a dilatação do cérebro, que permitiria absorver informações sensoriais; as habilidades e temperamentos de cada indivíduo; sonho e sono; entre outros.

Assim, lança-se a idéia do homem cartesiano, i.e., um homem que não possui ligação direta entre seu corpo e sua mente. Como consequência desse

isolamento entre mente e cérebro, as pesquisas que envolveram tanto a mente quanto o corpo passaram a ser realizadas de forma separada uma da outra.

1.1.2.5. A nova concepção

A visão dualista começou a ser questionada em meados do século XX e, mais precisamente a partir da década de 70, é que os questionamentos são feitos de maneira mais contundente. Pesquisadores que trabalhavam com a cognição começaram a perceber que a relação entre nossas experiências corpóreas com o ambiente e nosso cérebro nos permite entender o mundo da maneira que nós o compreendemos.

O modelo de mente como um computador (*cf.* LAKOFF, 1987 e LAKOFF; JOHNSON, 1999) deixou de ser considerado o mais apropriado. A respeito dessa visão computacional de mente, Johnson e Rohrer (2007, p. 19/20) afirmam que:

“se alguém pensa que o raciocínio matemático e lógico é o que distingue os seres humanos de outros animais, deve erroneamente assumir que qualquer computador que pode modelar aspectos desse traço particularmente humano pode também ser usado para modelar a cognição em geral”¹³.

A essa visão de uma mente sem relação com o corpo, Lakoff e Johnson (1980) chamaram de objetivismo. Johnson (1987, p. xxi) afirma que objetivismo é a “tradição que trata significado e racionalidade como puramente conceituais, proposicionais e algorítmicos e que, portanto, não depende de maneira alguma de extensões metafóricas de esquemas de imagens não-proposicionais.”¹⁴ Segundo Johnson (1987), os estudos que surgiram nas áreas de categorização, estruturação de conceitos, metáfora, polissemia, mudança semântica histórica, entre outras, “são

¹³ “If one thinks that mathematical and logical reasoning is what distinguishes human beings from other animals, one might erroneously assume that any computational machine that could model aspects of this peculiarly human trait could also be used to model cognition in general”.

¹⁴ “the tradition that treats meaning and rationality as purely conceptual, propositional, and algorithmic, and therefore in no way dependent on metaphorical extensions of nonpropositional image schemata”.

suficientes para radicalmente questionar visões objetivistas de significação e racionalidade”¹⁵ (JOHNSON, 1987, p. xiii).

A alternativa para o objetivismo é o experiencialismo, no qual a relação entre mente, corpo e mundo é importante para a geração e estabelecimento dos conceitos que temos. Como toda teoria revolucionária, o experiencialismo foi alvo de várias críticas que apontavam a inconsistência e a falta de dados empíricos que comprovassem o que era afirmado pelo paradigma objetivista. Rakova, (2002), por exemplo, afirma que Lakoff & Johnson fizeram uso de modelos neurais artificiais para demonstrar sua versão de incorporação da mente. Contudo, para a autora, esta foi a única evidência que eles mostraram, deixando uma lacuna por falta de estudos cerebrais realísticos que comprovassem suas afirmações.

Ao longo dos anos, várias pesquisas foram realizadas nos mais variados campos, envolvendo questões cognitivas que corroboram as idéias lançadas por Lakoff e Johnson.

Em 2005, Gibbs¹⁶ lança seu livro “Embodiment and Cognitive Science” no qual reúne uma vasta quantidade de evidências empíricas de várias disciplinas, tais como: neurologia, psicologia, lingüística, filosofia entre outras, que contribuíram com trabalhos sobre percepção, conceitos, imagens mentais e raciocínio, linguagem e comunicação, desenvolvimento cognitivo, emocional e consciência, que possibilitam uma maior compreensão sobre a noção de mente corpórea. Contudo, não é intenção do autor afirmar categoricamente que essa relação é a única responsável pela maneira como nossa mente é organizada, mas mostrar através de evidências empíricas que as conexões entre mente e corpo existem e não podem ser deixadas de lado.

¹⁵ “are sufficient to radically question Objectivist views of meaning and rationality”.

¹⁶ Raymond W. Gibbs, Jr. É Professor de Psicologia na Universidade da Califórnia, Santa Cruz, autor dos livros “The Poetics of Mind” e “Intentions in the Experience of Meaning”, além de co-editor (em conjunto com G. Steen) do periódico “Metaphor in Cognitive Linguistics” e editor do periódico “Metaphor and Symbol”.

Gibbs inicia o livro definindo que “*embodiment*”¹⁷ para as ciências cognitivas é o corpo compreendido como um todo. Isso significa dizer que possuímos uma cognição situada em nossas ações. O autor deixa claro que adota a premissa corpórea, i.e., que as experiências das pessoas com seus corpos influenciam a linguagem e o pensamento. Além disso, nessa premissa, “cognição é o que ocorre quando o corpo se engaja no mundo físico e cultural e deve ser estudada em termos de interações dinâmicas entre as pessoas e ambiente”¹⁸ (GIBBS, 2005, p. 9).

Ao longo do livro, dois pontos das ciências cognitivas receberam maior ênfase. O primeiro é a Teoria dos Sistemas Dinâmicos, i.e., a maneira como o cérebro, corpo e ambiente interagem, organizam-se e reorganizam-se para estabelecer o comportamento e a cognição do indivíduo. O segundo é a natureza corpórea da mente e da linguagem, i.e., a maneira como falamos está diretamente relacionada com as nossas experiências físicas e a maneira como nossa mente absorve essas informações e as usa na estruturação de conceitos.

Os conceitos de esquema corporal e imagem corporal também foram discutidos e o autor discorre como danos neurológicos podem afetar a maneira como alguém percebe seu corpo e as experiências corporais. Além disso, Gibbs mostra pesquisas que afirmam como ações, sensações e experiências corpóreas dos outros se tornam significativas para nós. Também é relatado que a percepção que temos do nosso corpo é maior quando estamos envolvidos com o ambiente e em interações com outras pessoas.

Um ponto interessante é a afirmação que a cultura e o ambiente influenciam a maneira como interpretamos certos eventos, pois diferentes atividades corpóreas podem adquirir diversos significados em determinadas culturas. Ou seja, a percepção e

¹⁷ O autor credita o conceito inicial de “*embodiment*” a Piaget e suas pesquisas, que nos anos 50 ressaltaram a importância das experiências corpóreas das crianças para um desenvolvimento cognitivo posterior.

¹⁸ “Cognition is what occurs when the body engages the physical, cultural world and must be studied in terms of the dynamical interactions between people and the environment”

a ação também sofrem influência do corpo, uma vez que a experiência perceptual está relacionada com nossos cinco sentidos (conseqüentemente com nosso corpo inteiro) e sua interação com o mundo em que vivemos.

O autor explora a relação existente entre os esquemas de imagem e a natureza metafórica de conceitos abstratos, como a atividade física possibilita a geração de esquemas de imagem e como o relacionamento desses esquemas de imagem com conceitos metafóricos possibilitam a compreensão de conceitos abstratos. Portanto, nossas experiências corpóreas também estão relacionadas com o desenvolvimento das atividades cognitivas de ordem maior, tais como: as imagens mentais, a memória e o raciocínio. Isso não significa dizer que todos os aspectos ligados a essas atividades são ligados ao corpo, mas o corpo também é muito importante e exerce uma grande influência no pensamento.

Da mesma forma, conforme Gibbs, a comunicação humana está totalmente ligada ao corpo, desde o aparelho fonador até os gestos e expressões corporais que realizamos, que exercem grande influência na compreensão da mensagem que estamos transmitindo. Ressalta-se que, nessa comunicação, a linguagem usada é permeada de expressões metafóricas, geradas através de nossas experiências físicas com o mundo em que vivemos. Essas expressões podem ser similares em diferentes culturas, uma vez que interpretamos as sensações corpóreas de maneira semelhante.

A questão da mente corpórea é apenas um dos conceitos complexos com os quais temos que lidar na Teoria da Metáfora Conceitual. Talvez seja o conceito mais diferente e inovador, além de controverso, advindo dos estudos das ciências cognitivas, mas certamente é um conceito básico para aqueles que lidam com a linguagem na perspectiva da Lingüística Cognitiva. Sua compreensão, portanto, é fundamental para aqueles que desejam explorar essa área.

Além disso, na identificação de termos e compreensão de seus conceitos, para organizar nosso glossário, precisamos de uma teoria que dê base à sua estrutura.

Exploramos esse tema na próxima seção.

1.2. A Terminologia

Os estudos terminológicos fazem parte de um grupo maior que chamamos de ciências do léxico. As ciências do léxico são divididas de acordo com o seu foco de estudo, i.e., as unidades terminológicas, que podem ser o léxico comum e o léxico especializado. Segundo PONTES (2008, p.8, PRELO), o léxico comum “integra as palavras que podem ser utilizadas em qualquer contexto discursivo”, quer dizer, as palavras que nos utilizamos diariamente e que não estão vinculadas exclusivamente a nenhuma área do saber. As ciências que estudam o léxico comum são divididas em: lexicologia, responsável pelo estudo do léxico geral de uma língua; e lexicografia, responsável pela elaboração de dicionários de uma língua.

Já as ciências que têm como foco as unidades terminológicas especializadas podem ser divididas em Terminologia, ou lexicografia especializada, responsável por estudar o léxico de uma área de especialidades; e terminografia, responsável pela elaboração de glossário e dicionários de uma ou mais áreas técnicas.

Neste trabalho, estudamos as teorias da Terminologia para nos dar suporte no modelo proposto de glossário de termos da Teoria da Metáfora Conceitual.

1.2.1. Um breve histórico sobre a Terminologia

A necessidade de dar nome e definir coisas já havia sido observada na Antiguidade em textos de Platão, que, “...através do método da divisão, procurava chegar a definições”, pois acreditava que se poderia “obter a definição de uma espécie por sucessivas divisões do gênero em que ela estiver contida” (ARISTÓTELES, 2005, p. 139). Diante de tal fato, podemos afirmar que as reflexões sobre como definir o mundo à nossa volta são tão antigas quanto a necessidade de realizar descobertas e as denominações referentes a elas.

Mesmo sendo uma prática antiga, o desenvolvimento da Terminologia é relativamente recente. Nos séculos XVII e XVIII, houve várias publicações, principalmente de dicionários e enciclopédias, que traziam o léxico especializado em seu corpo. É no século XVIII que se estabelecem o Latim e o Grego como nomenclaturas oficiais de ciências como Botânica, Zoologia, Química entre outras. No século XIX, há uma ratificação de que a linguagem científica deveria ser clara e estável. Tal pensamento adentrou o século XX e gerou uma grande explosão na busca por essa clareza e estabilidade do léxico especializado (cf. KRIEGER; FINATTO, 2004). Como resultado desta busca, principalmente na segunda metade do século, apareceram teorias que visavam estabelecer critérios para o fazer terminológico.

O desenvolvimento dos diversos campos da ciência aliado ao surgimento constante de novos campos fizeram com que inúmeras palavras consideradas chaves em uma área acabassem se misturando e aparecendo em várias áreas de estudo. Em algumas delas, ocorre a mudança de significado, já em outras, o significado permanece, sendo assim, absorvido por uma nova área. Como exemplo, podemos citar o caso da palavra “vírus” que inicialmente era utilizada na Medicina e que adquiriu um novo significado na Informática.

Assim, a Terminologia chega ao século XXI como uma importante área do conhecimento, uma vez que seus estudos são indispensáveis para a divulgação e ampliação do conhecimento.

1.2.2. O que é a Terminologia?

Para que haja uma ampla divulgação e entendimento por parte dos grupos de pesquisadores é necessário que seja adotada entre eles certa coerência em relação a como se fala e o que se fala de determinado assunto, obedecendo, assim, às características peculiares de cada área. Eis aí a relevância de se ter um estudo que seja capaz de observar como as palavras são utilizadas em uma dada área. Tais

palavras são chamadas de termos e são o foco dos estudos terminológicos.

O estudo do léxico especializado é a ciência responsável pelos estudos das unidades terminológicas. Como já mencionado anteriormente, pode ser dividida em Terminologia, ou lexicografia especializada, e terminografia, responsável pela elaboração de glossário e dicionários de uma ou mais áreas técnicas. É importante diferenciar Terminologia com T maiúsculo e terminologia com t minúsculo. A primeira está relacionada com o campo de estudo ou disciplina, com seus aportes teóricos e metodológicos, já a segunda, representa o conjunto de termos de uma área científica.

Inicialmente, a Terminologia como disciplina científica surge no início séc. XX e tem como pai o engenheiro austríaco Eugen Wüster que, em suas obras, procurou desenvolver um padrão para o uso dos termos técnico-científicos com o intuito de alcançar a univocidade comunicacional no plano internacional. Além da escola de Terminologia de Viena, fundada por Wüster, foram criadas as escolas de Praga e a da Rússia. De uma maneira geral, as três são consideradas como clássicas por terem sido as primeiras a realizarem reflexões sistemáticas sobre o uso de terminologias e por possuírem características em comum, como a valorização dos aspectos conceituais sobre os lingüísticos. Segundo Wüster, as terminologias expressam conceitos, pois estes são universais e estáveis. Por isso, o autor optou por considerá-los como foco dos estudos terminológicos. Além disso, as escolas clássicas tentam padronizar o uso dos termos técnicos-científicos, pois, segundo elas, só assim a ciência seria capaz de assegurar a comunicação entre especialistas.

Barros (2006) descreve que:

A terminologia, enquanto estudo do vocabulário das áreas técnicas e científicas, desempenha um papel fundamental nesse processo. Suas pesquisas têm-se desenvolvido de modo intenso nas últimas décadas; suas bases teóricas têm sido revistas e novos modelos propostos; diferentes campos de atuação têm-se aberto, apresentando-se novos desafios. (BARROS, 2006, p. 22)

Cabré (1998, p. 5), que possui uma visão mais moderna de Terminologia,

afirma que “...a terminologia enquanto disciplina se propõe a dar conta de como o conhecimento especializado se estrutura em unidades conceituais e denominativas que formam parte de um sistema de expressão e facilitam um determinado tipo de comunicação, a comunicação especializada”¹⁹.

Assim, percebemos que a Terminologia pode ser definida como a ciência que estuda a linguagem utilizada em contextos especializados. Sua análise tem como foco os termos-técnicos científicos, também conhecidos como unidades terminológicas, visando gerar uma comunicação mais eficiente entre emissores e receptores de uma determinada área.

1.2.3. Correntes da Terminologia

As correntes que estudam o léxico especializado podem ser divididas em três principais. O surgimento de cada uma deu-se através das reflexões geradas em cima das necessidades de pesquisadores de elaborar definições que abrangessem o conteúdo desejado.

Wüster, sem dúvida, é o maior nome na primeira fase dos estudos terminológicos no século XX. Com sua tese intitulada *Internationale prachnormung in der Technik, besonders in der Elektrotechnik* (Normalização Internacional na Técnica Especialmente na Eletrotécnica), na Universidade Técnica de Stuttgart, o autor lançou as bases para o que seria a Teoria Geral da Terminologia (doravante TGT).

A TGT foi oficialmente lançada em 1979 por Helmut Felber, discípulo de Wüster, a partir de anotações de classe realizadas durante as aulas. Como característica, a TGT possui uma perspectiva normativa, pois seu intuito é estabelecer uma padronização dos termos técnicos. Além disso, os termos não são vistos como

¹⁹ “... la terminologia como disciplina se propone dar cuenta de cómo el conocimiento especializado se estructura en unidades conceptuales y denominativas que forman parte de un sistema de expresión y facilitan un determinado tipo de comunicación, la comunicación especializada”.

elementos naturais da linguagem, pois são entendidos como unidades de conhecimento capazes de comportar denominações. Na TGT há a prevalência do conceito do termo sobre o lingüístico, defendendo a idéia “de que os termos expressam conceitos e não significados” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p.33), uma vez que os significados são passíveis de variações e são lingüísticos. Já os conceitos científicos são universais, paradigmáticos e não estão sujeitos a mudanças com o passar dos anos. Assim, a teoria desenvolvida por Wüster é considerada importante, pois “auxiliou a Terminologia a estabelecer-se como campo de conhecimento com fundamentos epistemológicos e objeto próprio de investigação” (Ibid, p. 32).

Mesmo com a grande colaboração para a área, a teoria wüsteriana foi alvo de críticas, a principal focando a questão da univocidade dos termos. De acordo com Finatto (2001),

“desda metade da década de 80, acentua-se a percepção por parte de pesquisadores franceses e canadenses de muitas das insuficiências e inviabilidades da TGT para situações reais de comunicação especializada e do gerenciamento de usos terminológicos, principalmente quando línguas diferentes estão em contato” (FINATTO, 2001, p. 64).

Nesse contexto, sob a influência da pragmática e da sociolingüística no âmbito dos estudos lingüísticos, há o surgimento da idéia de uma socioterminologia que quebraria a visão tradicional wüsteriana. Assim, a socioterminologia ocupa-se “do estudo dos termos sob uma perspectiva lingüístico-social, isto é, fundamenta-se na análise das condições sociais e lingüísticas de circulação dos termos” (JESUS; BARROS, 2005 p. 1386). Surge, a partir de então, uma série de críticas ao fazer terminológico, que repercutiram ao longo da década de 80 entre terminólogos de todo o mundo. Dessa maneira, novas investigações terminológicas foram surgindo com um enfoque de base lingüístico-comunicacional, gerando novas correntes teóricas, entre elas, a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) e a Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST).

No início da década de 90, Cabré e um grupo de pesquisadores do Instituto

de Lingüística Aplicada da Universidade de Pompeu Fabra, em Barcelona, a partir de reflexões sobre os pressupostos da TGT, lançam a TCT (KRIEGER; FINATTO, 2004). Segundo essa nova teoria, a priori não há termos fixos, mas apenas unidades lexicais que podem assumir o caráter de termo em função do seu uso em um determinado contexto e situação. Dessa forma, o significado de um termo poderia variar dependendo do cenário comunicativo no qual está inserido, isto é, Cabré dá ênfase à dimensão textual e discursiva dos termos e confirma a possibilidade de os conceitos e de as denominações variarem nos domínios de especialidade. Com isso, a autora possibilita que as pesquisas de cunho terminológico descrevam a língua nos seus vários níveis.

Ao contrário do que a TGT pregava, a TCT despreza os aspectos normalizadores, tendo como foco principal a função comunicativa das linguagens especializadas. Conforme afirma Finatto (2001), “o texto em Terminologia deixa de ser apenas uma fonte de coleta de frases e passa a ser reconhecido na sua potencialidade de significação como um todo” (FINATTO, 2001, p. 126).

Outro ponto focado pela TCT são os cenários comunicativos onde as unidades terminológicas estão inseridas. Na TGT “o termo é sempre cunhado por e para especialistas, garantindo o ideal de monossemia através da exclusividade denominativa” (KRIEGER 2001, p.26). Contudo, Pearson (1998) classifica a existência de quatro cenários comunicativos e, em cada um, há diferentes graus do uso da terminologia da área. Como resultado, um texto poderá ser considerado mais ou menos específico dependendo de quem e a quem ele se destina. Para a autora, “os termos só podem ser considerados como termos quando eles são usados em certo contexto e toda a discussão sobre sua autenticidade é irrelevante se a discussão não tem como base a realidade”²⁰ (PEARSON, 1998, p. 36) na qual são usados.

Os cenários comunicativos classificados por Pearson (Ibid) são os seguintes:
Comunicação entre especialistas, entre especialistas e iniciados, entre especialista

²⁰ “... terms can only be considered as terms when they are used in certain contexts and that all of the discussion about whether or not a term is really a term is irrelevant if the discussion is not rooted in reality”

mediano e não iniciado, e entre professor e aluno.

Na comunicação entre especialistas, há um alto uso de terminologias, pois é assumido que tanto o autor quanto o leitor da comunicação especializada possuem o mesmo nível de conhecimento dos termos. Entre os cenários comunicativos citados, este é o que possui a maior densidade de termos.

Durante o processo de elaboração dos *corpora*, percebemos que parte dos textos utilizados tinha este cenário como foco, pois não apresentavam definições dentro do próprio texto que ajudassem ao leitor compreender o significado dos termos.

Na comunicação entre especialistas e iniciados, ocorre o encontro entre profissionais com alto grau de conhecimento do assunto com outros que possuem algum conhecimento do assunto, mas não no mesmo nível dos especialistas. A densidade terminológica encontrada nos textos é menor, pois há uma maior necessidade de explicação da terminologia usada. Além disso, nesse contexto, a comunicação tem como função auxiliar os iniciados a aprimorar seus conhecimentos através de explicações detalhadas e específicas.

Este foi o cenário comunicativo que procuramos nos textos escolhidos para compor os *corpora*, pois textos com esse cenário foram os que mais nos forneceram dados para a elaboração das definições. Além disso, foi neste cenário que pensamos quando criamos as definições, pois o nosso foco é possibilitar aos iniciados uma melhor compreensão dos conceitos da teoria.

Na comunicação entre especialista mediano e não-iniciado²¹, o especialista mediano pressupõe que o não-iniciado tenha um bom conhecimento da língua geral, mas não tem nenhum conhecimento sobre o assunto em questão, pois não está envolvido com o tema nem profissionalmente, nem por motivos pessoais. Por isso, a

²¹ Entende-se por não iniciados, pessoas que possuem uma formação geral, mas não em um determinado assunto

densidade terminológica encontrada nesse cenário é menor que nos dois outros contextos comunicativos já explicitados, pois os atores usam com mais freqüência uma linguagem não especializada para que possa haver entendimento entre as partes interessadas.

No último cenário, professor e aluno, o professor tem consciência de que o aluno não possui conhecimento prévio do assunto, mas necessita adquiri-lo. A comunicação é focada para a formação desses conceitos básicos. O que diferencia o aluno do não-iniciado é que os primeiros necessitam aprender sobre um tema específico. Há uma grande quantidade de explicações por parte do professor para que o conhecimento seja adequadamente construído entre os membros da interação. Além disso, o professor utiliza em seus textos recursos como a explicação e a definição, expressos na língua geral ou em linguagem técnica simplificada.

Outro ponto abordado pela TCT é que ela admite não existirem fronteiras entre o léxico comum e o léxico especializado. Nesse caso, os termos são compreendidos como elementos naturais dos sistemas lingüísticos e estão sujeitos às mudanças das realizações textuais e discursivas. Com o grande entrelaçamento de diversas áreas em si e com a língua geral, há uma transferência terminológica de uma área para outra e há incorporação de uma ou mais palavras do léxico geral para uma área especializada. Assim, a TCT rompe com vários pressupostos assumidos pela TGT e ganha espaço entre os terminólogos, devido às suas bases teóricas mais abrangentes, por isso, mais capazes de resolver problemas da área.

A teoria Sociocognitiva da Terminologia (TSC) surgiu no ano 2000, tendo como sua idealizadora Rita Temmerman, que, em sua tese de doutorado, intitulada “Terminology Beyond Standardisation: Language and Categorisation in the Life Sciences”, afirma que os termos devem ser considerados unidades de compreensão e de representação, pois funcionam como modelos cognitivos e culturais. A autora tomou como base estudos realizados por George Lakoff (1987) nos quais o autor descreve a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados. Partindo do pressuposto de que

há construção do conhecimento humano através da nossa experiência com o mundo em que vivemos, Lakoff descreve a existência de cinco modelos de experienciar essa realidade, a saber: o modelo de esquemas de imagens; o modelo proposicional; o modelo metonímico; o metafórico e o simbólico. É através desses modelos que, segundo o autor, uma pessoa faz a construção dos significados de expressões lingüísticas.

De acordo com Krieger e Finatto (2004, p.37), na TSC "...o conhecimento corresponderia a um padrão sócio-cognitivamente modelado, constituído em diferentes módulos que podem alcançar desde informações históricas, categoriais até informações relativas a procedimentos". Segundo as autoras, Temmerman afirma que os termos estão sempre evoluindo, tal fato ocasiona a ocorrência de sinonímia e polissemia, através de processos com base metafórica.

Dessa forma, podemos perceber que, de uma maneira geral, as discussões sobre Terminologia estão voltadas para dois pontos de vista distintos, uma vez que as teorias terminológicas podem ser divididas em dois blocos. Como afirma Krieger (2000, p. 224 e 225), no primeiro, está a TGT, já no segundo, a TCT e a TSC, ou seja, temos que, respectivamente,

"...de um lado, encontra-se uma visão estática e normalizadora dos termos, expressão da dimensão conceitual sob a qual a Escola de Viena define seus princípios e métodos; de outro, a ótica lingüística que entende o funcionamento das terminologias no contexto de sua naturalidade aos sistemas lingüísticos e às formas pragmáticas de sua materialização nos textos especializados" (KRIEGER, 2000, p. 224 e 225).

Diante de tantas reflexões sobre seus objetivos e propósitos, a Terminologia tem-se consolidado como disciplina de ponta necessária às várias áreas do conhecimento, tornando-se uma área interdisciplinar, com presença em cursos de graduação em várias universidades, como UFRGS e UECE. Além disso, seus produtos são utilizados como ferramentas para a tradução, para a leitura, produção de textos especializados, etc.

Neste trabalho, assumimos a visão da TCT e buscamos averiguar o uso dos termos e suas significações em contextos reais na área da Linguística Cognitiva. No caso do termo “mente corpórea”, por exemplo, encontramos em português uma grande variedade de usos e a análise desses foi importante para a elaboração do verbete, como veremos no próximo capítulo.

1.2.4. Glossários Bilíngües

Os glossários se caracterizam por serem listas de termos técnicos ou científicos de alguma especialidade, ordenadas alfabeticamente, providas de definições. Podem ser monolíngües, bilíngües e multilíngües (PONTES, 1997, p.45). Estes se diferenciam dos dicionários por não possuírem uma pretensão exaustiva de coleta de termos (KRIEGER; FINATTO, 2004), conferindo-os um caráter mais pedagógico. Dessa forma, o uso de glossários mostra-se uma eficiente ferramenta que auxilia a sistematização do conhecimento de uma área, ao mesmo tempo que possibilita a difusão da mesma.

Pavel e Nolet (2002, p. 122) definem um glossário como “Repertório de termos, normalmente de uma área do conhecimento, apresentados em ordem sistemática ou em ordem alfabética, acompanhados de informação gramatical, definição, com ou sem contexto” ou como uma lista de palavras usadas em uma obra em particular, que não são muito utilizadas na linguagem geral, e, por isso, são definidas com o intuito de facilitar a compreensão.

Para a elaboração do nosso modelo de glossário, utilizamos, como dito acima, os pressupostos da Teoria Comunicativa da Terminologia, por estabelecer que é o uso em um determinado contexto que vai dizer se uma palavra é ou não um termo. Dessa forma, utilizamos as ferramentas da lingüística de *corpus*, que nos permitiu averiguar com maior precisão cada palavra desejada em seu contexto de uso real.

1.2.5. Terminologia e Tradução

Nos últimos séculos, com o grande avanço das ciências e o crescimento da troca de informações entre diversos países, surgiu a necessidade de tradução de textos técnicos para as mais variadas áreas. Em face do aumento do uso de termos técnicos e a maior comunicação entre países que possuem diferentes idiomas, houve um aumento pelo interesse da tradução técnica. Atualmente, são exigidos dos tradutores práticas e conhecimentos específicos, que vão além do saber lingüístico (lexical) de um ou mais idiomas. Assim, entende-se que “uma boa tradução não deve apenas expressar o mesmo conteúdo que o texto de partida, mas fazê-lo com as formas que um falante nativo da língua de chegada utilizaria” (BARROS, 2006, p. 23).

A Terminologia e a Tradução são áreas que se inter-relacionam e possuem características comuns. Cabré (1998, p. 2 e 3) aponta algumas delas:

“Ambas se caracterizam por uma ampla tradição aplicada em contraste com seu caráter disciplinar, que só recentemente foi estabelecido”²²;

“Ambas são campos interdisciplinares que confluem com as ciências cognitivas, as ciências da linguagem e as ciências da comunicação”²³;

“Ambas surgiram da prática, da necessidade de expressar um pensamento especializado ou de resolver um problema de compreensão”²⁴;

“Ambas se propõem a avançar na reafirmação de seu caráter de disciplina, pondo ênfase nos traços que as distinguem de outras matérias e buscando teorias que possam sustentar sua independência científica”²⁵.

Contudo a autora também mostra que essas duas áreas possuem uma série

²² “ambas se caracterizan por una larguísima tradición aplicada en contraste con su carácter disciplinar establecido muy recientemente”;

²³ “Ambas materias son campos interdisciplinares en los que confluyen las ciencias cognitivas, las ciencias del lenguaje y las ciencias de la comunicación”;

²⁴ “La terminología y la traducción surgieron las dos de la práctica, de la necesidad de expresar un pensamiento especializado o de resolver un problema de comprensión”;

²⁵ “Las dos materias se proponen avanzar en la reafirmación de su carácter de disciplinas, poniendo énfasis en los rasgos que las distinguen de otras materias y buscando teorías que puedan sustentar su independencia científica”.

de diferenças e dá destaque a duas delas. Na primeira, enquanto a tradução possui um caráter finalista, por possuir como finalidade ela mesma, a Terminologia possui caráter pré-finalista, uma vez que ela pode ser considerada um meio que auxilia na realização de outras atividades, como a tradução, a interpretação, a criação de textos especializados. Na segunda, a autora afirma existir uma absoluta necessidade da tradução pela Terminologia, pois aquela faz uso das obras terminológicas especializadas para transmitir o conhecimento de uma língua para outra. Para Krieger e Finatto (2004, p. 70), mesmo com as particularidades de cada área, a parceria entre elas não é impedida, “pois se o manejo competente dos termos permite qualificar melhor o trabalho de tradução especializada, em contrapartida, as aplicações terminológicas têm um alcance maior, quando os instrumentos terminográficos se fazem em mais de um idioma”.

No processo de tradução, faz-se necessário uma análise muito mais ampla dos termos em questão. Assim, a tradução também faz uso de outras ciências em seu fazer, pois “para além da dimensão semântica, inerente ao processo de transposição de significados, a tradutologia recorre obrigatoriamente a aportes da pragmática e da lingüística frasal e textual, para mencionar somente alguns aspectos bem evidentes para fundamentação do pensamento reflexivo sobre a tradução” (KRIEGER, 2001, p.158)

Outro ponto importante na relação entre Terminologia e tradução é o papel do tradutor. A Terminologia tanto a sua parte teórica, quanto a aplicada pode oferecer grandes contribuições ao tradutor que trabalha com áreas de especialidades. Tais contribuições vão desde materiais como glossário e dicionários especializados até técnicas de coleta, seleção e elaboração de definições de termos para uma área específica.

Contudo, devido ao avanço das ciências e à interrelação entre diferentes áreas ocorrendo cada vez mais rapidamente, o trabalho do tradutor pode virar o trabalho de terminólogo, pois muitos são os casos do surgimento de novas

terminologias, a incorporação de terminologias de uma área para outra, ou casos de neologismos. Assim, têm-se verificado que uma base de Terminologia é “...tão crucial para o tradutor em seu trabalho solitário, sobretudo, quando não conta com obras de referência que contemplem a terminologia da área em questão. Este é um dos momentos em que ele atua como terminólogo” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p 72). Vale ressaltar que é necessário para o tradutor ter conhecimento do fazer terminológico, contudo, a Terminologia, por si só, não é capaz de garantir uma boa qualidade de uma tradução, uma vez que existem outros saberes envolvidos nesse processo (KRIEGER, 2001).

Nosso trabalho se caracteriza como um estudo lexicográfico especializado, no qual temos como intuito desenvolver elementos para um glossário contendo alguns dos termos utilizados em inglês e português do Brasil. Dessa forma, mesmo não sendo os tradutores o nosso público alvo, temos certeza que este glossário também será de utilidade para tais profissionais, quer na tradução de artigos e livros para o português e inglês.

1.3. A Lingüística de Corpus

De acordo com Sardinha (2004, p. 3), a lingüística de corpus é a ciência que “...ocupa-se da coleta e da exploração de corpora, ou conjuntos de dados lingüísticos textuais coletados criteriosamente, com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade lingüística”. Um corpus, por outro lado, pode ser definido como “...uma coleção de documentos que é compilada com base em critérios de seleção específicos, de tal maneira que conforma um conjunto empregável para uma ou mais finalidades” (PICHT, 2004, p. 67).

Atualmente, quando falamos em lingüística de corpus, fazemos freqüentemente uma relação com o computador, principalmente em estudos relativos ao léxico, uma vez que com “a introdução do computador no método de trabalho houve uma revolução na técnica lexicográfica, desde a coleta de materiais em um corpus

informatizado, até a impressão dos dicionários”²⁶, conforme afirmam Haensch e Omeñaca (2004, p.37). Contudo, o uso de *corpora* é bem mais antigo que o surgimento do computador, podendo ser observado o uso de coletâneas de textos para diversos fins, desde a Grécia Antiga (SARDINHA, 2004). A prática de coleta manual de textos e sua armazenagem em fichas de catalogação ainda é utilizada nos dias de hoje. Entretanto, a partir da década de 60, quando os primeiros computadores começaram a ser utilizados por pesquisadores em universidades, percebeu-se que através da informática seria possível fazer um maior número de análises lingüísticas, compilar um maior número de textos e ter resultados mais confiáveis em uma menor quantidade de tempo.

Para se ter uma idéia do trabalho na elaboração de um dicionário, vale destacar que, antigamente algumas editoras, contratavam uma grande quantidade de mão-de-obra, chegando em alguns casos a cinco mil pessoas (SARDINHA, 2004). Por um lado, tal atitude visava agilizar o tempo de trabalho, por outro, mesmo com uma grande quantidade de analistas envolvidos “a possibilidade de erro e falta de consistência persistem, ou até pioram” (SARDINHA, *ibidem*, p. 4).

A partir dos anos 80, a popularização dos computadores e o surgimento de novas ferramentas de trabalhos fizeram com que a lingüística de corpus fosse divulgada e se consolidasse como uma área da lingüística.

O primeiro corpus eletrônico surgiu em 1964, continha 1 milhão de palavras do inglês americano escrito e foi desenvolvido pela Universidade de Brown (Brown University Standard Corpus of Present-day American English) e, por isso, ficou conhecido como Brown Corpus. A partir daí, muitos outros foram surgindo nas mais variadas línguas. Muitos deles além de retratarem a linguagem escrita, através da compilação dos mais diversos gêneros textuais, também possuem passagens da linguagem oral.

²⁶ “La introducción del ordenador en el método de trabajo ha revolucionado la técnica lexicográfica, desde la recogida de materiales en un corpus informatizado hasta la impresión de los diccionarios.”

As vantagens do uso da lingüística de corpus estão relacionadas à grande quantidade de textos com os quais se pode trabalhar e ao tempo gasto para sua análise, pois através de ferramentas especializadas pode-se delimitar o estudo de maneira precisa e eficiente. Em um artigo publicado em 2006, Almeida, Oliveira e Aluísio afirmam que o uso da informática na Terminologia fornece:

“suporte às tarefas envolvidas no trabalho terminológico, quais sejam: 1. criação de *corpora* descartáveis; 2. extração automática de candidatos a termos desses *corpora*; 3. inserção dos termos numa ontologia (mapa conceitual); 4. elaboração e edição de fichas terminológicas; 5. elaboração e constante atualização da base definicional; 6. elaboração de definições; 7. edição de verbetes, 8. difusão dos dados para intercâmbio com outras aplicações ou usuários” (ALMEIDA, OLIVEIRA; ALUÍSIO, 2006, p. 42).

Além disso, Silva (2004) observou que a Lingüística de *Corpus* não se restringe apenas a estudos com foco a elementos frasais, como *colocação*. Segundo a autora, uma abordagem com o uso da Lingüística de *Corpus* auxilia na detecção dos diferentes sentidos que uma palavra pode apresentar em um texto, o que permite um uso mais eficaz pelos próprios especialistas de uma dada área.

A autora também lista sete contribuições que a Lingüística de *Corpus* traz ao estudo texto especializado são: “1ª) comprovação de hipóteses feitas a partir de uma análise textual”; “2ª) estudo de variação textual: comprovação ou refutação de sinonímia”; “3ª) constatação das unidades fraseológicas especializadas”; “4ª) estudo da prosódia semântica de termos correlacionados”; “5ª) observação da relevância quantitativa dos termos em seu texto, conduzindo-nos à depreensão do assunto central do texto bem como dos objetivos do autor”; “6ª) análise dos vários sentidos, isto é, da polissemia de um termo”; e “7ª) possibilidade de elaboração de definição de termo não definido no texto em exame”.

1.3.1. A representatividade do *corpus*

A representatividade de um *corpus* é um ponto de grande importância para qualquer pesquisa da área. De acordo com Sardinha (2000, 2004), “um corpus, seja de que tipo for, é tido como representativo da linguagem, de um idioma, ou de uma variedade dele”.

Stein (2004) afirma que para que um *corpus* seja considerado representativo o seu tamanho é importante. Quanto maior for, mais representativo de uma área poderá ser considerado, uma vez que a amostragem proporcionada ao pesquisador a partir dos textos armazenados será mais confiável. Por exemplo, na situação de palavras com baixa frequência de ocorrência, em um *corpus* com poucos textos a probabilidade de elas aparecerem é bem menor do que em um *corpus* com grande quantidade de texto. Outro caso é quando as palavras possuem vários sentidos ou são usadas de maneiras diferentes; em um *corpus* com um maior número de textos tal fato será melhor analisado, pois o pesquisador poderá estabelecer quais são os sentidos mais e menos frequentes. Dependendo dos textos selecionados, algumas palavras com ocorrência rara podem aparecer, enquanto outras com maior frequência acabam ficando de fora.

Uma maneira de equilibrar e melhorar o *corpus* é através da seleção de textos de vários autores (a não ser que a pesquisa foque em um único autor) e através da escolha de vários gêneros textuais. Dessa maneira, o pesquisador evita que formas de menor ocorrência em um determinado gênero ganhem peso no *corpus*.

Contudo, a máxima “quanto maior melhor” não deve ser sempre seguida, uma vez que “o corpus é uma amostra de uma população cuja dimensão não se conhece (a linguagem como um todo).” (SINCLAIR, 1991, apud SARDINHA, 2000). Não há um número máximo ou um número mínimo para se fazer um *corpus*. De acordo com Sardinha (2000, p. 338,339) (2004, p. 19), alguns pré-requisitos para a formação de um corpus computadorizado são:

(1) “O corpus deve ser composto de textos autênticos, em linguagem natural. Assim, os textos não podem ter sido produzidos com o propósito de serem alvo de pesquisa lingüística. E não podem ter sido criados em linguagem artificial, tais como linguagem de programação de computadores ou anotação matemática.”

(2) “Autenticidade dos textos subentende textos escritos por falantes nativos. Tanto assim que, quando este não é o caso, deve-se qualificá-lo, falando-se em corpora 'de aprendizes' ('learner corpora').”

(3) “O conteúdo do corpus seja escolhido criteriosamente. Os princípios da escolha dos textos devem seguir, acima de tudo, as condições de naturalidade e autenticidade. Mas devem também obedecer a um conjunto de regras estabelecidas pelos seus criadores de modo que o corpus coletado corresponda às características que desejadas”.

(4) “Representatividade. Tradicionalmente, tende-se a ver um corpus como um conjunto representativo de uma variedade lingüística ou mesmo de um idioma.”

Assim, através da união dos estudos terminológicos com a lingüística de corpus, propomos uma obra que venha a mostrar a maneira como os termos da Teoria da Metáfora Conceitual estão sendo usados e que sirva como material de consulta não só por especialistas da linguagem, mas para estudantes e demais profissionais que tenham interesse nos estudos cognitivos. No próximo capítulo, mostramos mais detalhadamente como fizemos uso dessas disciplinas para atingir nosso objetivo.

2. INSTRUMENTALIZAÇÃO

Como discutido ao longo do capítulo 1, o motivo pelo qual inicialmente fizemos o embasamento teórico com três áreas diferentes é que, para este trabalho, todas foram de grande importância. A Lingüística Cognitiva, mais precisamente a Teoria da Metáfora Conceitual (TMC), é o objeto de nossa pesquisa, i.e., averiguamos o uso de alguns termos existentes na área em seu contexto natural, ou seja, em textos escritos por pesquisadores da área e publicados em anais de congressos, revistas ou livros que tenham como foco o estudo da Metáfora Conceitual. A Terminologia nos possibilitou realizar um projeto de trabalho terminográfico, i.e., o protótipo de um glossário, com parte dos termos da lingüística cognitiva. E, a Lingüística de Corpus, nos forneceu ferramentas para a análise dos termos que fizeram parte da nossa proposta de glossário.

Em todo esse processo, a palavra “uso” é central nas três áreas. Como vimos, a TMC estuda o “uso” de metáforas em toda a linguagem e nos mais variados gêneros, pois segundo seus pressupostos, a linguagem como um todo, de textos poéticos a textos científicos, é recheada de metáforas. A Terminologia, em suas teorias mais recentes, afirma que uma palavra só será considerada termo quando for “usada” em uma determinada área com um significado específico. Assim, não existiriam termos a priori, mas o contexto no qual eles são usados é que determina se uma palavra é ou não um termo. E, finalmente, a Lingüística de Corpus, que permite ao pesquisador verificar vários aspectos do “uso” da linguagem através das suas ferramentas, inclusive identificar os termos a serem estudados.

Como já dissemos anteriormente, o glossário aqui proposto caracteriza-se no cenário especialista - iniciados, trazendo, portanto, explicações em um nível no qual se pressupõe algum conhecimento prévio do consulente.

Na realização deste trabalho, seguimos as etapas que são necessárias tanto para aqueles que desejam organizar um *corpus*, quanto para aqueles que desejam

trabalhar com glossários ou dicionários, a saber:

- a) Selecionar os textos da área;
- b) Digitalizar o *corpus*;
- c) Organizar o *corpus*;
- d) Escolher os termos
- e) Organizar as fichas terminológicas;
- f) Organizar o modelo de glossário.

2.1. A seleção dos textos

Um ponto muito importante quando se fala em Lingüística de *Corpus* é o processo de seleção dos textos para compor o *corpus*. Nessa fase é necessário que o pesquisador esteja ciente do que quer analisar, pois os textos que formarão o *corpus* devem estar de acordo com os objetivos do pesquisador. Além disso, a seleção deve seguir critérios lingüisticamente precisos, tais como: os textos contidos serem autênticos e naturais, i.e., não sofrerem qualquer tipo de alteração por parte do pesquisador, e representativos, i.e., possuir uma vasta quantidade de termos da área analisada. Como discutido no capítulo 1, a seleção dos textos é fundamental para todo o desenvolvimento do projeto, uma vez que é a partir deles que poderemos averiguar o uso da terminologia da metáfora conceitual.

No nosso trabalho, o critério de seleção dos textos levou em conta a produção de autores reconhecidos pelos seus trabalhos na área, as publicações dos membros do Grupo de Estudo sobre Linguagem e Pensamento (GELP) e Grupo de Estudo da Indeterminação da Metáfora (GEIM), a produção apresentada em eventos e revistas especializados, tais como: 2º Congresso sobre a Metáfora na Linguagem e no pensamento; “Delta Especial– Essays on Metaphor in Language and Thought”, além de capítulos de livro, que tratam da Teoria da Metáfora Conceitual, tanto em inglês, quanto em português, nos últimos 5 anos, ou seja de 2003 a 2007. Fora desse período, usamos apenas o livro de Lakoff e Johnson de 1980, em sua versão no português,

“Metáfora da vida cotidiana”, que é o marco inicial da teoria. O outro livro utilizado na composição do *corpus* em português foi o “Metáfora” escrito por Tony Beber Sardinha, que gentilmente nos enviou antes mesmo que fosse publicado.

Para a seleção de obras de menor extensão, como artigos em periódicos e anais, selecionamos apenas aqueles que tratavam da Teoria da Metáfora Conceitual, pois alguns autores da metáfora também abordam outros temas de pesquisa além da metáfora. Para essa seleção, examinamos a bibliografia de cada texto, para confirmar a citação dos principais teóricos da área, por exemplo, Lakoff, Johnson, Gibbs, Kovecses, entre outros. Na tabela 1, apresentamos o número de textos usados neste estudo em cada língua, distribuídos por tipo de publicação. No total, trabalhamos com 35 textos em português e 32 em inglês (ANEXO B).

	Anais	Periódicos	Livros	Capítulos	Total
Português	17	5	2	11	35
Inglês	9	23	0	0	32

Tabela 1 – Número de produções do *corpus*, por tipo de publicação e língua.

O que nos levou a limitar os textos aos últimos 5 anos é que se esperava que os pesquisadores, em 2003, já tivessem incorporado as novas idéias da Teoria da Metáfora Conceitual, lançadas no livro de Lakoff & Johnson, em 1999, como a hipótese da metáfora primária. Isto nos daria uma visão dos conceitos atuais. Entretanto, observamos que parte dos textos encontrados ainda discutia os conceitos com base unicamente na obra de 1980.

2.2 A digitalização do *corpus*

Na segunda etapa, averiguamos quais dos textos estavam disponíveis digitalizados. Através de buscas na internet conseguimos encontrar vários artigos em formato digital que nos serviram para o *corpus*. Já os textos que não estavam, tivemos que digitalizá-los. Nesta etapa, foi necessário, em alguns casos, entrar em contato com

os autores e pedir a colaboração dos mesmos em fornecer o material digitalizado, seja em arquivos “.doc” ou em “.pdf”. No caso dos arquivos “.doc”, o próprio programa Microsoft Word fez a transformação dos arquivos para o formato “.txt”, i.e., somente texto (necessário para que o programa WordSmith Tools trabalhe, conforme será mostrado mais a diante). Já no caso dos arquivos em “.pdf”, utilizamos o programa PDF RIPPER (disponível na internet) para transformá-los em “.txt”. Quando não foi possível encontrar os arquivos em formato digital, utilizamos um scanner para captá-los. Neste cuidadoso processo, inicialmente, o scanner cria um arquivo do tipo “.pdf” e, em seguida, com o programa citado anteriormente, transformamos os arquivos em “.txt”.

Quando transformamos um arquivo em “.txt”, toda a sua configuração sofre transformação. Nos arquivos que possuem gravuras ou tabelas, por exemplo, quando passados para “.txt”, não mais apresentam estes elementos, ficando em seu lugar apenas espaçamento de parágrafo na maioria das vezes, ou alguns símbolos e letras que não possuem significado para nós. A análise dos textos que tiveram sua extensão modificada foi fundamental, pois, por meio dela, verificamos a perda ou alteração de algum conteúdo dos textos. A grande quantidade de palavras que sofreram alterações quando transformamos os arquivos nos alertou para uma averiguação mais detalhada de todo o material coletado e transformado em “.txt”. Assim, em nosso trabalho, tivemos que fazer uma análise pormenorizada dos arquivos, na tentativa de eliminar esse tipo de erro, comum a toda mudança de arquivo, incluindo a correção das palavras que não foram reconhecidas pelo scanner corretamente. Esse processo de limpeza atrapalhou bastante o andamento da pesquisa, pois no caso do livro “Metáfora da vida cotidiana”, tivemos problema com as palavras que ficavam na borda das páginas escaneadas, o que nos obrigou a reescrevê-las novamente em todo o texto.

2.3. A organização dos dados

Após a digitalização, partimos para a terceira etapa, que é a organização dos *corpora*, i.e., como os arquivos foram organizados para que pudéssemos ter maior controle dos textos que os compõe e que foram analisados. Nesta etapa, seguimos as

sugestões dadas por Sardinha (2004, p. 72), ou seja, inicialmente, criamos uma pasta principal, na qual só existiam os textos que compuseram os *corpora* (e.g. c:\desktop\Beto\corpus). Em seguida, criamos subpastas que indicavam as versões dos *corpora*, as quais nomeamos de “Definitivo”, “Temporário” e “Textos originais backup”. A primeira é a versão definitiva do *corpus* que já passou por todos os processos de “tratamento” dos textos mencionados anteriormente. A segunda é a pasta mais instável, pois nela ficam os arquivos que estavam em análise e não haviam sido totalmente modificados para “.txt” nos moldes exigidos para o *corpus*. Na subpasta “Textos originais backup”, foram guardados os textos em seus formatos originais (.doc, .pdf, .txt,...), para que pudéssemos ter a versão original dos arquivos, pois, no caso de encontrar algum problema, poderíamos recorrer ao original para conferir se houve ou não alguma falha.

A literatura recomenda a criação de mais subpastas, dentro de “Definitivo” e “Temporário”, que sejam capazes de indicar o conteúdo que as compõe. Como em nossa pesquisa utilizamos livros completos, artigos em periódicos, artigos em anais e capítulos de livros, criamos as seguintes subpastas: livros; periódicos; anais e cap.livros. Finalmente, dentro das duas primeiras subpastas anteriormente citadas, criamos outras subpastas, que possuem como foco a língua utilizada em cada texto, a saber: inglês e português. Segue abaixo a figura de como os nossos *corpora* estão organizados, no computador.

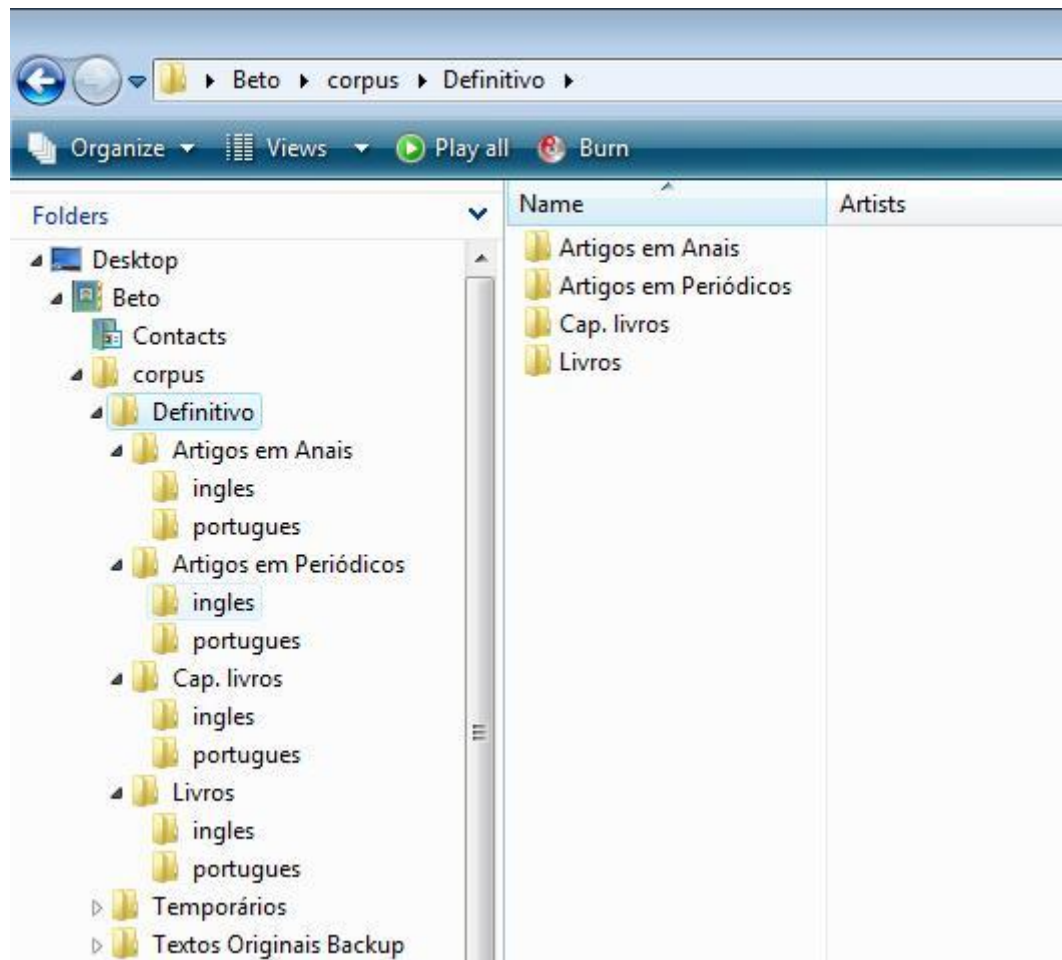


Figura 3 – Estrutura do *corpus*.

O *corpus* em português possui 35 textos, que juntos somam 297.277 *Tokens*²⁷ e 20.628 *Types*²⁸ (Tabela 2). Dentre esses 35, 17 são artigos em anais ocorrido entre 2003 e 2005; cinco são artigos em periódicos, sendo dois de 2005 e três de 2007; onze são capítulos de livros, dois deles do ano de 2005 e os outros nove de 2006; e finalmente, dois livros completos, sendo uma a tradução de uma obra de 1980 e outro escrito por Tony Berber Sardinha em 2007.

O *corpus* em inglês possui 32 textos, que juntos somam 269.881 *Tokens* e 14.665 *Types* (Tabela 2). Esses textos estão distribuídos em: nove artigos em anais de

²⁷ Número total de palavras contidas no *corpus*.

²⁸ Número de palavras diferentes contidas no *corpus*.

congressos, todos de 2006; e 23 artigos publicados em periódicos entre 2003 e 2007. Não colocamos nenhum capítulo de livro e nenhum livro em nosso *corpus* em inglês. A diferença entre o número de *Types* e *Tokens* dos *corpora* da pesquisa pode ser explicada pela presença de dois livros em português e nenhum em inglês. O número e a variedade de palavras encontrados em livros é maior do que a encontrada em artigos em anais, artigos em periódicos e capítulos de livro, que possuem um tamanho limitado de páginas. Contudo, tal fato não fez com que os *corpora* fossem desiguais, pois, como mostrado mais adiante com o wordlist, eles possuem uma equivalência no número de ocorrência das palavras.

	Número total de palavras (<i>Token</i>)	Número de palavras diferentes (<i>Type</i>)
Português	297.277	20.628
Inglês	269.881	14.665

Tabela 2 – Número de palavras do *corpus*, por tipo e língua.

Antes dos textos saírem da pasta “temporários” e serem transferidos para a pasta “definitivos”, criamos e inserimos cabeçalhos para cada texto. Segundo Sardinha (2004, p. 73), “cabeçalhos são uma parte do arquivo de cada texto do *corpus* que contém informações sobre o texto, tais como a origem, a data de coleta, o grupo de pesquisa responsável, o tamanho do texto, [...], a autoria, os participantes”. Com essas informações, um pesquisador pode identificar individualmente cada texto contido no *corpus* e realizar diversas comparações, tais como: verificar a mudança no uso de uma terminologia em um período de tempo determinado; verificar se há diferenças de uso de terminologia por um ou mais autores; comparar as traduções realizadas de uma língua para outra.

2.3.1. O uso do Wordsmith Tools

Nos textos que selecionamos, inserimos a seguinte estrutura de cabeçalho; ilustrada com o livro *Metaphors We Live By*:

```

<texto01>
<titulo>Metaforas da vida cotidiana</titulo>
<autor>Lakoff, G. & Johnson, M.</autor>
<ano>2002</ano>
<genero>livro</genero>
<idioma>português</idioma>

```

texto escrito....

```

</texto01>

```

Nessa estrutura, como podemos perceber, estão contidas as principais informações para o tipo de trabalho que realizamos. Estas informações foram organizadas em seis tipos de etiquetas que seguem uma hierarquia. A primeira, <texto01>, é a que abre o arquivo, pois ela tem a função de dizer que o arquivo texto01 está começando a partir daquele momento e só será finalizado com a etiqueta </texto01>, que indica encerramento do texto. A barra inclinada presente nas etiquetas significa encerramento de etiqueta e, por isso, ela sempre está presente nas etiquetas finais. As etiquetas seguintes estão hierarquicamente em um mesmo nível e indicam respectivamente o título da obra que está sendo apresentada; o(s) autor(es); o ano no qual foi publicada; o gênero a que pertence; e, finalmente, o idioma no qual a obra foi escrita. Vale lembrar que para a nossa proposta de glossário só trabalhamos com textos em inglês e português.

Outro ponto importante é que não seguimos à risca modelos de etiquetagem de padrão internacional, pois não temos, *a priori*, intuito de publicar o presente *corpus* em nenhum banco de *corpora* nacional ou internacional. Por se tratar de um estudo inicial, podemos até mesmo dizer experimental, acreditamos que ele servirá referência para outras obras e que a partir dele reflexões sejam feitas para a composição de uma obra maior, seguindo parâmetros internacionais.

Além disso, outro ponto que justifica nossa escolha é a seguinte passagem

de Sardinha, na qual o autor afirma que:

“a principal pergunta, nesse momento, é se os textos do corpus são para uso próprio, se serão trocados e/ou disponibilizados para um grupo maior de usuários. Se forem apenas para o uso do pesquisador não é preciso preparar um cabeçalho muito extenso...” (SARDINHA, 2004, p. 76).

Uma vez os textos etiquetados e organizados na subpasta do *corpus* definitivo, utilizamos individualmente cada texto para análise através do *Word Smith Tools*.

O referido programa foi desenvolvido por Mike Scott (1998) com o objetivo de auxiliar pesquisadores em suas análises com os dados de seus *corpora*. No manual do programa, encontramos a seguinte definição: “WordSmith Tools é uma coletânea integrada de programas para ver como as palavras se comportam nos textos”²⁹ (SCOTT, 1998, p.7). Graças a ele, o pesquisador pode realizar em minutos operações que custariam, horas, dias, ou semanas de trabalho. Segundo Sardinha (2004, p. 112), “... é fácil perceber que se trata de um programa que reúne as principais ferramentas que o lingüista de *corpus* precisa para identificar e comparar freqüências e listar palavras no seu contexto original.”

Assim, justificamos a escolha do programa anteriormente citado, uma vez que fizemos uso das seguintes ferramentas “Wordlist” e “Concord”. A “Wordlist” fornece ao usuário uma lista de palavras do(s) texto(s) utilizado(s) para a pesquisa. Tal lista pode ser de palavras individuais ou múltiplas. Com ela, pudemos analisar o total de ocorrências de cada termo em um ou nos vários textos. Essa informação é útil quando averiguamos o uso de um termo específico em diferentes anos, podendo constatar se continua em uso ou se caiu em desuso. Devido a nossa seleção de textos focar a produção dos últimos cinco anos, isto não pôde ser detectado no nosso *corpus*, entretanto, foi possível verificar que textos atuais ainda trabalham com a TMC em sua primeira versão.

²⁹“WordSmith Tools is an integrated suite of programs for looking at how words behave in texts”.

Para obter a lista de palavras, primeiro transformamos os textos em arquivos somente texto(.txt). Em seguida, abrimos o programa WordSmith Tools e selecionamos a ferramenta Wordlist. O passo seguinte é “carregar” o texto para o programa. Para isso, seguimos os seguintes comandos *file>start>choose text now*. Indicamos, então, os textos desejados e os armazenamos na memória do programa, clicando no botão *store* e finalizando com o botão *ok*, conforme ilustrado na figura 2.

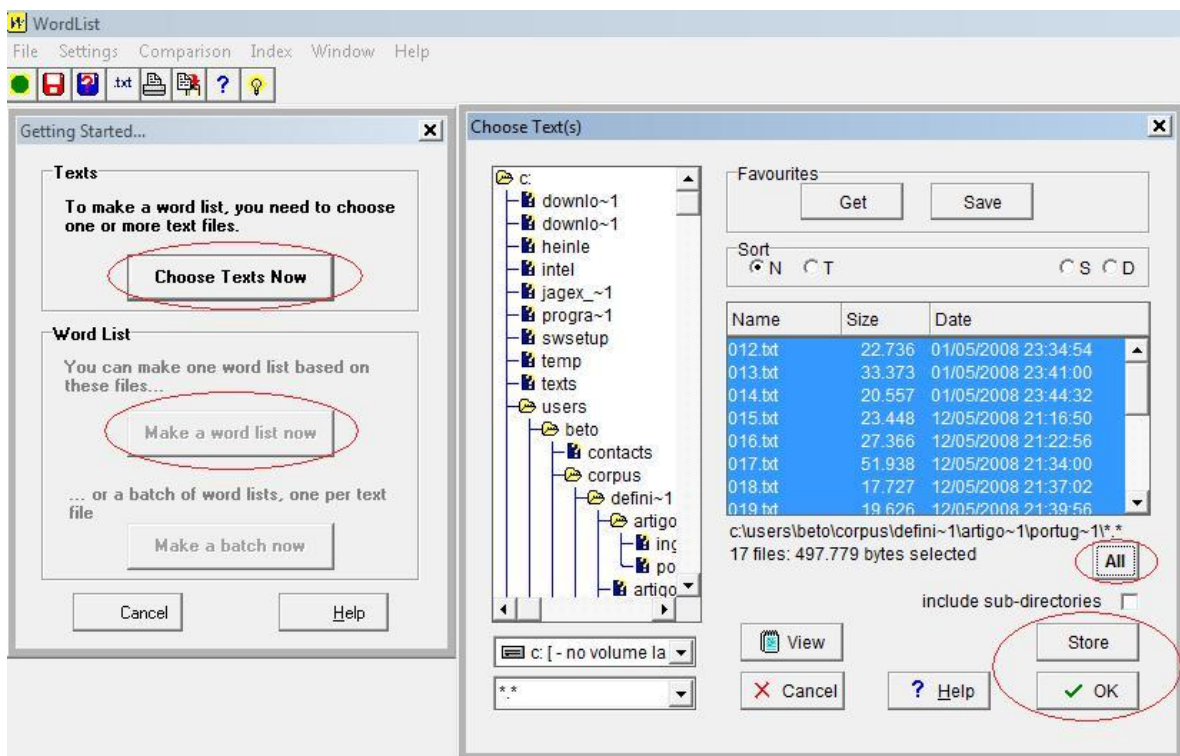


Figura 4 - Escolha dos textos para a wordlist.

Finalmente, clicamos na opção *Make a Wordlist Now* e o programa gera duas listas de palavras (Figura 3). Em uma, aparecem as palavras em ordem alfabética e, na outra, em ordem de ocorrência (das que mais ocorreram para as que menos ocorreram).

The image shows two windows from the WordList application. The left window, titled 'new wordlist (F)', displays a table of words sorted by frequency. The right window, titled 'new wordlist (A)', displays a list of words starting with the letter 'A', also sorted by frequency.

N	Word	Freq.	%
1	DE	12.934	4,35
2	A	10.122	3,40
3	QUE	7.462	2,51
4	E	6.753	2,27
5	O	6.397	2,15
6	É	4.737	1,59
7	DA	4.230	1,42
8	UMA	4.152	1,40
9	EM	4.013	1,35
10	UM	3.569	1,20
11	DO	3.553	1,20
12	COMO	3.068	1,03
13	SE	2.849	0,96
14	PARA	2.752	0,93
15	METÁFORA	2.561	0,86
16	NÃO	2.514	0,85
17	AS	2.405	0,81
18	OS	2.190	0,74
19	POR	1.986	0,67
20	NA	1.985	0,67
21	COM	1.891	0,64
22	NO	1.846	0,62
23	SÃO	1.582	0,53
24	OU	1.578	0,53
25	METÁFORAS	1.529	0,51

N	Word	Freq.	%
1	A	10.122	3,40
2	Ã	908	0,31
3	Â	6	
4	ABACAIÉ	2	
5	ABACAXI	1	
6	ABADIA	1	
7	ABAIXANDO	2	
8	ABAIXARIA	1	
9	ABAIXO	84	0,03
10	ABALADA	1	
11	ABANDONÁ	1	
12	ABANDONADAS	1	
13	ABANDONANDO	1	
14	ABANDONAR	5	
15	ABANDONE	1	
16	ABANDONO	2	
17	ABARCAR	1	
18	ABASTECIMENTO	2	
19	ABATE	3	
20	ABATER	1	
21	ABATIDO	2	
22	ABDICAR	2	
23	ABDIQUEMOS	1	
24	ABERRAÇÃO	1	
25	ABERTA	16	

Figura 5 - Lista de palavras por ordem alfabética e de frequência

Além disso, uma outra janela aparece contendo informações gerais sobre os textos selecionados, tais como: tamanho do(s) arquivo(s), Types (quantidade de palavras diferentes), Token (quantidade de palavras no geral), número de sentenças, número de parágrafos, entre outros (Figura 4).

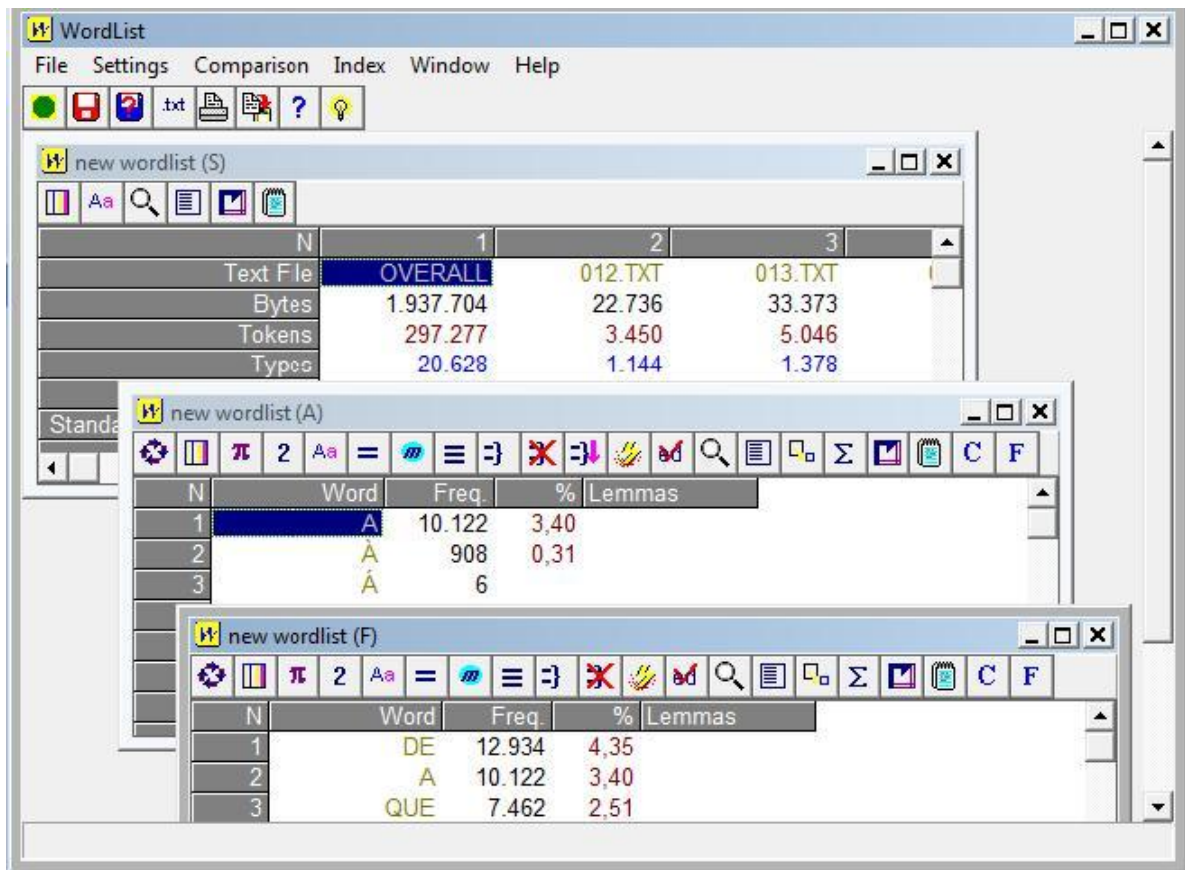


Figura 6 - Wordlist do corpus.

Graças à wordlist, percebemos que os *corpora* possuem uma quantidade diferente de palavras. Contudo, também percebemos que mesmo com essa quantidade diferente de palavras e a quantidade diferente de gêneros textuais, eles são equivalentes, pois o número de ocorrências de algumas palavras e termos importantes para a teoria são bastante parecidos nos dois, como pode ser verificado na Tabela 4:

PORTUGUÊS		INGLÊS	
Palavra	Número de ocorrências	Palavra	Número de ocorrências
Conceptual + conceitual	619	Conceptual	551
Corpo	119	Body	146
Domínio	318	Domain	207
Domínios	151	Domains	185
Experiências	295	Expericences	274

Johnson	238	Johnson	236
Mapeamento	92	Mapping	82
Mente	151	Mind	179
Metáfora	2561	Metaphor	2720
Metáforas	1529	Metaphors	1400

Tabela 3 – Frequência de uso das palavras dos *corpora* gerada pela Wordlist.

A ferramenta Concord possibilita ao pesquisador analisar o contexto no qual uma palavra ou termo está situada. Com essa ferramenta, extraímos e averiguamos o contexto no qual os termos da Teoria da Metáfora Conceitual estão sendo utilizados. Com ela, também pudemos observar se há mais de uma maneira de definir um termo, ou seja, se um autor o definiu de maneira diferente de outro. Para efetuar uma concordância, inicialmente, abrimos a ferramenta Concord e seguimos os comandos *file>start>choose text now*, semelhante ao procedimento na Wordlist.

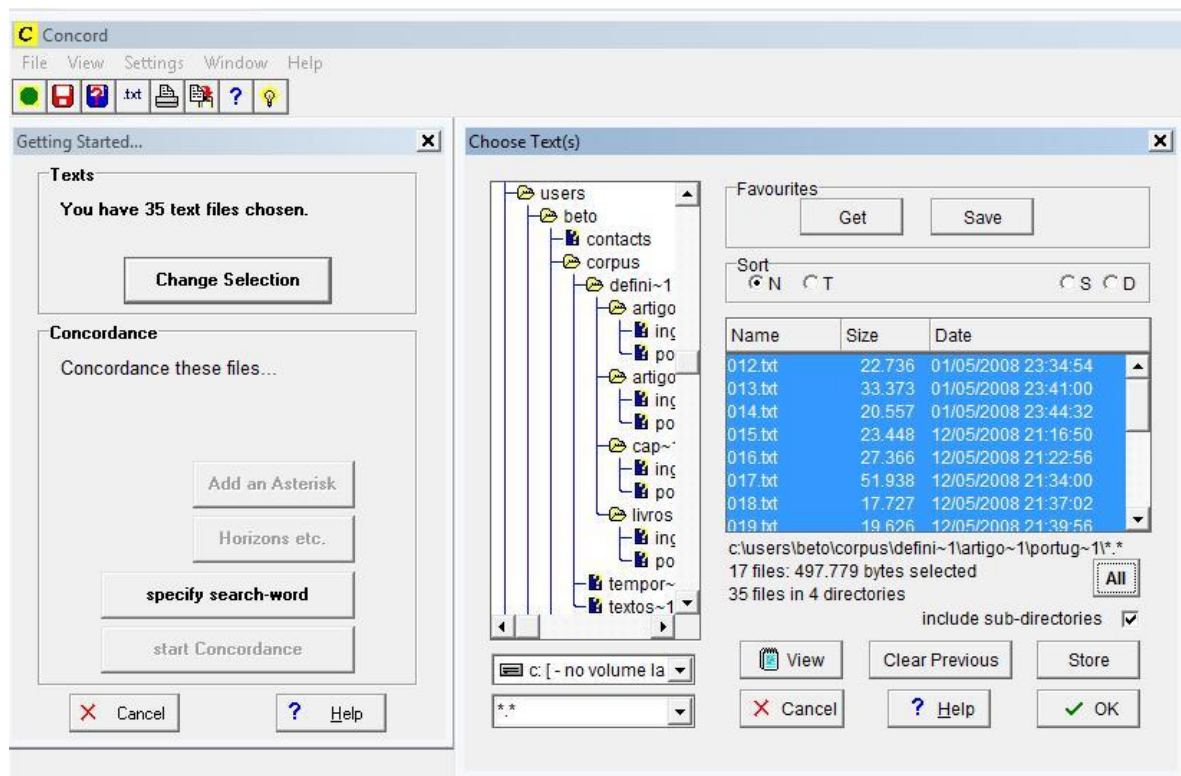


Figura 7 - Escolha de textos para o Concord.

Depois, de escolher os textos a serem analisados, para que sejam armazenados clicamos no botão *store* para cada texto, ou conjunto de textos. Ao fim da

seleção, clicamos no botão *OK* e uma nova janela aparece. Nesta, clicamos no botão *specify search word* e no campo *search word or phrase*, digitamos o termo desejado, por exemplo, “metáfora conceitual”, clicando, em seguida, no botão *go now* para que o programa execute a concordância do item desejado. Com isso, tivemos disponíveis todas as ocorrências no nosso *corpus* e procedemos as análises do material (Figura 6).

N	Concordance	Set	Tag	Word No	File	%
1	de outra (1980:47). Por exemplo, entendemos a metáfora conceitual DISCUSSÃO E GUERRA p			598	1\017.txt	8
2	ências para a universalidade da compreensão da metáfora conceitual. A criação dos instrumentos			283	1\017.txt	4
3	mental sobre a mesma. Visão panorâmica da Metáfora Conceitual Lakoff & Johnson lanç			359	1\065.txt	5
4	al desenvolvem a Teoria da Metáfora Conceitual. Metáfora Conceitual é o processo de entender u			599	1\057.txt	11
5	É SUAVIDADE), sob a perspectiva da Teoria da Metáfora Conceitual. Os dados foram obtidos atr			76	1\020.txt	3
6	elação ao fato de ser a metáfora de imagem uma metáfora conceitual. Porém diferentemente deles,			5.845	1\058.txt	85
7	essário definirmos metáfora, a partir da Teoria da Metáfora Conceitual. Metáfora não é, nessa pers			2.517	1\061.txt	28
8	s não foram agrupadas de acordo com nenhuma metáfora conceitual. Depois de estudar a lista,			2.000	1\062.txt	40
9	s para falar de raiva, agrupadas de acordo com a metáfora conceitual correspondente, conforme ex			1.975	1\062.txt	40
10	r CULTURA é ALIMENTO, o que representa uma metáfora conceitual. Segundo Lakoff e Johnson (1.106	1\023.txt	27
11	evidências de que ambos os grupos acessam a metáfora conceitual na busca da compreensão d			6.002	1\017.txt	76
12	rocesso análogo, representando uma marca da metáfora conceitual na linguagem. Para marcar			2.636	1\053.txt	52
13	nsamento No final dos anos 90, a natureza da metáfora conceitual é rediscutida através da Hip			660	1\052.txt	13
14	COMIDAS). No final dos anos 90, a natureza da metáfora conceitual é rediscutida através da Hip			155	1\052.txt	3
15	anteriormente neste trabalho. Portanto, a metáfora conceitual AMOR É UMA VIAGEM, ta			1.706	1\019.txt	57
16	mo já mencionado anteriormente no capítulo 2, a metáfora conceitual AMOR É UMA VIAGEM est			1.469	1\019.txt	50
17	9; Lakoff, 1993. Aparece, então, a Teoria da Metáfora Conceitual, em 1980, com o livro Meta			1.064	1\012.txt	31
18	inematográfica Após a proposição de uma metáfora conceitual capaz de estruturar toda a n			3.099	1\023.txt	80
19	parte 2, apresentamos uma visão panorâmica da metáfora conceitual, proposta por Lakoff & Johns			235	1\065.txt	3
20	o discurso. As pesquisas que contextualizam a metáfora conceitual em determinados gêneros di			3.275	1\053.txt	65
21	receito está associado à elaboração da noção de metáfora conceitual desenvolvida pelos autores c			1.338	1\015.txt	38
22	verbos multi palavras, também à luz da Teoria da Metáfora Conceitual, foi desenvolvido por Hodgso			1.207	1\057.txt	22
23	ise dos resultados foram feitos à luz da Teoria da Metáfora Conceitual de Lakoff e Johnson (1980)			48	1\017.txt	1
24	A centralidade dada à linguagem na teoria da metáfora conceitual estabelece uma relação dire			1.605	1\053.txt	32
25	ise dos resultados foram feitos à luz da Teoria da Metáfora Conceitual de Lakoff e Johnson (1980)			303	1\017.txt	4

Figura 8 - Resultado da busca no Concord.

2.4. A escolha dos termos

Para esta proposta de glossário, escolhemos 10 dos termos centrais da Teoria da Metáfora Conceitual. A escolha levou em conta a nossa experiência como iniciante na teoria, pois, como já dito anteriormente, sentimos muitas dificuldades para compreender os termos utilizados pelos autores no início de nossas leituras.

Os termos selecionados foram: Cena Primária (Primary scene), Domínio Alvo (Target domain), Domínio Fonte (Source Domain), Esquema de Imagem (Image schema), Experiencialismo (Experientialism), Mapeamento metafórico (Mapping), Mente

corpórea (Embodied mind), Metáfora composta (Compound metaphor), Metáfora conceitual (Conceptual metaphor) e Metáfora Primária (Primary metaphor).

A escolha do termo “cena primária” se justifica por ter aparecido em 1997, com Grady. Além disso, as cenas primárias são fundamentais para o licenciamento das expressões metafóricas. Já no caso de “domínios alvo” e “fonte”, eles são elementos essenciais na formação da metáfora. Os “esquemas de imagens” explicam a direcionalidade da metáfora, ou seja, por que o “mapeamento” ocorre entre um domínio sensorio motor para um domínio de respostas a inputs sensoriais, portanto sem esquemas de imagem. O “experencialismo” é a visão filosófica surgida 1980, base de toda a TMC. O termo “mente corpórea” é importante por ser uma das principais inovações da visão experencialista. A “metáfora conceitual” é conceito-chave devido à quebra da visão secular de metáfora. E, finalmente, “metáfora composta” e “metáfora primária” são termos importantes, porque marcam a última versão da TMC.

Dessa forma, acreditamos ter escolhido termos que realmente são primordiais para aqueles que estão começando suas leituras na Teoria da Metáfora Conceitual.

2.5. A organização das fichas terminológicas

Organizamos os termos selecionados em fichas terminológicas usando o programa Word, para, em seguida, podermos avaliar esses termos e os verbetes, i.e. o conjunto de informações relacionadas a uma entrada, desde o próprio termo entrada até a informação contida na última linha deste mesmo termo, em inglês e português. A ficha terminológica, de acordo com Krieger e Finatto (2004, p. 136):

“é um elemento de grande importância na organização de repertórios de terminologias e um dos itens fundamentais para a geração de um dicionário. Pode ser definida como um registro completo e organizado de informações referentes a um dado termo. Nela, constam informações indispensáveis, tais como a fonte textual de coleta de um termo, segmentos de texto onde esse termo ocorre, seus contextos de uso, informações sobre variantes denominativas, sinônimos, construções recorrentes que o acompanham”.

Através dos dados contidos nessas fichas, extraímos as informações que compuseram o verbete. Queremos deixar claro que, nem todos os dados contidos nas fichas foram, necessariamente utilizados na elaboração do verbete.

Note-se que a criação das fichas está relacionada com o propósito de cada trabalho, não havendo, como bem colocam Krieger e Finatto (2004), um modelo único de ficha que possa atender a todas as especificidades de diferentes trabalhos. Em nossa ficha terminológica, adotamos o seguinte modelo:

FICHA TERMINOLOGICA	FICHA 07
1. TERMO: MENTE CORPÓREA	
<p>2. DEFINIÇÃO:</p> <p>Relação existente entre o sistema conceitual de um indivíduo, o seu corpo, o ambiente físico e cultural onde vive, e, conseqüentemente, sua linguagem. Tal relação pressupõe uma mente interligada aos inputs sensoriais do corpo e ao ambiente sócio-cultural no qual o indivíduo está inserido, moldando a partir dessa interação todos os aspectos da cognição, tais como, idéias, pensamentos, conceitos e categorias. Por exemplo, o conceito de verticalidade (para cima e para baixo) é gerado pela estrutura corporal longilínea do homem (e não esférica, por exemplo), que em atividade geralmente assume uma posição perpendicular ao chão, devido à força gravitacional da terra. Tudo isso significa dizer que a mente e o corpo não são independentes, como afirmava a visão cartesiana, pois a cognição é a capacidade humana de lidar com o mundo. Além disso, não há dispositivos próprios separados para a linguagem, mas os mesmos mecanismos responsáveis pelo movimento da mão, por exemplo, também geram a linguagem. Assim, quando falamos na corporificação da mente ou em uma mente corpórea, estamos ressaltando que a mente possui uma relação com o corpo e, através dela, somos capazes de desenvolver conceitos abstratos que permeiam nossa linguagem, entre eles as metáforas (e.g. DESEJAR É TER FOME, INTENSIDADE DE ATIVIDADE É CALOR ou CONSIDERAR É PESAR).</p>	
<p>3. CONTEXTO:</p> <p>“...uma visão que já então se engendrava a respeito de uma mente indissociada do corpo interagente num mundo físico e sócio-culturalmente determinado, uma mente incorporada.” (arquivo 066)</p> <p>“a)A mente é inerentemente corpórea; b) o pensamento é em grande parte inconsciente” (arquivo 015).</p>	

<p>“Subjaz a essa formulação a hipótese de que a mente é corporificada, ou seja, os conceitos resultam das experiências sensoriais vivenciadas no espaço, originariamente; no tempo, como espaço percorrido ou ocupado por um objeto, e no discurso” (arquivo 26).</p> <p>“Portanto, a análise das preposições em e entre permite ratificar a premissa de que a mente é corporificada, no sentido de que baseia-se em estruturas que emergem da experiência corpórea, e imaginativa, no sentido de que emprega um habilidade imaginativa (a metáfora) para conceptualizar domínios abstratos a partir de domínios concretos” (arquivo 014).</p>
<p>4. VARIANTES: Mente corporificada; Mente encorpada; Mente corpórea; Mente incorporada.</p>
<p>5. NOTAS: NOTAS: não foram encontradas ocorrências de mente encarnada e razão corpórea.</p>
<p>6. EQUIVALENTES: Inglês: Embodied Mind</p>
<p>7. OCORRÊNCIA NO <i>CORPUS</i>: Mente corpórea: 1 vez Mente corporificada: 4 vezes Mente incorporada: 1 vez Mente encorpada: 1 vez Mente encarnada: 0</p>

Quadro 1 – Ficha terminológica “Mente corpórea”

As fichas são numeradas e abrangem 7 campos. No campo número um, temos a presença do termo que foi organizado no miniglossário. Todas as outras informações encontradas na ficha são referentes a ele.

No campo número dois, descrevemos linguisticamente o conceito do termo de entrada, objetivando transmitir seu significado de forma clara para já tem algum conhecimento (iniciados) e profissionais com maior envolvimento na área. Vale ressaltar que na elaboração da definição fizemos uso das definições encontradas no próprio *corpus*, completadas, quando foi o caso, com as definições de Evans (2007) e Kovecses (2002).

Elaborar as definições contidas no glossário, sem dúvida, foi a fase mais delicada e mais importante de todo o trabalho, pois...

“as definições terminológicas não devem ser elaboradas de forma aleatória, ou seja, devem seguir algumas convenções que lhes imprimam certa sistematicidade, que, no entanto, variam de acordo com o trabalho terminológico, como as necessidade de informação do usuário, as características específicas da área de conhecimento analisada etc” (ANJOS, 2006, p. 81).

No campo número três, selecionamos os contextos que possuíam um caráter definitório. Com isso, quando passamos para o miniglossário, acreditamos ter possibilitado mais uma fonte de auxílio ao consulente na compreensão do termo, pois o contexto reforça a idéia contida na definição, elaborada, a partir das definições dos vários autores do *corpus*.

No quarto campo, possibilitamos o acesso às variações do termo entrada encontradas dentro de uma mesma língua no *corpus*. O quinto campo foi utilizado como um espaço onde pudemos incluir algumas anotações que consideramos importantes e pertinentes para a pesquisa. No campo número seis, escrevemos os equivalentes em inglês. No sétimo, apresentamos o número de ocorrências do termo ou fraseologismo presente no *corpus*, obtido através do uso da ferramenta Concord.

2.6. A criação do glossário

Para elaborar a estrutura da nossa proposta de glossário, levamos em conta um ponto que sempre é trabalhado por aqueles que objetivam elaborar um glossário ou um dicionário, a organização da sua macro- e microestrutura. A macroestrutura é definida como a forma na qual todo o corpo do glossário ou dicionário é organizado (WELKER, 2004). Considera-se desde a capa, passando pelo prólogo, prefácio, índice até a sua última folha (HAENSCH; OMEÑACA, 2004). Já a microestrutura é responsável pela organização dos verbetes. Todas as informações que compõem um verbete, tais como informações gramaticais, figuras, definição, equivalentes, exemplos de uso, indicações sobre pronúncia, fazem parte da microestrutura. Tendo como foco

de nossa pesquisa o cenário especialista-iniciados, desenvolvemos uma macro- e micro- estrutura que possibilite a esse consulente compreender o conceito e verificar o uso dos termos em português e inglês, como veremos a seguir.

2.6.1 A macroestrutura

A macroestrutura que definimos para a proposta de glossário começa com uma análise do termo “mente corpórea” e, em seguida, organizamos em ordem alfabética os verbetes de acordo com o termo entrada em língua portuguesa. No caso de fraseologias, i.e., construções sintagmáticas que fazem parte da linguagem especializada e que transmitem conhecimento da área, estas foram ordenadas de acordo com a letra da primeira palavra que as compõe. Finalizando a macroestrutura, incluímos um índice remissivo em português e inglês no final do glossário. Como nosso público alvo são as pessoas que já tem algum conhecimento sobre o assunto, acreditamos que essa estrutura possibilitará uma rápida verificação tanto da definição quanto do uso termo tanto em português e inglês.

2.6.2. A microestrutura

O modelo de microestrutura que adotamos para o verbete não é o mais comum em glossários e dicionários. Como nossa proposta envolve mais de uma língua, sugerimos a apresentação de cada verbete em quadros, conforme ilustrado abaixo, na seguinte estrutura:

VERBETE = **entrada em duas colunas: na primeira, em português e, na segunda, em inglês (em negrito)** + definição em uma única coluna em português + contexto em duas colunas: na primeira, em português e, na segunda, em inglês (com o **termo em negrito**) + *variantes do termo em duas colunas: na primeira, em português e, na segunda, em inglês.*

1-Mente corpórea	2-Embodied mind
<p>3- Definição: Relação existente entre o sistema conceitual de um indivíduo, o seu corpo, o ambiente físico e cultural onde vive, e, conseqüentemente, sua linguagem. Tal relação pressupõe uma mente interligada aos inputs sensoriais do corpo e ao ambiente sócio-cultural no qual o indivíduo está inserido, moldando a partir dessa interação todos os aspectos da cognição, tais como, idéias, pensamentos, conceitos e categorias. Por exemplo, o conceito de verticalidade (para cima e para baixo) é gerado pela estrutura corporal longilínea do homem (e não esférica, por exemplo), que em atividade geralmente assume uma posição perpendicular ao chão, devido à força gravitacional da terra. Tudo isso significa dizer que a mente e o corpo não são independentes, como afirmava a visão cartesiana, pois a cognição é a capacidade humana de lidar com o mundo. Além disso, não há dispositivos próprios separados para a linguagem, mas os mesmos mecanismos responsáveis pelo movimento da mão, por exemplo, também geram a linguagem. Assim, quando falamos na corporificação da mente ou em uma mente corpórea, estamos ressaltando que a mente possui uma relação com o corpo e, através dela, somos capazes de desenvolver conceitos abstratos que permeiam nossa linguagem, entre eles as metáforas (e.g. DESEJAR É TER FOME, INTENSIDADE DE ATIVIDADE É CALOR ou CONSIDERAR É PESAR).</p>	
<p>4-Contexto: “...uma visão que já então se engendrava a respeito de uma mente indissociada do corpo interagente num mundo físico e sócio-culturalmente determinado, uma mente incorporada.” (arquivo 066)</p> <p>“Subjaz a essa formulação a hipótese de que a mente é corporificada, ou seja, os conceitos resultam das experiências sensoriais vivenciadas no espaço, originariamente; no tempo, como espaço percorrido ou ocupado por um objeto, e no discurso” (arquivo 26).</p> <p>“a)A mente é inerentemente corpórea; b) o pensamento é em grande parte inconsciente” (arquivo 015).</p>	<p>5-Contexto: “My claim in this paper is that imaginative simulation processes, which are fundamentally part of the embodied mind, guide many aspects of metaphor understanding”. (arquivo 045)</p> <p>“Between the two opposite ends of embodiment and culture, there have also been attempts to pursue a middle path and explore the connection between the individual embodied mind and the cultural world that surrounds it” (arquivo 043).</p> <p>“Finally, my thesis that many kinds of metaphors are understood through embodied simulations adopts a wide view of embodiment” (arquivo 045).</p>
<p>6-Variantes: Mente corporificada; Mente encorpada; Mente corpórea; Mente incorporada</p>	<p>7-Variantes: Embodiment</p>

Quadro 2 – Verbetes “Mente corpórea”

Como pode ser observado no Quadro 1, o verbete é composto por 7 partes sendo algumas diferentes apenas na língua na qual foram escritas. Nos números 1 e 2 temos as entradas do verbete em língua portuguesa e inglesa, respectivamente, com fonte Arial, tamanho 14, em negrito e alinhadas a esquerda. O número 3 representa a definição do termo em português, que está com a formatação “Justificada” e fonte “Arial” tamanho 12. Os números 4 e 5 são relativos aos exemplos de uso que foram retirados do *corpus*, respectivamente em português e inglês, de acordo com seu caráter definitivo. Já os itens 6 e 7 correspondem às possíveis variações terminológicas encontradas. Os itens 4, 5, 6 e 7 estão configurados com letra Arial, tamanho 12, e formatação justificada.

No próximo capítulo, apresentamos os resultados em forma do glossário proposto e com alguns comentários a respeito dos dados encontrados durante nossas buscas nos *corpora*.

3. PROPOSTA DE GLOSSÁRIO

Neste capítulo, mostramos nossa sugestão de verbete para os termos selecionados e, além disso, fazemos uma discussão sobre os dados encontrados nos *corpora* para os termos de cada verbete. Como já dito anteriormente, os termos aqui contidos foram escolhidos devido à sua importância para a teoria e às dificuldades que apresentam para aqueles que não estão totalmente familiarizados com a Teoria da Metáfora Conceitual.

Algumas informações contidas nas fichas terminológicas não foram mostradas da mesma maneira em nossa proposta de verbete. As notas, por exemplo, não foram perdidas ou omitidas do consulente, mas sim inseridas na própria definição. Sua função na ficha era servir como um guia durante o processo de elaboração da definição. Para as definições, tomamos como base os dados contidos nos *corpora*, bem como o dicionário de Evans (2007) e o glossário de Kövecses (2002), que nos ajudaram a aprimorar a organização das informações. O número de ocorrências dos termos, que foi omitido no verbete, serviu de parâmetro para a verificação das variantes e a escolha dos contextos a serem mostrados.

A seguir apresentamos cada um dos verbetes propostos relativos aos 10 termos escolhidos para o glossário, a saber: Cenas Primárias (Primary Scenes), Domínio Alvo (Target Domain), Domínio Fonte (Source Domain), Esquema de Imagem (Image Schema), Experiencialismo (Experientialism), Mapeamento Metafórico (Mapping), Mente Corpórea (Embodied Mmind), Metáfora Composta (Compound Metaphor), Metáfora Conceitual (Conceptual Metaphor), Metáfora Primária (Primary Metaphor). Inicialmente, fizemos uma análise mais detalhada do fraseologismo “mente corpórea”, pois como já dissemos ele é um termo central para toda a teoria. Em seguida, continuamos analisando os termos em ordem alfabética em português e focamos nas suas ocorrências no corpus.

3.1. Mente Corpórea

Considerando que a relação existente entre corpo e mente é fundamental para a teoria experiencialista desenvolvida por Lakoff & Johnson, em 1980, e que ela tem sido alvo de grandes discussões, ficamos instigados a averiguar como o termo “mente corpórea” tem sido trabalhado nos textos em português, principalmente, na maneira como o termo *embodied mind* tem sido traduzido, pois, como observamos, não há uma única maneira de traduzi-lo.

Iniciamos nossos estudos com a palavra “mente” e através de uma busca no *corpus*, percebemos que outras palavras, além de “corpórea”, estavam relacionadas a ela, tais como: “corporificar”, “incorporar” e “encorpar”. Em seguida, recorreremos a 5 dicionários brasileiros para averiguar os sentidos concebidos a essas palavras em cada um deles.

O levantamento dos significados das palavras foi realizado nos cinco dicionários, a saber:

- Dicionário Silveira Bueno, 2000.
- Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa Século XXI, 1999.
- Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos Ilustrado, 1964.
- Pequeno Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa, 1961.
- Pequeno Dicionário Enciclopédico Larousse, 1984.

Inicialmente, buscamos os sentidos da palavra “corpo”, pois todas as outras encontradas no *corpus* e que são variantes do fraseologismo “mente corpórea”, derivam da palavra “corpo”. A quantidade de acepções encontradas para “corpo” em cada dicionário variou de trinta e duas, no que continha o maior número, a quatro, no que continha o menor. E, em geral, os sentidos encontrados repetem-se em todos eles. Alguns exemplos de acepções são: porção limitada de matéria; estrutura física de homens, animais e objetos; ser humano morto; entre outros. Para nosso trabalho, tratamos do sentido de corpo como a estrutura física de cada ser humano, é a ela que a TMC faz referência quando afirma que possuímos uma mente que faz parte do corpo.

Já os sentidos relacionados ao adjetivo “corpóreo” em todos os dicionários aparecem como *aquilo que é relativo ao corpo* e em um único dicionário apareceu a aceção *que tem corpo*. Em “corporificar” encontramos em todos os dicionários os seguintes sentidos: *atribuir corpo a, tomar corpo e reunir em um corpo*.

Em “Incorporar”, assim como em corpóreo e corporificar, também encontramos a definição de *reunir/juntar num só corpo*. Contudo, outras aceções foram encontradas, a saber: *entrar na composição de algum corpo ou nele se meter; entrar a fazer parte de*. Um aspecto interessante que notamos foi a presença da definição *dar forma corpórea a; e dar corpo a*, neste caso, quando relacionamos seu uso à TMC, “incorporar” significa uma mente que entra na composição do nosso corpo, faz parte dele, sofrendo, portanto, influência da estrutura e do funcionamento desse corpo no mundo. Trata-se de idéia antagônica à visão clássica da mente cartesiana, separada do corpo.

Em “encorpar” encontramos as seguintes aceções: *dar mais corpo a, tornar mais grosso*. Com isso, percebemos que os sentidos dicionarizados se relacionam com o ganho de massa. Diante da descoberta do uso dessa palavra, ficamos nos perguntando se seu uso transmite realmente o sentido que os teóricos da metáfora conceitual desejam.

Mesmo não tendo sido encontrado em nosso *corpus*, constatamos que “encarnar” também é utilizada por autores quando desejam ressaltar a relação entre mente e corpo. Por isso, também realizamos a busca dos seus sentidos nos dicionários. Quando procuramos o verbo “encarnar”, encontramos várias aceções que fazem referência à carne do corpo humano. Encarnar é dentre os outros verbetes analisados o que possui um maior número de aceções em quatro dos cinco dicionários analisados. Como exemplo das definições encontradas temos: “tornar-se em carne humana”, “tomar ou criar carne”. Contudo, outros aspectos também são apontados, tais como: “humanizar-se”, “humanar-se”, “personificar” e “representar um papel”. Quando

procuramos o sentido do adjetivo “encarnado”, encontramos em todos os dicionários a definição “que tem cor de carne” como predominante em todos eles.

Os sentidos encontrados nos dicionários nos parecem corroborar a idéia de Descartes de que a mente é um “espírito animal” que habita o cérebro humano e flui através do corpo, passando a fazer parte dele. Significados como “humanizar-se” e “personificar” apontam a idéia de algo que não é humano ou que não faz parte do corpo humano, o que nos faz pensar em uma entidade imaterial. O uso dessa palavra pode até conduzir a idéia de uma mente de fato parte do corpo, uma vez que nosso corpo é constituído de carne e uma “mente encarnada” seria uma mente com corpo. Contudo, devido alguns significados difundidos pelos dicionários, que vão de encontro à perspectiva da TMC, é que “encarnar” não seja tão utilizada entre os autores e nem mesmo foi encontrada em nosso *corpus*.

Assim, quando falamos na corporificação da mente ou em uma mente corpórea, estamos ressaltando que a mente possui uma relação com o corpo e, através dela, somos capazes de desenvolver conceitos abstratos que poderão aparecer em nossa linguagem através de metáforas, metonímias, sem necessitar de nenhum outro aparato especializado para a sua estruturação. Dessa forma, as unidades lexicais que estão sendo utilizadas na lingüística cognitiva, “incorporar”, “corpóreo”, “corporificar”, “encorpar” e “encarnar” devem também ser analisadas através de seus sentidos dicionarizados, pois com tal atitude a escolha de uma ou mais para o uso na teoria possuirá uma justificativa mais concreta.

Os resultados das buscas realizadas são mostrados a seguir:

A palavra “corpórea” apareceu no total de 14 vezes, mas apenas 1 relacionada com mente, a saber:

“... fundamentação teórica (1999, p.1) 1: a) A **mente** é inerentemente **corpórea**; b) O pensamento é em grande parte inconsciente...”. (arquivo 015)

Das outras 13 ocorrências, 12 estavam relacionadas à palavra “experiência” e 1 relacionada a “conceito”. Tal descoberta nos deixou surpresos, pois esperávamos encontrar um número maior de ocorrência dessa fraseologia.

Encontramos 5 ocorrências da palavra “corporificada”, 4 delas estavam relacionadas à “mente”. Esta é, até então, a forma com maior índice de ocorrência.

“Portanto, a análise das preposições em e entre permite ratificar a premissa de que a **mente é corporificada**, no sentido de que baseia-se em estruturas que emergem da experiência corpórea, e imaginativa, no sentido de que emprega uma habilidade imaginativa “a metáfora” para conceptualizar domínios abstratos a partir de domínios concretos”. (arquivo 014)

Já “mente incorporada” apareceu em apenas uma sentença, a saber:

“Apesar dos avanços trazidos pela visão conexionista à Teoria da Metáfora Conceitual, percebemos desde os seus primórdios já competindo com o modelo simbólico então fortemente presente no âmbito da LC, uma visão que já então se engendrava a respeito de uma mente indissociada do corpo interagente num mundo físico e sócio-culturalmente determinado, uma **mente incorporada**”. (arquivo 066)

Encontramos também uma ocorrência da palavra “encorpada” fazendo referência a mente.

"Nesse estudo o autor defende uma posição que pode ser resumida aproximadamente nestes termos: a **mente** humana não é individual nem solipsista, mas situada e **encorpada** (embodied) e isso serve de base para que se dê a desejada e necessária comensurabilidade entre as línguas e os indivíduos que as usam, pois o mundo externo é em grande parte o mesmo para todos, tirando as diferenças culturais; e as condições do corpo humano..." (arquivo 011)

Assim, através da análise dos corpora, o emprego do termo “mente

corporificada” é o que parece ser mais utilizado pelos autores. Contudo, acreditamos que só poderemos confirmar este termo como o mais prototípico, quando estivermos de posse de um *corpus* mais amplo. Além disso, outra fraseologia utilizada na área “mente encarnada” não foi encontrada no *corpus* e não há dúvida que o sentido empregado nas palavras é o mesmo, tratando apenas de uma variação de uso terminológico por parte dos autores da Teoria da Metáfora Conceitual.

A partir desse estudo, estruturamos o verbete como se segue:

MENTE CORPÓREA	EMBODIED MIND
<p>Definição: Relação existente entre o sistema conceitual de um indivíduo, o seu corpo, o ambiente físico e cultural onde vive, e, conseqüentemente, sua linguagem. Tal relação pressupõe uma mente interligada aos inputs sensoriais do corpo e ao ambiente sócio-cultural no qual o indivíduo está inserido, moldando a partir dessa interação todos os aspectos da cognição, tais como, idéias, pensamentos, conceitos e categorias. Por exemplo, o conceito de verticalidade (para cima e para baixo) é gerado pela estrutura corporal longilínea do homem (e não esférica, por exemplo), que em atividade geralmente assume uma posição perpendicular ao chão, devido à força gravitacional da terra. Tudo isso significa dizer que a mente e o corpo não são independentes, como afirmava a visão cartesiana, pois a cognição é a capacidade humana de lidar com o mundo. Além disso, não há dispositivos próprios separados para a linguagem, mas os mesmos mecanismos responsáveis pelo movimento da mão, por exemplo, também geram a linguagem. Assim, quando falamos na corporificação da mente ou em uma mente corpórea, estamos ressaltando que a mente possui uma relação com o corpo e, através dela, somos capazes de desenvolver conceitos abstratos que permeiam nossa linguagem, entre eles as metáforas (e.g. DESEJAR É TER FOME, INTENSIDADE DE ATIVIDADE É CALOR ou CONSIDERAR É PESAR).</p>	
<p>Contexto: “...uma visão que já então se engendrava a respeito de uma mente indissociada do corpo interagente num mundo físico e sócio-culturalmente determinado, uma mente incorporada.” (arquivo 066)</p> <p>“Subjaz a essa formulação a hipótese de que a mente é corporificada, ou seja, os conceitos resultam das experiências sensoriais vivenciadas no</p>	<p>Contexto: “My claim in this paper is that imaginative simulation processes, which are fundamentally part of the embodied mind, guide many aspects of metaphor understanding”. (arquivo 045)</p> <p>“Between the two opposite ends of embodiment and culture, there have also been attempts to pursue a middle path and explore the connection between the individual embodied mind</p>

<p>espaço, originariamente; no tempo, como espaço percorrido ou ocupado por um objeto, e no discurso” (arquivo 26).</p> <p>“a)A mente é inerentemente corpórea; b) o pensamento é em grande parte inconsciente” (arquivo 015).</p>	<p>and the cultural world that surrounds it” (arquivo 043).</p> <p>“Finally, my thesis that many kinds of metaphors are understood through embodied simulations adopts a wide view of embodiment” (arquivo 045).</p>
<p>Variantes: Mente corporificada; Mente encorpada; Mente corpórea; Mente incorporada</p>	<p>Variantes: Embodiment</p>

3.2. Cenas Primárias

No *corpus* em português, encontramos o fraseologismo “Cenas Primárias” 19 vezes, sendo 3 no singular (cena primária) e 16 no plural. Não encontramos nenhuma variante para o termo e o que pudemos observar é que a definição do que sejam as cenas primárias para os autores está bem clara, uma vez que eles tomam como base o trabalho de Grady 1997 para defini-las.

Através da wordlist realizada, a palavra “cena” não aparece entre as 700 mais freqüentes. Isto significa dizer que sua freqüência em todo o *corpus* é muito pequena, já com a palavra “primária”, nós encontramos 52 ocorrências e a palavra “primárias” teve 77 ocorrências. Contudo, é importante dizer que essas ocorrências estão relacionadas a outros fraseologismos como, por exemplo, “metáfora primária”.

CENA PRIMÁRIA	PRIMARY SCENE
<p>Definição: Representação cognitiva de experiências básicas recorrentes que perpassam os vários domínios da vida, fundamental para o mapeamento metafórico. Por exemplo, no domínio COZINHAR, há várias cenas primárias (e.g. erguer objetos, avaliar quantidades, movimentar-se de um lugar para outro) que também ocorrem em outros domínios (e.g. ARRUMAR UMA ESTANTE, AMAMENTAR). Cada uma dessas cenas pode gerar uma metáfora primária diferente (e.g. erguer objetos – DIFICULDADES SÃO PESOS).</p> <p>Conceito desenvolvido na Hipótese da Metáfora Primária, em 1996.</p>	

<p>Contexto: “As cenas primárias são a base da metáfora e trata-se de uma representação cognitiva recorrente, envolvendo uma relação entre domínios diferentes de experiência (ibid.: 86)3”. (arquivo 064)</p> <p>“Na nova visão, portanto, a base da metáfora é a cena primária, uma representação cognitiva de uma experiência recorrente, que pode ser caracterizado em um nível local, sem muitos detalhes, envolvendo estreita correlação entre duas dimensões de experiência distintas, o domínio alvo e o domínio fonte” (arquivo 052).</p>	<p>Contexto: Primary scenes, supposedly, result from our neurobiological apparatus and different types of events in everyday experiences. They are subjective experiences of a phenomenological nature which include both perceptual aspects as well as our cognitive responses to them. To sum up, primary scenes are, in Grady's words, "minimal (temporarily-delimited) episodes of subjective experience, characterized by tight correlations between physical circumstance and cognitive response (GRADY, 1997, p. 24)” (arquivo 042).</p> <p>“Lakoff and Johnson say nothing, for instance, about the primary scene, a very important element in Grady's hypothesis, for its role in the metaphoric language licensing” (arquivo 040)</p>
<p>Variantes:</p>	<p>Variantes:</p>

3.3. Domínio Alvo

Em português encontramos 77 ocorrências do fraseologismo que ocorreram de 6 maneiras, a saber: Domínio Alvo (32 vezes); Domínio-Alvo (25 vezes); Domínios Alvo (3 vezes); Domínios-Alvo (1 vez) e, finalmente, Domínios Alvos (1 vez). A única diferença que encontramos foi o uso de hífen (-) para ligar a palavra domínio com a palavra alvo, contudo, isso pouco influencia o leitor de uma obra da Teoria da Metáfora Conceitual.

DOMÍNIO ALVO	TARGET DOMAIN
<p>Definição: Domínio conceitual de uma metáfora compreendido em termos de outro domínio conceitual (o domínio fonte). Nessa relação metafórica, o domínio alvo é mais abstrato que o domínio fonte. Na metáfora primária, relaciona-se a respostas a inputs sensoriais, portanto, não possui esquema de imagem. Por exemplo, a experiência recorrente de aumento de calor (domínio fonte) à medida em que</p>	

<p>aumentamos a intensidade de atividades físicas (domínio alvo) gera a metáfora INTENSIDADE DE ATIVIDADE É CALOR, que licencia expressões do tipo “Haverá um aquecimento da economia local...” e “O tucano voltou a dizer que o ocorrido foi uma “discussão acalorada” e não uma agressão”.</p> <p>Na estrutura mnemônica da metáfora corresponde ao primeiro elemento: DOMÍNIO ALVO É DOMÍNIO FONTE.</p> <p>Na primeira versão da Teoria da Metáfora Conceitual (até 1997), o domínio alvo era compreendido como tendo a mesma natureza do domínio fonte, portanto com conteúdo de imagem, mas caracteristicamente menos familiar, menos delineado que o domínio fonte.</p>	
<p>Contexto: “Na Hipótese da Metáfora Primária, as cenas primárias envolvem mapeamentos entre um domínio fonte de conteúdo sensorial, portanto, com esquema de imagem, e um domínio alvo mais abstrato, sem esquema de imagem, que envolve respostas ao input sensorial”. (arquivo 052)</p> <p>“Já o domínio-alvo tende a ser esquematizado por conceitos mais abstratos, de mais elaborada definição” (arquivo 61).</p>	<p>Contexto: “First, there is a metaphorical mapping from a concrete, embodied source domain to an abstract target domain (e.g., objects that can be grasped and passed to others are mapped onto ideas/thoughts/concepts)” (arquivo 036).</p> <p>“In the former view of conceptual metaphor theory, target domains were understood as unfamiliar, abstract domains, which needed another domain to be expressed. In Grady’s hypothesis, target domains are as familiar as the source domains since they are common, recurrent experiences. DESIRE, DIFFICULTY, INTIMACY, for example, are experiences as familiar as those of HUNGER, HEAVINESS, PROXIMITY” (arquivo 040).</p>
<p>Variantes: Domínio-Alvo</p>	<p>Variantes: Target-domain</p>

3.4. Domínio Fonte

Foram encontradas 101 ocorrências no português distribuídas em 7 maneiras, são elas: Domínio fonte (44 vezes); domínios fonte (16 vezes); domínio-fonte (35 vezes); Domínios-fonte (1 vez); Domínios fontes (3 vezes). Assim como o fraseologismo domínio alvo, o domínio fonte também aparece freqüentemente com hífen.

O *corpus* também nos mostrou que os autores utilizam “domínio conceitual” (13 vezes) e “domínio conceptual” (6 vezes) para fazer referência aos domínios, as vezes individualmente a um ou a outro, e as vezes referindo-se aos dois.

DOMÍNIO FONTE	SOURCE DOMAIN
<p>Definição: Domínio conceitual de uma metáfora utilizado para compreender ou estruturar outro domínio (domínio alvo). Na metáfora primária, relaciona-se a inputs sensoriais adquiridos através de nossas experiências corpóreas, portanto, com conteúdo de imagem. Por exemplo, a experiência recorrente de dificuldade ou facilidade no deslocamento de objetos pesados ou leves (domínio fonte) gera a metáfora DIFICULDADES SÃO PESOS, que licencia expressões do tipo “É difícil sustentar essa tese num cenário indigente em que os partidos praticamente não existem...” e “Vasco menospreza Botafogo e sente o peso do time que em três meses venceu os títulos do Brasil e do Rio”. Na estrutura mnemônica da metáfora corresponde ao segundo elemento – DOMÍNIO ALVO É DOMÍNIO FONTE.</p>	
<p>Contexto: “Tais conjuntos de correspondências sistemáticas entre um domínio fonte (tipicamente mais concreto ou acessível aos sentidos) e um domínio alvo (tipicamente mais abstrato) evidenciam algumas relações intrínsecas entre a estrutura e o funcionamento típico do corpo humano e modo como as pessoas conceituam sua experiência no mundo”. (Arquivo 020)</p> <p>“A relação entre domínio-fonte e alvo é estabelecida pelo fato de os dois domínios envolverem estreita correlação entre suas cenas primárias, não havendo características compartilhadas entre os domínios, mas, na verdade, correlação entre as cenas primárias”. (arquivo 064)</p>	<p>Contexto: “Thus, the conceptual metaphor underlying the song “white flag” is LOVE IS WAR, where the target domain is LOVE and the source domain is WAR, so, the concept of LOVE is understood through the concept of WAR.” (arquivo 007)</p> <p>“Primary source domains refer to simple experiences in a phenomenological sense, i.e., they do not involve many details nor many scenes, which could be used as source concepts. This means that only things we are aware of and that do not involve many details can count as domains for primary metaphors”. (arquivo 040)</p> <p>“In this manner, bodily experiences provide the source domains for metaphorically structuring aspects of abstract target domain spaces (e.g. the emotion of grief)”. (arquivo 045)</p>

Variantes: Domínio-fonte	Variantes: Source-domain
------------------------------------	------------------------------------

3.5. Esquema de Imagem

Encontramos 25 ocorrências de “esquemas de imagem” que variam em 4 formas escrita, são elas: Esquema de imagem (12 vezes); Esquemas de imagem (5 vezes); Esquemas de imagens (5 vezes); Esquema de imagens (3 vezes).

Também encontramos a forma “Conteúdo de imagem” (7 vezes) no *corpus*, não havendo variação de plural nela. Outra maneira também utilizada para se referir aos esquemas de imagem é a forma “Esquema imagético” (6 vezes) e “Esquemas imagéticos” (21 vezes). E, finalmente, também encontramos o uso metonímico da palavra “Esquemas” (12 vezes) referente aos esquemas de imagem.

ESQUEMA DE IMAGEM	IMAGE SCHEMA
<p>Definição: Elemento esquemático de muitas imagens que estabelecem padrões de compreensão e raciocínio. Na metáfora primária, o esquema de imagem não pode ser rico ou específico em detalhes. Nosso esquema de imagem de RECIPIENTE, por exemplo, está relacionado a um lugar que tem limites ao redor, em cima e embaixo, capaz de conter outro objeto em seu interior. Assim, tanto uma panela quanto uma sala ou uma floresta cabem nesse esquema de imagem. Na versão da Teoria da Metáfora Conceitual antes de 1997, o esquema de imagem era construto fundamental para o mapeamento metafórico, uma vez que entendia-se que ambos os domínios, fonte e alvo, continham esquema de imagem. Na Hipótese da Metáfora Primária, apenas o domínio fonte, de natureza sensorio-motora, tem conteúdo de imagem. Portanto, o construto fundamental passa a ser a cena primária, um elemento menos abstrato que o esquema de imagem, que por sua vez pode englobar várias cenas primárias.</p>	
<p>Contexto: “Não é suficiente ter conteúdo de imagem, é preciso que esse conteúdo de imagem esteja num determinado nível esquemático de especificidade, i.e., seja um elemento esquemático de</p>	<p>Contexto: “This image schema is a schematic element of many images and not of rich or specific ones, a little different from the notion of image schema as defined by the former view of conceptual</p>

<p>várias imagens e não de imagens ricas ou de imagens específicas”. (arquivo 052)</p> <p>“É ainda no espaço que definimos o esquema imagético do percurso, que dá suporte a várias conceptualizações, entre elas a do trajeto, posição num trajeto, resistência, impedimento e permissão”. (arquivo 022)</p> <p>“Na visão anterior, o construto fundamental era o esquema de imagem, que é mais abstrato que as cenas primárias. Por exemplo, o esquema de imagem do conceito RECIPIENTE pode incluir todos os casos de recipiente, mas cada caso pode englobar várias cenas primárias (...), conforme nossas experiências. (arquivo 052)</p>	<p>metaphor. In the primary metaphor hypothesis, image schemas are less abstract, more restrict, and cannot include concepts highly dependent on culture as in the former view”. (arquivo 040)</p> <p>“For instance, Gibbs (1992) examined peoples intuitions of the bodily experiences of containment and several other image schemas. These image schemas serve as the source domains for several important conceptual metaphors (e.g., ANGER IS HEATED FLUID IN A CONTAINER) underlying American speakers use and understanding of idioms, such as blow your stack, flip your lid, and hit the ceiling” (arquivo 036)</p> <p>““Schemata are representations of the world that we already have in our minds, and which we use to understand and interpret incoming information” (Cook 1997, apud Littlemore 2003:280)” (arquivo 007).</p>
<p>Variantes: Conteúdo de imagem Esquema imagético</p>	<p>Variantes: Image-schema schemata</p>

3.6. Experiencialismo

O termo “experiencialismo” apareceu 13 vezes no *corpus*.

“... a nossa experiência corpórea no e com o mundo define a esfera do que é significativo para nós e determina a nossa maneira de compreender o mundo. O **experiencialismo** atribui um papel central à experiência corpórea na constituição do significado, na compreensão e no raciocínio”. (arquivo 017)

O fraseologismo “mito do experiencialismo” apareceu 2 vezes.

“Mas, argumentamos que o subjetivismo não é a única alternativa para o objetivismo e que há uma terceira opção: o **mito do**

experencialismo, que consideramos como uma possível base metodológica e filosófica adequada para as ciências humanas”. (arquivo 067)

Já o “mito experiencialista” teve 8 ocorrências.”

“O **mito experiencialista** considera o homem como parte do meio, não separado dele e focaliza a constante interação do homem com o ambiente físico e com as outras pessoas” (arquivo 067).

Além dessas, outras possibilidades encontradas no *corpus* foram “perspectiva experiencialista” (2 vezes) ; “abordagem experiencialista” (2 vezes); “visão experiencialista” (5 vezes); “alternativa experiencialista” (6 vezes); “explicação experiencialista” (5 vezes); “teoria experiencialista” (5 vezes); “ponto de vista experiencialista” (3 vezes).

Não encontramos nenhuma ocorrência no *corpus* do fraseologismo “realismo experiencial” ou “realismo corpóreo”, mas ele também é utilizado na literatura por diversos autores. Tal fato pode ser um indício que mostra como os autores brasileiros ainda estão trabalhando com base na versão de 1980 da teoria, pois o termo “realismo corpóreo” é relacionado a versão de 1997.

EXPERIENCIALISMO	EXPERIENTIALISM
<p>Definição: Visão filosófica que tem a experiência corpórea como base para a construção de significados, a maneira como compreendemos o mundo e a maneira como nosso raciocínio é gerado. Para o experiencialismo o conhecimento humano de uma maneira geral é constituído em grande parte através das experiências que temos com nosso corpo no mundo em que vivemos. Surgiu em 1980 com Lakoff & Johnson. A metáfora aparece com grande força nessa visão, pois acredita-se que ela é parte fundamental do pensamento humano. Como estamos sempre estabelecendo relações com o que experienciamos, a metáfora surge nesse contexto como uma maneira natural de estabelecer conceitos e raciocínio. Em 1999, em novo livro de Lakoff & Johnson, o experiencialismo passa a ser chamado de Realismo Experiencial.</p>	
<p>Contexto: “O experencialismo atribui um papel central à experiência corpórea na constituição do significado, na</p>	<p>Contexto: “Lakoff and Johnson (1980; 1999) have argued for a close relationship between</p>

<p>compreensão e no raciocínio”. (arquivo 017)</p> <p>“O mito experiencialista vê o homem como parte do meio em uma relação de transformação mútua por meio da interação constante de negociação, tendo como consequência o entendimento”. (arquivo 012)</p>	<p>the cognitive approach to metaphor and their philosophy called experientialism, which includes embodied realism as its epistemology. However, there are many researchers working in cognitive science who do not subscribe to this particular brand of philosophy”. (arquivo 037)</p> <p>“The cultural-cognitive view is a natural and necessary complement of the experiential view. This is not say that the experiential view has completely ignored the issue of variation in culture – it did not”. (arquivo 010)</p>
<p>Variantes: mito experiencialista; realismo experiencial.- não encontrado realismo corpóreo – não encontrado</p>	<p>Variantes: Embodied realism Experiential view</p>

3.7. Mapeamento

O termo “mapeamento” é o mais utilizado entre as possibilidades encontradas na teoria com 61 aparições.

“Em relação ao segundo ponto para a análise, o **mapeamento** deve mostrar as correlações ontológicas e as epistêmicas. As correlações ontológicas referem-se ao conhecimento peculiar e/ou estanque (não-relacional) das entidades constitutivas de cada domínio”. (arquivo 061)

Em seguida, o fraseologismo “mapeamento metafórico” ocorre 10 vezes e é o segundo mais utilizado.

“Todo o co(n)texto da canção, a começar pelo título, conduz à inferência de que o **mapeamento metafórico** dá-se pelo compartilhamento de traços de fragilidade e impotência do domínio conceitual de rato para o domínio de homem, também metaforicamente referido, nessa mesma canção...” (arquivo 059)

Outro fraseologismo encontrado no *corpus* foi “mapeamento entre domínios” com 9 ocorrências. Contudo, nós também encontramos “correspondência entre domínios” uma única vez como variante de mapeamento.

“Esse é um ponto importante da inclusão da Hipótese da Metáfora Primária na teoria. Nas versões anteriores, era o **mapeamento entre domínios** que licenciava as expressões metafóricas que usamos; na versão atual, é o mapeamento das cenas primárias o responsável por esse licenciamento”. (arquivo 52)

“(7) mapeamento ou **correspondência entre domínios**; (8) mapeamentos adicionais entre domínios que geram inferências; (8) realização não-verbal de metáforas e (9) modelos culturais que são manifestações específicas de representações a respeito do mundo. Com o objetivo de entender a natureza dos **mapeamentos** feitos **entre os domínios** fonte e alvo, esses elementos foram utilizados no exame de um número significativo de expressões metafóricas” (arquivo 058)

Outras formas encontradas foram “mapeamento conceptual” com 4 ocorrências e “mapeamento conceitual” com 3 ocorrências.

“Na metáfora conceptual CANDIDATO É ENTIDADE, temos como domínio-fonte Entidade e como domínio-alvo Candidato. O **mapeamento conceptual** resultante das correlações ontológicas e epistêmicas entre os domínios, a partir de suas entidades, constitui-se da seguinte forma”. (arquivo 061)

“Por exemplo, freqüentemente nos referimos ao domínio do intelecto em termos da visão (e.g. aquela teoria não é muito clara). Tal fenômeno não é arbitrário; pelo contrário, é licenciado por um **mapeamento conceitual**, no caso, COMPREENDER É VER. Esse mapeamento emerge devido ao fato de essas duas experiências (compreender e ver) serem recorrentes e co-ocorrentes, isto é, sempre que olhamos para alguma coisa, ganhamos alguma informação sobre ela (Grady, 1997: 296)”. (arquivo 063)

MAPEAMENTO	MAPPING
<p>Definição: Conjunto de correspondências conceituais entre os elementos dos domínios fonte e alvo de uma metáfora. Tipicamente, o mapeamento se dá unidirecionalmente, de um domínio conceitual mais concreto (domínio fonte) em um domínio conceitual mais abstrato (domínio alvo). Na metáfora primária, esse mapeamento ocorre entre as cenas primárias dos dois domínios, permitindo alta previsibilidade do vocabulário utilizado na linguagem figurada. Por exemplo, o mapeamento da metáfora ANALISAR É CORTAR: O indivíduo que analisa é o indivíduo que corta; O objetivo da análise é o objetivo do corte; A qualidade da análise é o tamanho do corte; O tipo de análise será o tipo de corte; O instrumento da análise é o instrumento do corte, licencia expressões contendo palavras como: cortar, dissecar, separar, dividir, tirar, trincar, recortar.</p>	
<p>Contexto: Esse é um ponto importante da inclusão da Hipótese da Metáfora Primária na teoria. Nas versões anteriores, era o mapeamento entre domínios que licenciava as expressões metafóricas que usamos; na versão atual, é o mapeamento das cenas primárias o responsável por esse licenciamento. (arquivo 052)</p> <p>“Ou seja, metáfora (ou mapeamento) conceitual refere-se ao conjunto de correspondências conceituais entre domínios experienciais distintos, gerado a partir da experiência do homem com o próprio corpo e com o mundo físico e cultural em que vive (Lakoff, 1993:237)” (arquivo 063).</p> <p>“Uma observação sobre o tipo de metáfora, imediatamente acima, é que esta se configura como a projeção de um mapeamento conceptual imagético em uma expressão lingüística metafórica única, resultando numa imagem perceptível, numa imagem mais visual” (arquivo 061).</p>	<p>Contexto: “Furthermore, expressions such as "I'm feeling overloaded" or "he's weighed down with many problems" would reflect the existence of a metaphorical mapping between subjective experiences relative to the difficulty experienced in life and the difficulty experienced perceptually as one tries to lift and/or carry heavy objects. Such association established along cognitive development, results, as PMH explains it, from numerous recurrent and co-occurrent experiences in which weights and difficulties are correlated”.(arquivo 001)</p> <p>“The licensing of metaphorical expressions was thought to be a result of the mapping between source and target domains, so that the expressions could be explained but not predicted”. (arquivo 040)</p>
<p>Variantes Mapeamento metafórico; Mapeamento Conceitual; Mapeamento Conceptual;</p>	<p>Variantes: metaphorical mapping</p>

Correspondência entre domínios; Mapeamento entre domínios;	
---	--

3.8. Metáfora Composta

Ao realizar a busca no *corpus*, encontramos 16 ocorrências da fraseologia “metáfora composta”. Como no exemplo a seguir:

“A **metáfora composta** é um complexo formado de duas ou mais metáforas primárias. O processo da composição metafórica é o de unificação de metáforas coerentes, que ocorre de forma análoga aos processos nas gramáticas baseadas em unificação (Grady, 1997a; 48)” (arquivo 052).

Já o uso de “metáfora complexa” mostrou ser inferior contando com apenas 4 ocorrências. Um exemplo desse uso é:

““IDÉIAS (OU SIGNIFICADOS) SÃO OBJETOS/ EXPRESSÕES LINGÜÍSTICAS SÃO RECIPIENTES/ COMUNICAÇÃO É ENVIAR”. Deste modo, ao considerarem a metáfora do canal o que eles denominam como uma **metáfora complexa**, constituída por uma rede de metáforas conceituais, descobre-se que a mente humana pode estabelecer uma série de relações entre metáforas conceituais que, embora sejam diferentes, fazem parte do mesmo campo semântico.” (arquivo 021)

Neste arquivo podemos perceber que o uso de “metáfora complexa” está relacionado ao período anterior a 1997, quando ainda não havia a diferenciação entre metáforas primárias e metáforas compostas. Mesmo o texto de onde ele foi extraído tendo sido publicado em 2005, ele faz referência a um período anterior. Pode ser observado que já há uma idéia de que existiriam metáforas mais elaboradas que outras e que se agregariam para gerar outras mais elaboradas.

Uma novidade para nós foi o uso de “metáforas múltiplas” como variante de “metáfora composta”, pois até então não havíamos nos deparado com tal ocorrência na literatura. Em nosso *corpus* ela foi utilizada 2 vezes em textos diferentes.

“c) falta de consistência entre mapeamentos co-relacionados, já que apresentava-se difícil determinar se as **metáforas múltiplas** (compostas) são ramificações de uma mesma metáfora conceptual ou se são metáforas que compartilham traços de mapeamentos quanto à estrutura e ao conteúdo”. (arquivo 061)

METÁFORA COMPOSTA	COMPOUND METAPHOR
<p>Definição: Metáfora conceitual formada através da união (unificação) de duas ou mais metáforas primárias entre si ou com outras metáforas compostas. O resultado dessa união é o surgimento de uma nova metáfora que mapeia aspectos mais específicos que as metáforas originais. Tais aspectos estão mais sujeitos a sofrer influência de uma determinada cultura e podem apresentar características únicas. Por exemplo, UMA VIDA COM PROPÓSITOS É UMA JORNADA apresenta conceitos repletos de imagens culturalmente construídos. Em nossa cultura, esperamos que uma pessoa sempre tenha um propósito em sua vida. Entende-se que uma pessoa sem um propósito está perdida ou sem direção, não sabe até onde ir em sua jornada. A unificação das metáforas primárias PROPÓSITOS SÃO DESTINOS e AÇÕES SÃO EMOÇÕES, possibilita a geração dessa composta, de maneira coerente com nossa sociedade. Conceito desenvolvido na Hipótese da Metáfora Primária, em 1996.</p>	
<p>Contexto: A predição de expressões metafóricas se mantém também nas metáforas compostas, que são formadas a partir de unificações entre metáforas primárias coerentes. (arquivo 052)</p> <p>“Deste modo, ao considerarem a metáfora do canal o que eles denominam como uma metáfora complexa na qual IDÉIAS SÃO OBJETOS QUE ENTRAM NA MENTE, tal como pedaços de alimento são objetos que entram no corpo” (arquivo 021).</p> <p>“c) falta de consistência entre mapeamentos co-relacionados, já que apresentava-se difícil determinar se as metáforas múltiplas (compostas) são ramificações de uma mesma metáfora conceptual ou se são metáforas que compartilham traços de mapeamentos quanto à estrutura e ao conteúdo”</p>	<p>Contexto: “However, cultural aspects should be strongly involved in the process of primary metaphor unification, i.e., in the construction of compound metaphors. While the underlying motivation to primary metaphor is more physical than cultural, then it would exist in several languages and in similar ways, the underlying motivation for compound metaphor formation would have cultural aspects involved.” (040)</p> <p>“these three primitives can be blended in different ways to give rise to compound metaphors that have traditionally been seen as simply conceptual metaphors” (arquivo 036)</p> <p>“Since a complex metaphor is supposedly made up of a core of primary metaphors, plus some culture-specific belief (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p.60)” (arquivo 43).</p>

(arquivo 061).	
Variantes: Metáfora complexa Metáfora múltipla	Variantes: Complex Metaphor

3.9. Metáfora Conceitual

A busca por “metáfora conceitual” possibilitou achar 256 ocorrências de seu uso. Entre elas 96 eram “metáforas conceituais” e 160 estavam como “metáfora conceitual”. Por ser uma fraseologia utilizada tanto na teoria dos anos 80, quanto na teoria dos anos 90 já era esperado uma grande quantidade de ocorrências. Alguns exemplos são:

“A nosso ver, a correlação já parece bem estabelecida nessa teoria, uma vez que esta tem como princípio geral a questão de que as **metáforas conceituais** são fundamentadas em correlações que ocorrem dentro da experiência”. (arquivo 059)

“Em 1980, Lakoff e Johnson lançam o livro *Metaphors we live by*, no qual desenvolvem a Teoria da Metáfora Conceitual. **Metáfora Conceitual** é o processo de entender um conceito/domínio em termos de outro: CONCEITO A É CONCEITO B, onde CONCEITO A é o alvo e CONCEITO B é a fonte (Lakoff, 1990).” (arquivo 057)

O fraseologismo “metáfora conceitual” apareceu 119 vezes no *corpus*. Já “metáforas conceituais” ocorreu 51 vezes nos textos.

“Os conceitos principais dessa teoria são: o de Metáfora conceitual (conceptual metaphor): ‘Uma **metáfora conceitual** é uma maneira convencional de conceitualizar um domínio de experiência em termos de outro, normalmente de modo inconsciente’. (arquivo 002)

“Em um estudo pioneiro sobre as metáforas do dia-a-dia, George Lakoff & Mark Johnson (1980) demonstram que conceptualizam-se sistematicamente muitos domínios da experiência através de **metáforas conceituais**, isto é, projetando neles outros domínios. Para ilustrar a idéia de que as metáforas conceituais estruturam nossas atividades diárias, os autores observam que, em

sociedades ocidentais, uma discussão (ou debate) é conceptualizado através da metáfora DISCUSSÃO É GUERRA”. (arquivo 014)

Ao participar de uma reunião do grupo GEIM (Grupo de Estudo da Indeterminação e da Metáfora), percebemos uma preferência dos membros pelo uso de “conceptual” no lugar de “conceitual”. Contudo, não há no Brasil, ou pelo menos não vimos em nenhum congresso dos quais pudemos participar até então, nenhuma iniciativa para se estabelecer o uso de um ou de outro termo da área. Tal fato reforça a importância de nosso trabalho como primeiro passo para uma obra maior que possa auxiliar toda a comunidade acadêmica.

METÁFORA CONCEITUAL	CONCEPTUAL METAPHOR
<p>Definição: Figura de pensamento na qual se compreende um domínio conceitual em termos de outro, devido aos vários mapeamentos constantemente gerados em nosso cérebro, através de nossas experiências com o mundo em que vivemos. É grafada em caixa alta, seguindo o padrão DOMÍNIO ALVO É DOMÍNIO FONTE, e nos fornece subsídios para a realização das metáforas lingüísticas. Por exemplo, frases do tipo “Estou com fome de bola” ou “Tenho fome de poder” são possíveis porque compreendemos o desejo (domínio alvo) em termos da fome (domínio fonte) através da metáfora subjacente DESEJAR É TER FOME. Antes de 1980, a metáfora era vista apenas como uma figura de linguagem, típica do gênero poético e da retórica, com função de ornamentar textos. Além disso, sua criação era considerada fruto de um processo elaborado e minucioso, realizado por pessoas com alto domínio da linguagem. A Teoria da Metáfora Conceitual, lançada em 1980, a partir da observação do uso sistemático de metáforas na linguagem cotidiana, começa a discutir a metáfora numa perspectiva conceitual, que deixa de ser uma criação artificial e passa a ser uma criação natural do homem, como resultado de sua estrutura cognitiva. Há metáforas conceituais de diversas naturezas. Inicialmente eram categorizadas em metáforas orientacionais, ontológicas, estruturais, metáforas de imagem e outras. A partir de 1997, com a Hipótese da Metáfora Primária, foram classificadas em metáforas correlacionais (primárias e compostas) e as não-correlacionais (metáforas de imagem, de semelhança e outras).</p>	
<p>Contexto: “Na parte 2, apresentamos uma visão panorâmica da metáfora conceitual, proposta por Lakoff & Johnson (1980), que vêem a metáfora como sendo um recurso de pensamento que nos faz falar, ver e agir sobre determinados</p>	<p>Contextos: “A conceptual metaphor in turn represents a cognitive mapping between a source domain and a target domain (Lakoff 1993: 203)” (arquivo 034) “Recent developments in the field of</p>

<p>fenômenos de uma maneira e não de outra;” (arquivo 065)</p> <p>“Uma metáfora conceptual é assim chamada porque ela conceitualiza alguma coisa. No caso acima, a metáfora fornece um conceito de amor. Segundo esse conceito, amor seria uma viagem. Esse é o conceito metafórico” (arquivo 002).</p> <p>“Lakoff e Johnson (2002) postulam três categorias de metáforas conceptuais: as estruturais – aquelas que estruturam um conceito em termos de outro e são responsáveis pela estruturação de nosso sistema conceptual (...); as orientacionais – aquelas que organizam todo um sistema de conceitos com relação a outro, têm uma base em nossas experiências cultural e física, e estão ligadas à orientação espacial (...); e as ontológicas – aquelas que transformam conceitos abstratos em entidades – coisas ou seres (animais ou humanos)” (arquivo 018)</p>	<p>cognitive linguistics have suggested that conceptual metaphors motivate a great deal of our abstract thinking (Lakoff and Johnson, 1980), and that there is a great deal of systematicity underlying aspects of language that have previously been considered arbitrary (Lindstromberg, 1991)” (arquivo 33).</p> <p>“Another important contribution brought about by PMH is the fact that it opens possibilities of falsifying the theory by empirical testing of the hypothesis. Grady (1997) posits that conceptual metaphors often arise from more basic experiential metaphorical patterns. These are called primary or primitive metaphors which result from recurrent and co-occurrent embodied experiences that take place during an individual’s ontological development” (arquivo 001).</p>
<p>Variantes: Metáfora Conceptual</p>	<p>Variantes:</p>

3.10. Metáfora Primária

Encontramos no total 87 ocorrências dessa fraseologia sendo 42 vezes “metáfora primária” e 45 vezes “metáforas primárias”.

“... da experiência subjetiva ou julgamento é co-ativado com um domínio sensório-motor, mais os pesos aumentam, até que se estabelecem as conexões permanentes. Nesse sentido, a **metáfora primária** é inevitável - é adquirida automática e inconscientemente via o processo normal de aprendizagem neural”

“Tais experiências são independentes de influências culturais, i.e., são universais; portanto, as **metáforas primárias** devem ser comuns em toda cultura/língua. Assim, por exemplo, as metáforas DESEJAR É TER FOME (e.g. Ele tem fome de reconhecimento”. (arquivo 052)

Não encontramos nenhuma variante dessa fraseologia no português e no inglês. Contudo, esperávamos que fosse encontrado um número maior de ocorrências, pois a maioria dos textos coletados para o corpus são dos últimos 10 anos. Isso nos mostra que mesmo a teoria sendo reformulada em 1997 e em 1999, vários autores ainda continuam trabalhando com a versão de 1980 e, por isso, o número de ocorrências da fraseologia “metáfora conceitual” ou “metáfora conceptual” ser maior que “metáfora primária”.

METÁFORA PRIMÁRIA	PRIMARY METAPHOR
<p>Definição: Metáfora conceitual mais fundamental, que envolve um domínio fonte de conteúdo sensório-motor e um domínio alvo, mais abstrato, de resposta ao input sensorial. É gerada a partir de correlações entre nossas experiências corpóreas com o mundo em que vivemos. Tais correlações acontecem em diferentes níveis, i.e., a maneira como conceptualizamos as nossas experiências no mundo nos permite estabelecer relações entre os mais variados conceitos e experiências vivenciadas. Por exemplo, a metáfora primária INTENSIDADE DE ATIVIDADE É CALOR é estabelecida pela nossas experiências corpóreas, uma vez que, a todo instante estamos ganhando ou perdendo calor com ambiente. Outro momento em que percebemos a troca de calor ocorre quando entramos em movimento, pois percebemos o aumento da temperatura corpórea. A união de duas ou mais metáforas primárias podem gerar uma metáfora composta que realça novos aspectos de uma determinada cultura. Conceito desenvolvido na Hipótese da Metáfora Primária, em 1996.</p>	
<p>Contexto: “a metáfora primária tem origem em experiências correlacionais, recorrentes e distintas, uma de natureza perceptual (domínio fonte) e outra de natureza conceitual, que constitui uma resposta cognitiva ao input sensorial (domínio alvo)” (arquivo 064) “as metáforas primárias poderiam ser caracterizadas como conexão entre conceitos distintos, talvez baseados nas</p>	<p>Contexto: This new work on primary metaphor is a major development in establishing the embodied grounding for metaphor in language and thought. It will be interesting to see how primary metaphors constrain speaking and thinking in linguistic and psycholinguistic accounts of metaphoric language use (see Gibbs, Lima & Françoço, 2004)” (arquivo 35)</p>

<p>numerosas experiências onde os conceitos estão estreitamente relacionados, e são, por isso, simultaneamente ativados (Grady, 1997: 224)” (arquivo 059)</p>	<p>“Primary metaphor is, under this view, inevitable, acquired automatically and unconsciously via normal neural learning processing. Every time a subjective experiential domain or judgment is regularly co-activated with a sensory-motor domain, permanent neural connections are formed via changes in synaptic weights. In other words, synaptic weights increase until permanent connections are established. From Johnson’s perspective, primary metaphors are neural connections that have learned by co-activation. From a conceptual perspective, according to Grady proposal, they are cross-domain mappings, one of a perceptual nature (source) and another of a conceptual nature (cognitive response) which preserve inferences from one domain to the other and some times, the lexical representation” (arquivo 042).</p>
<p>Variantes:</p>	<p>Variantes:</p>

3.11. Índice Remissivo

PORTUGUÊS		PG.	INGLÊS		PG.
1 -	Cena primária.....	84	11-	Compound Metaphor.....	94
2 -	Domínio alvo.....	85	12-	Conceptual Metaphor.....	96
3 -	Domínio fonte.....	86	13-	Embodied Mind.....	79
4 -	Esquema de Imagem.....	88	14-	Experientialism.....	89
5 -	Experientialismo.....	89	15-	Image Schema.....	88
6 -	Mapeamento.....	91	16-	Mapping.....	91
7 -	Mente corpórea.....	79	17-	Primary Metaphor.....	98
8 -	Metáfora Composta.....	94	18-	Primary Scene.....	84
9 -	Metáfora Conceitual.....	96	19-	Source Domain.....	86
10-	Metáfora Primária.....	98	20-	Target Domain.....	85

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tivemos como objetivo principal deste trabalho propor um modelo inicial de uma obra terminográfica, que sirva de ponto de partida para a criação de dicionários, glossários ou vocabulários terminográficos bilíngües da Teoria da Metáfora Conceitual, tendo como foco principal alunos e pesquisadores que já tem algum conhecimento na área.

Este trabalho surgiu em consequência de nossa própria experiência com os estudos da metáfora, cujos termos careciam de definições próprias da área e que para elucidá-los dependíamos inteiramente da orientadora. Nosso trabalho teria sido facilitado se houvesse uma obra terminográfica da Teoria da Metáfora Conceitual. Notamos que os termos utilizados pelos vários autores não só tinham sentidos diferentes daqueles usados fora da área, como sofriam mudanças conceituais ao longo do desenvolvimento da própria teoria, além da criação e incorporação de novos termos. Tal fato pode causar uma grande dificuldade para os leitores menos experientes na área.

Iniciamos este trabalho mostrando como a Lingüística Cognitiva vem se desenvolvendo ao longo dos últimos 30 anos. Nesse período, os estudos sobre a metáfora tiveram um crescimento acelerado devido à visão inovadora de Lakoff e Johnson (1980), que colocaram a metáfora em outro patamar: ela deixou de ser entendida como uma simples figura de linguagem e adquiriu um papel cognitivo. Conforme demonstram Lakoff e Johnson, grande parte de nosso sistema conceitual é estruturado metaforicamente. As evoluções da teoria chegaram à atualidade com modelos que podem ser testados experimentalmente, como a questão das metáforas primária e composta. As primárias são geradas a partir de correlações entre experiências corpóreas básicas de níveis distintos, ou seja, entre um domínio experiencial sensorio-motor, como fome, e um domínio de resposta a esse input sensorial, como desejo (o desejo por alimento que ocorre quando se tem fome). As compostas são criadas a partir de unificações de metáforas primárias.

Um conceito fundamental para a Lingüística Cognitiva diz respeito à mente. Nessa visão, a mente é corpórea, um conceito de difícil apreensão por contrastar completamente com a visão ocidental tradicional. Assim, dedicamos uma parte do nosso trabalho ao conceito de mente, mostrando como tem sido definida por vários autores, e as implicações do conceito de “embodiment”, fundamental para se aceitar a junção de mente, corpo e mundo como responsáveis pelo que somos e como funcionamos no mundo.

Em seguida, apresentamos os aportes teóricos da Terminologia, mostrando de que forma nos foram úteis na elaboração desta proposta, e alguns conceitos da Lingüística de *Corpus* que podem auxiliar qualquer pesquisador que deseje trabalhar com um *corpus* de uso real precisa saber para realizar um trabalho de maneira organizada e coerente. Finalizando, assim, os conceitos principais das três áreas que serviram de aporte teórico ao nosso trabalho.

No segundo capítulo, descrevemos os passos para a realização desta obra. Começamos descrevendo como o processo de seleção dos termos é importante para a elaboração dos *corpora* e de que maneira selecionamos os textos que fazem parte dos *corpora* utilizados. Em seguida, mostramos como agimos após a escolha dos textos que compuseram cada *corpus*, levando em consideração se os textos estavam digitalizados ou não e, uma vez já estando em mídia digital, como os organizamos em nossos arquivos. Descrevemos também como o programa Wordsmith Tools nos foi útil para avaliar os *corpora* tanto em relação à quantidade de palavras e textos, quanto à qualidade e pertinência dos textos sobre o assunto. Finalizando o capítulo, abordamos como selecionamos e arquivamos os dados para a realização da análise e escolha da disposição dos termos.

Nossos corpora, um em português e o outro em inglês, foram compostos de artigos de períodos, anais de congresso, capítulos de livro, publicados no período de 2003 a 2007, e a tradução para o português do livro de Lakoff e Johnson de 1980, cujo período citado não foi seguido por tratar-se de uma obra marco da teoria. No total, coletamos em português e em inglês, respectivamente, 35 e 32 textos, com

um total de 20.628 e 14.665 types e 297.277 e 269.881 tokens. A partir desses corpora, buscamos exemplos de caráter definatório dos termos em análise.

Durante a etapa de seleção de textos, verificamos uma grande quantidade de textos que faziam referência à Teoria da Metáfora Conceitual. Isso nos mostra que é cada vez maior o número de pessoas que trabalham com a teoria ou que, pelo menos, estão fazendo algum tipo de leitura relacionada à metáfora. Por outro lado, nos preocupa também ver que em vários textos dos últimos 5 anos a nova versão da teoria parece ser ignorada por alguns autores. Em sua maioria, os textos tratavam a metáfora focando apenas o trabalho de Lakoff e Johnson de 1980.

Um ponto interessante na elaboração deste trabalho diz respeito ao programa Wordsmith Tools. Além da praticidade na análise dos dados, o programa nos permitiu verificar que, embora diferentes, nossos *corpora* eram equivalentes e, por isso, puderam nos fornecer elementos reais de análise. Mesmo com as facilidades de análises apresentadas com o programa, o mundo da tecnologia também nos apresentou alguns problemas. Durante o processo de digitalização de um dos livros utilizados, parte do texto de todas as páginas digitalizadas foi eliminado sendo necessário que completássemos manualmente página por página, o que demandou mais tempo que o previsto.

No capítulo 3, a partir da análise dos termos selecionados com base no corpus em português e inglês, apresentamos a nossa proposta de verbete a ser utilizada em uma obra terminológica maior. A proposta consta de 10 termos, dentre aqueles considerados centrais para a Teoria da Metáfora Conceitual, a saber: Cena Primária (Primary scene), Domínio Alvo (Target domain), Domínio Fonte (Source Domain), Esquema de Imagem (Image schema), Experiencialismo (Experientialism), Mapeamento metafórico (Mapping), Mente corpórea (Embodied mind), Metáfora composta (Compound metaphor), Metáfora conceitual (Conceptual metaphor) e Metáfora Primária (Primary metaphor).

Nesta dissertação, damos apenas início a um glossário da TMC que,

acreditamos, será de grande importância para todos os que trabalham na área, desde profissionais com maior nível de conhecimento até aqueles que estão dando os seus primeiros passos com o assunto. Buscamos definições, contextos e equivalentes de termos básicos da teoria, que certamente poderão auxiliar, entre outras coisas, a pesquisadores, estudantes universitários e tradutores na leitura e escrita de artigos em língua materna ou estrangeira.

Naturalmente que, para uma obra de maior extensão, os *corpora* devem ser ampliados. Optamos em trabalhar somente com texto dos últimos 5 anos, o que reduziu o total de textos que foram analisados. Com um *corpus* maior, principalmente com textos da década de 80 e 90, os pesquisadores poderão ter uma visão maior de como os termos foram trabalhados pelos autores ao longo da teoria. Além de poderem fazer uma análise fragmentada por período de 5 em 5 anos, por exemplo. Com isso, acreditamos que os resultados encontrados serão ainda mais reveladores do que os já encontrados aqui, como foi o caso do fraseologismo "mente corpórea", sobre o qual pudemos averiguar que diferentes autores fazem diferentes traduções, tais como mente incorporada, mente encarnada, mente corporificada.

Finalmente, a elaboração do glossário em si estava fora do escopo deste trabalho, mas acreditamos que as diretrizes para sua elaboração levantadas aqui poderão contribuir para que novos passos sejam dados em relação ao uso das teorias da Terminologia em favor da Teoria da Metáfora Conceitual.

Referências Bibliográficas

ABRANTES, A. M. As Ciências Cognitivas e a Nova Cultura do Conhecimento. **Máthesis**, Viseu: Universidade Católica Portuguesa, v.14, p. 311-326, 2005.

ALMEIDA, G. M. de B.; OLIVEIRA, L. H. M. de; ALUÍSIO, S. M. A Terminologia na era da informática. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 42-45, abr./jun. 2006.

ANJOS, E. D. dos, **Glossário terminológico ilustrado de movimentos e golpes da capoeira**: um estudo término-lingüístico. 2006, 216f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ARISTÓTELES. **Arte Poética**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.

BARROS, L. A. Aspectos epistemológicos e perspectivas científicas da terminologia. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 22-26, 2006.

CABRÉ, M. T. Traducción y terminología: un espacio de encuentro ineludible. In II Congreso Latinoamericano de Traducción e Interpretación, 1998, Buenos Aires; **Actas del II Congreso Latinoamericano de Traducción e Interpretación**. Buenos Aires: Colegio de Traductores Públicos de la Ciudad de Buenos Aires, 2000.

CARDOSO, S. H. O que é Mente. **Revista Cérebro e Mente**. n. 4, dez 1997/ abr. 1998, Campinas, 1998. Disponível em: <<http://www.cerebromente.org.br/n04/editori4.htm>> Acessado em: 12 fev. 2008.

CONSENZA, R. M. Espíritos, Cérebros e Mentes. A Evolução Histórica dos Conceitos sobre a Mente. **Revista Cérebro e Mente**, n. 16, dez. 2002/Abr. 2003, Campinas, 2002. Disponível em: <<http://www.cerebromente.org.br/n16/history/mind-history.html>>. Acessado em: 12 fev. 2008.

CROFT, W.; CRUSE, D. A.. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUENCA, M. J.; HILFERTY, J. **Introducción a la lingüística cognitiva**. Barcelona:

Editorial Ariel, 1999.

EVANS, V. **A Glossary of cognitive Linguistics**. Utah: University of Utah Press, p. 239, 2007.

EVANS, V.; BENJAMIN, K. B.; JÖRG ZINKEN. **The Cognitive Linguistics Enterprise: An Overview**. In EVANS, V., Benjamin K. Bergen and Jörg Zinken (Eds). *The Cognitive Linguistics Reader*. Equinox Publishing Co. 2006 Disponível em: <<http://www.vyvevans.net/CLoverview.pdf>>. Acessado em: 20 nov. 2007.

FERRARI, L. V. A Lingüística Cognitiva e o realismo corporificado: Implicações filosóficas e psicológicas. **Veredas**, Juiz de Fora, vol. 6, n.2, p. 23-29, 2001.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio século XXI: O dicionário da Língua Portuguesa**. 3ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999.

FESMIRE, S. A. What Is “Cognitive” About Cognitive Linguistics?. **Metaphor and Symbolic Activity**, vol. 9, n. 2, p. 149-154, 1994.

FINATTO, M. J. B. **Determinação terminológica: fundamentos teórico-metodológicos para sua descrição e explicação**. 2001. 395 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

GIBBS, R. W. What’s cognitive about cognitive linguistics?. In E. H. Casad (ed.), **Cognitive linguistics in the redwoods**. Berlin, Mouton de Gruyter, pp. 27-53, 1996.

GIBBS, R. W. **Embodiment and Cognitive Science**. Cambridge: Cambridge University Press. 2005.

GLEICK, E. **It was the Marker we were waiting for**. Time Magazine. Disponível em: <<http://www.time.com/time/reports/cult/heavensgate/heavensgate1.html>>. Acessado em: 15 fev. 2008.

GRADY, J. **Foundations of meaning: Primary Metaphors and Primary Scenes**. 299 p. Doctoral Dissertation, Department of Linguistics, Berkeley, University of California at Berkeley, 1997.

_____. The “Conduit Metaphor” revisited: A reassessment of metaphors for communication. In Koenig, Jean-Pierre (Org). **Discourse and Cognition: Bridging the gap**. Stanford: CSLI, p. 205-218, 1998.

HAENSCH, G.; OMEÑACA, C. **Los diccionarios del español en el siglo XXI: problemas actuales de la lexicografía – Los distintos tipos de diccionarios; una guía para el usuario – Bibliografía de publicaciones sobre lexicografía**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2004.

JESUS, A. M. R. de; BARROS, L. A. Variação terminológica na área da Dermatologia: os termos que fazem referência a nomes de animais. In: 53º Seminário do GEL, 2005, São Carlos. **Revista Estudos Lingüísticos**, São Carlos, 2004. v. XXXIV. p. 1384-1389.

JOHNSON, M. **The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason**. Chicago: University Press, 1987.

JOHNSON, M.; ROHRER, T. We Are Live Creatures: Embodiment, American Pragmatism, and The Cognitive Organism. **Body, Language, and Mind**, Berlin, vol. 1, p. 17-54, 2007.

KEMMER, S. **About Cognitive Linguistics: Historical Background** <<http://www.cognitivelinguistics.org/cl.shtml>>. Acessado em 19 nov. 2007.

KÖVECSES, Z. **Metaphor: a practical introduction**. New York: Oxford University Press, 2002.

KRIEGER, M. da G. Terminologia Revisitada. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, vol. 16, n. 2, p. 209-228, 2000.

_____. A face lingüística da Terminologia. In Krieger, M. da G.; Maciel, A. M. B. **Temas de terminologia**. Porto Alegre/São Paulo: Ed. Universidade (UFRGS)/Humanitas/USP, 2001. 22-33.

_____. Relações entre Terminologia e Tradução. In Krieger, M. da G.; Maciel, A. M. B. **Temas de terminologia**. Porto Alegre/São Paulo: Ed. Universidade (UFRGS)/Humanitas/USP, 2001. 155-163.

KRIEGER, M. da G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia: Teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2004.

LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors We Live By**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

_____. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução de: Mara Sophia Zanotto et al. São Paulo: Educ-Editora da PUC, 2002.

_____. Why cognitive linguistics requires embodied realism. **Cognitive Linguistics**, vol 13,n. 3, p. 245-263, 2002.

LIMA, P. L. C. **DESEJAR É TER FOME: novas idéias sobre antigas metáforas conceituais**. 1999, 214f. Tese (Doutorado em Lingüística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

_____. **Experiências Corpóreas e Linguagem**. Apresentação na Conferência de Lingüística e Cognição, Campinas, SP, 2004.

_____. Metáfora e Ensino/Aprendizagem de Língua Estrangeira. In Lima, P. L. C.; Araújo, A. D. (Orgs) **Questões de Lingüística Aplicada: Miscelânea**, Fortaleza: EDUECE, 2005, p. 97–123.

LIMA, P. L. C.; GIBBS Jr, R. W.; FRANÇOZO, E. Emergência e natureza da metáfora primária - Desejar é ter fome. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, IEL/Unicamp, Campinas, vol 42. p. 107-140, 2001.

PAVEL, S; NOLET, D. **Manual de terminologia**. Tradução de Enilde Faulstich Gatineau, Québec: Direção de Terminologia e Normalização – Departamento de Tradução do Governo Canadense, p. 166, 2002.

PEARSON, J. **Terms in context**. J. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins Publishing Company, 1998.

PERFIL Bibliográfico. In: ARISTÓTELES. **Arte Poética**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.

PICHT, H. *Corpora* como ponto de partida para a extração de dados terminológicos. Tradução de DUARTE, D.; FINATTO, M. J. B. In KRIEGER, M. da G.; ARAÚJO, L. (Orgs) **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 17, p. 67-77, out./dez., 2004.

PONTES, A. L. Terminologia Científica: O que é e como se faz. In LIMA, P. L. C.; ARAÚJO, A. D. (orgs) **Questões de Linguística Aplicada**: Miscelânea, Fortaleza: EDUECE, 2005, p. 31 – 52.

PUCCI JR, A. O estudo da relação mente e corpo segundo o pensamento funcional de Wilhelm Reich. In: Convenção Brasil Latino América, Congresso Brasileiro e Encontro Paranaense de Psicoterapias Corporais. Vol.1., n. 4., Foz do Iguaçu. **Anais...** Centro Reichiano, 2004. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos/anais/Alberto%20Pucci%20Junior.pdf>. Acessado em: 12 fev. 2008.

RAKOVA, M. The philosophy of embodied realism: a high price to pay? **Cognitive Linguistics**, vol.13, n. 3, p. 215-244, 2002.

REDDY, M. The Conduit Metaphor: a Case of Frame Conflict in our Language about Language, In. Ortony, A. Ed., **Metaphor and Thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p. 164-201.

SARDINHA, T. B. Linguística de corpus: histórico e problemática. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, vol.16, n. 2, pp. 323-367, 2000.

_____. **Linguística de Corpus**. Barueri: Manole, 2004.

SCOTT, M. **WordSmith Tools version 3**. Oxford: Oxford University Press, 1998.

SILVA, A. S. da. Introdução: Linguagem, Cultura e Cognição, ou a Linguística Cognitiva, In SILVA, A. S. da, TORRES, A.; GOLÇALVES, M. (orgs.), **Linguagem, Cultura e Cognição**: Estudos de Linguística Cognitiva. Coimbra: Almedina, vol. I, 2004, pp.1-18.

SILVA, S. Reconhecimento de termos e produção de definições no Direito Administrativo: um estudo sob a ótica da lingüística do texto especializado e da Lingüística de Corpus. **ReVEL**. Vol. 2, n. 3., 2004. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/site2007/pdf/3/artigos/revel_3_reconhecimento_de_termos_e_producao.pdf>. Acessado em: 12 fev. 2008.

STEIN, L. L. K., **O uso do verbo FICAR em português: uma pesquisa baseada em corpus**. 2004, 74f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

ZANOTTO, M. S. Apresentação à edição brasileira. In. LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução do Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora (GEIM) Zanotto (Coord.). Campinas, São Paulo: Mercado de Letras. Educ, 2002. p.9-37

WOZNIAK, R. H. **Mind and Body**: René Descartes to William James. Washington: Bryn Mawr College, 1995. Disponível em: <<http://serendip.brynmawr.edu/Mind/Table.html>>. Acesso em 13 fev. 2008.

ANEXOS

FICHA TERMINOLOGICA	FICHA 1
TERMO: CENA PRIMÁRIA	
DEFINIÇÃO: Representação cognitiva de experiências básicas recorrentes que perpassam os vários domínios da vida, fundamental para o mapeamento metafórico. Por exemplo, no domínio COZINHAR, há várias cenas primárias (e.g. erguer objetos, avaliar quantidades, movimentar-se de um lugar para outro) que também ocorrem em outros domínios (e.g. ARRUMAR UMA ESTANTE, AMAMENTAR). Cada uma dessas cenas pode gerar uma metáfora primária diferente (e.g. erguer objetos – DIFICULDADES SÃO PESOS). Conceito desenvolvido na Hipótese da Metáfora Primária, em 1996.	
CONTEXTO: “As cenas primárias são a base da metáfora e trata-se de uma representação cognitiva recorrente, envolvendo uma relação entre domínios diferentes de experiência (ibid.: 86)3” (arquivo 064). “As cenas primárias , por sua vez, são definidas como episódios mínimos (temporalmente delimitados) de experiência subjetiva, caracterizados pela estreita correlação entre circunstância física e resposta cognitiva (Grady, 1997, p. 24)” (arquivo 059). “Na nova visão, portanto, a base da metáfora é a cena primária , uma representação cognitiva de uma experiência recorrente, que pode ser caracterizado em um nível local, sem muitos detalhes, envolvendo estreita correlação entre duas dimensões de experiência distintas, o domínio alvo e o domínio fonte” (arquivo 052).	
VARIANTES:	
NOTAS:	
EQUIVALENTES: Inglês: Primary Scenes	
OCORRÊNCIA NO CORPUS: Cena Primária: 16 vezes Cenas Primárias: 3 vezes	

FICHA TERMINOLOGICA	FICHA 2
TERMO: DOMÍNIO ALVO	
<p>DEFINIÇÃO: Domínio conceitual de uma metáfora compreendido em termos de outro domínio conceitual (o domínio fonte). Nessa relação metafórica, o domínio alvo é mais abstrato que o domínio fonte. Na metáfora primária, relaciona-se a respostas a inputs sensoriais, portanto, não possui esquema de imagem. Por exemplo, a experiência recorrente de aumento de calor (domínio fonte) à medida em que aumentamos a intensidade de atividades físicas (domínio alvo) gera a metáfora INTENSIDADE DE ATIVIDADE É CALOR, que licencia expressões do tipo “Haverá um aquecimento da economia local...” e “O tucano voltou a dizer que o ocorrido foi uma “discussão acalorada” e não uma agressão”.</p> <p>Na estrutura mnemônica da metáfora corresponde ao primeiro elemento: DOMÍNIO ALVO É DOMÍNIO FONTE.</p> <p>Na primeira versão da Teoria da Metáfora Conceitual (até 1997), o domínio alvo era compreendido como tendo a mesma natureza do domínio fonte, portanto com conteúdo de imagem, mas caracteristicamente menos familiar, menos delineado que o domínio fonte.</p>	
<p>CONTEXTO: “Na Hipótese da Metáfora Primária, as cenas primárias envolvem mapeamentos entre um domínio fonte de conteúdo sensorial, portanto, com esquema de imagem, e um domínio alvo mais abstrato, sem esquema de imagem, que envolve respostas ao input sensorial”. (arquivo 052)</p> <p>“O domínio alvo é aquele que desejamos conceitualizar; esse é o domínio abstrato; no exemplo, amor” (arquivo 002).</p> <p>“Neste exemplo falamos de desejo (domínio alvo) em termos de fome (domínio fonte). Essa relação é unidirecional e acontece sempre do domínio fonte para o alvo” (057).</p> <p>“Já o domínio-alvo tende a ser esquematizado por conceitos mais abstratos, de mais elaborada definição” (arquivo 61).</p>	
<p>VARIANTES: Domínio-Alvo</p>	
<p>NOTAS: Pode ser encontrado no corpus as seguintes expressões que fazem referência aos domínios “Domínio Conceitual” e “Domínio Conceptual”</p>	
<p>EQUIVALENTES: Inglês: Target Domain;</p>	
<p>OCORRÊNCIA NO CORPUS: Domínio alvo: 32 vezes</p>	

Domínios alvo: 3 vezes

Domínio-alvo: 25 vezes

Domínios-alvo: 1 vez

Domínios alvos: 1 vez

FICHA TERMINOLOGICA	FICHA 3
TERMO: DOMÍNIO FONTE	
<p>DEFINIÇÃO: Domínio conceitual de uma metáfora utilizado para compreender ou estruturar outro domínio (domínio alvo). Na metáfora primária, relaciona-se a inputs sensoriais adquiridos através de nossas experiências corpóreas, portanto, com conteúdo de imagem. Por exemplo, a experiência recorrente de dificuldade ou facilidade no deslocamento de objetos pesados ou leves (domínio fonte) gera a metáfora DIFICULDADES SÃO PESOS, que licencia expressões do tipo “É difícil sustentar essa tese num cenário indigente em que os partidos praticamente não existem...” e “Vasco menospreza Botafogo e sente o peso do time que em três meses venceu os títulos do Brasil e do Rio”. Na estrutura mnemônica da metáfora corresponde ao segundo elemento – DOMÍNIO ALVO É DOMÍNIO FONTE.</p>	
<p>CONTEXTO: “Tais conjuntos de correspondências sistemáticas entre um domínio fonte (tipicamente mais concreto ou acessível aos sentidos) e um domínio alvo (tipicamente mais abstrato) evidenciam algumas relações intrínsecas entre a estrutura e o funcionamento típico do corpo humano e modo como as pessoas conceituam sua experiência no mundo”. (Arquivo 020)</p> <p>“Um mesmo domínio fonte por servir a vários domínios alvo, por exemplo, VIAGEM é fonte do conceito de AMOR mas também de VIDA” (arquivo 002)</p> <p>“A relação entre domínio-fonte e alvo é estabelecida pelo fato de os dois domínios envolverem estreita correlação entre suas cenas primárias, não havendo características compartilhadas entre os domínios, mas, na verdade, correlação entre as cenas primárias”. (arquivo 064)</p> <p>“O domínio-fonte tende a ser esquematizado através de conceitos mais concretos, de mais fácil compreensão e de uso cotidiano” (arquivo 061).</p>	
<p>VARIANTES: Domínio-fonte</p>	
<p>NOTAS: Pode ser encontrado no corpus as seguintes expressões que fazem referência aos domínios “Domínio Conceitual” e “Domínio Conceptual”</p>	
<p>EQUIVALENTES: Inglês: Source Domain</p>	
<p>OCORRÊNCIA NO CORPUS: Domínio fonte: 44 vezes Domínios fonte: 16 Domínios fontes: 3 Domínio-fonte: 35 Domínios-fonte: 1</p>	

FICHA TERMINOLOGICA	FICHA 4
TERMO: ESQUEMA DE IMAGEM	
<p>DEFINIÇÃO: Elemento esquemático de muitas imagens que estabelecem padrões de compreensão e raciocínio. Na metáfora primária, o esquema de imagem não pode ser rico ou específico em detalhes. Nosso esquema de imagem de RECIPIENTE, por exemplo, está relacionado a um lugar que tem limites ao redor, em cima e embaixo, capaz de conter outro objeto em seu interior. Assim, tanto uma panela quanto uma sala ou uma floresta cabem nesse esquema de imagem. Na versão da Teoria da Metáfora Conceitual antes de 1997, o esquema de imagem era construto fundamental para o mapeamento metafórico, uma vez que entendia-se que ambos os domínios, fonte e alvo, cotinham esquema de imagem. Na Hipótese da Metáfora Primária, apenas o domínio fonte, de natureza sensório-motora, tem conteúdo de imagem. Portanto, o construto fundamental passa a ser a cena primária, um elemento menos abstrato que o esquema de imagem, que por sua vez pode englobar várias cenas primárias.</p>	
<p>CONTEXTO:</p> <p>“Não é suficiente ter conteúdo de imagem, é preciso que esse conteúdo de imagem esteja num determinado nível esquemático de especificidade, i.e., seja um elemento esquemático de várias imagens e não de imagens ricas ou de imagens específicas”. (arquivo 052)</p> <p>“É ainda no espaço que definimos o esquema imagético do percurso, que dá suporte a várias conceptualizações, entre elas a do trajeto, posição num trajeto, resistência, impedimento e permissão”. (arquivo 022)</p> <p>“Na visão anterior, o construto fundamental era o esquema de imagem, que é mais abstrato que as cenas primárias. Por exemplo, o esquema de imagem do conceito RECIPIENTE pode incluir todos os casos de recipiente, mas cada caso pode englobar várias cenas primárias (...), conforme nossas experiências. (arquivo 052)</p> <p>“Quanto à construção de esquemas de imagens que darão ensejo a formas lingüísticas como preposições e conjunções, a lingüística cognitiva propõe que no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem a criança, ao interagir constantemente com seu ambiente, desenvolve esquemas imagéticos que estão na base dessas formas” (arquivo 66).</p>	
<p>VARIANTES: Esquema de imagem: Conteúdo de imagem:</p>	

NOTAS:

EQUIVALENTES:

Inglês: Image Schema

OCORRÊNCIA NO *CORPUS*:

Esquema de imagem: 12 vezes; Esquemas de imagem: 5 vezes; Esquemas de imagens: 5 vezes; Esquema de imagens: 3 vezes

Conteúdo de imagem: 7 vezes

Esquema imagético: 6 vezes; Esquemas imagéticos: 21 vezes

FICHA TERMINOLOGICA	FICHA 5
TERMO: EXPERIENCIALISMO	
<p>DEFINIÇÃO: Visão filosófica que tem a experiência corpórea como base para a construção de significados, a maneira como compreendemos o mundo e a maneira como nosso raciocínio é gerado. Para o experiencialismo o conhecimento humano de uma maneira geral é constituído em grande parte através das experiências que temos com nosso corpo no mundo em que vivemos. Surgiu em 1980 com Lakoff & Johnson. A metáfora aparece com grande força nessa visão, pois acredita-se que ela é parte fundamental do pensamento humano. Como estamos sempre estabelecendo relações com o que experienciamos, a metáfora surge nesse contexto como uma maneira natural de estabelecer conceitos e raciocínio. Em 1999, em novo livro de Lakoff & Johnson, o experiencialismo passa a ser chamado de Realismo Experiencial.</p>	
<p>CONTEXTO:</p> <p>“O experiencialismo atribui um papel central à experiência corpórea na constituição do significado, na compreensão e no raciocínio”. (arquivo 017)</p> <p>“O mito experiencialista vê o homem como parte do meio em uma relação de transformação mútua por meio da interação constante de negociação, tendo como consequência o entendimento”. (arquivo 012)</p> <p>“Em suma, vemos o mito do experiencialismo como capaz de satisfazer as preocupações reais e razoáveis que têm motivado tanto o mito do subjetivismo como o do objetivismo, mas sem a obsessão objetivista com a verdade absoluta, nem com a insistência subjetivista de que a imaginação é livre de qualquer restrição” (arquivo 067).</p>	
<p>VARIANTES: <i>mito experiencialista;</i> <i>realismo experiencial.- não encontrado</i> <i>realismo corpóreo – não encontrado</i> experiencialismo cognitivo – não encontrado</p>	
<p>NOTAS: a não ocorrência de realismo experiencial ou realismo corpóreo é mais um indício que mostra como os brasileiros estão trabalhando com a visão antiga.</p>	
<p>EQUIVALENTES: Inglês: Experientialism / Embodied Realism</p>	
<p>OCORRÊNCIA NO CORPUS: Experiencialismo: 13 vezes Mito do experiencialismo: 2 vezes Mito experiencialista: 8 vezes Realismo experiencial: 0</p>	

FICHA TERMINOLOGICA	FICHA 6
TERMO: MAPEAMENTO	
<p>DEFINIÇÃO: Conjunto de correspondências conceituais entre os elementos dos domínios fonte e alvo de uma metáfora. Tipicamente, o mapeamento se dá unidirecionalmente, de um domínio conceitual mais concreto (domínio fonte) em um domínio conceitual mais abstrato (domínio alvo). Na metáfora primária, esse mapeamento ocorre entre as cenas primárias dos dois domínios, permitindo alta previsibilidade do vocabulário utilizado na linguagem figurada. Por exemplo, o mapeamento da metáfora ANALISAR É CORTAR: O indivíduo que analisa é o indivíduo que corta; O objetivo da análise é o objetivo do corte; A qualidade da análise é o tamanho do corte; O tipo de análise será o tipo de corte; O instrumento da análise é o instrumento do corte, licencia expressões contendo palavras como: cortar, dissecar, separar, dividir, tirar, trinchar, recortar.</p>	
<p>CONTEXTO: “Esse é um ponto importante da inclusão da Hipótese da Metáfora Primária na teoria. Nas versões anteriores, era o mapeamento entre domínios que licenciava as expressões metafóricas que usamos; na versão atual, é o mapeamento das cenas primárias o responsável por esse licenciamento”. (arquivo 052)</p> <p>“Ou seja, metáfora (ou mapeamento) conceitual refere-se ao conjunto de correspondências conceituais entre domínios experienciais distintos, gerado a partir da experiência do homem com o próprio corpo e com o mundo físico e cultural em que vive (Lakoff, 1993:237)” (arquivo 063).</p> <p>“Uma observação sobre o tipo de metáfora, imediatamente acima, é que esta se configura como a projeção de um mapeamento conceptual imagético em uma expressão lingüística metafórica única, resultando numa imagem perceptível, numa imagem mais visual” (arquivo 061).</p> <p>“Tal fenômeno não é arbitrário; pelo contrário, é licenciado por um mapeamento conceitual, no caso, COMPREENDER É VER. Esse mapeamento emerge devido ao fato de essas duas experiências (compreender e ver) serem recorrentes e co-ocorrentes, isto é, sempre que olhamos para alguma coisa, ganhamos alguma informação sobre ela (Grady, 1997:296)” (arquivo 063)</p>	
<p>VARIANTES: <i>Mapeamento metafórico;</i> <i>Mapeamento Conceitual;</i> <i>Mapeamento Conceptual;</i> <i>Correspondência entre domínios;</i> <i>Mapeamento entre domínios;</i></p>	
NOTAS:	

EQUIVALENTES:

Inglês: Mapping

OCORRÊNCIA NO *CORPUS*:

Mapeamento: 61 vezes

Mapeamento metafórico: 10 vezes; mapeamentos metafóricos:

Mapeamento entre domínios: 9 vezes

Correspondência entre domínios: 1 vez

Mapeamento conceitual: 3 vezes

Mapeamento conceptual: 4 vezes

FICHA TERMINOLOGICA	FICHA 7
TERMO: MENTE CORPÓREA	
<p>DEFINIÇÃO: Relação existente entre o sistema conceitual de um indivíduo, o seu corpo, o ambiente físico e cultural onde vive, e, conseqüentemente, sua linguagem. Tal relação pressupõe uma mente interligada aos inputs sensoriais do corpo e ao ambiente sócio-cultural no qual o indivíduo está inserido, moldando a partir dessa interação todos os aspectos da cognição, tais como, idéias, pensamentos, conceitos e categorias. Por exemplo, o conceito de verticalidade (para cima e para baixo) é gerado pela estrutura corporal longilínea do homem (e não esférica, por exemplo), que em atividade geralmente assume uma posição perpendicular ao chão, devido à força gravitacional da terra. Tudo isso significa dizer que a mente e o corpo não são independentes, como afirmava a visão cartesiana, pois a cognição é a capacidade humana de lidar com o mundo. Além disso, não há dispositivos próprios separados para a linguagem, mas os mesmos mecanismos responsáveis pelo movimento da mão, por exemplo, também geram a linguagem. Assim, quando falamos na corporificação da mente ou em uma mente corpórea, estamos ressaltando que a mente possui uma relação com o corpo e, através dela, somos capazes de desenvolver conceitos abstratos que permeiam nossa linguagem, entre eles as metáforas (e.g. DESEJAR É TER FOME, INTENSIDADE DE ATIVIDADE É CALOR ou CONSIDERAR É PESAR).</p>	
<p>CONTEXTO: “...uma visão que já então se engendrava a respeito de uma mente indissociada do corpo interagente num mundo físico e sócio-culturalmente determinado, uma mente incorporada.” (arquivo 066)</p> <p>“a)A mente é inerentemente corpórea; b) o pensamento é em grande parte inconsciente” (arquivo 015).</p> <p>“Subjaz a essa formulação a hipótese de que a mente é corporificada, ou seja, os conceitos resultam das experiências sensoriais vivenciadas no espaço, originariamente; no tempo, como espaço percorrido ou ocupado por um objeto, e no discurso” (arquivo 26).</p> <p>“Portanto, a análise das preposições em e entre permite ratificar a premissa de que a mente é corporificada, no sentido de que baseia-se em estruturas que emergem da experiência corpórea, e imaginativa, no sentido de que emprega um habilidade imaginativa (a metáfora) para conceptualizar domínios abstratos a partir de domínios concretos” (arquivo 014).</p>	
<p>VARIANTES: Mente corporificada; Mente encorpada; Mente corpórea; Mente incorporada.</p>	

NOTAS: não foram encontradas ocorrências de mente encarnada e razão corpórea.

EQUIVALENTES:

Inglês: Embodied Mind

OCORRÊNCIA NO *CORPUS*:

Mente corpórea: 1 vez

Mente corporificada: 4 vezes

Mente incorporada: 1 vez

Mente encorpada: 1 vez

Mente encarnada: 0

FICHA TERMINOLOGICA	FICHA 8
TERMO: METÁFORA COMPOSTA	
DEFINIÇÃO: Metáfora conceitual formada através da união (unificação) de duas ou mais metáforas primárias entre si ou com outras metáforas compostas. O resultado dessa união é o surgimento de uma nova metáfora que mapeia aspectos mais específicos que as metáforas originais. Tais aspectos estão mais sujeitos a sofrer influência de uma determinada cultura e podem apresentar características únicas. Por exemplo, UMA VIDA COM PROPÓSITOS É UMA JORNADA apresenta conceitos repletos de imagens culturalmente construídos. Em nossa cultura, esperamos que uma pessoa sempre tenha um propósito em sua vida. Entende-se que uma pessoa sem um propósito está perdida ou sem direção, não sabe até onde ir em sua jornada. A unificação das metáforas primárias PROPÓSITOS SÃO DESTINOS e AÇÕES SÃO EMOÇÕES, possibilita a geração dessa composta, de maneira coerente com nossa sociedade. Conceito desenvolvido na Hipótese da Metáfora Primária, em 1996.	
CONTEXTO: “A metáfora composta é um complexo formado de duas ou mais metáforas primárias” (arquivo 052). “A predição de expressões metafóricas se mantém também nas metáforas compostas , que são formadas a partir de unificações entre metáforas primárias coerentes”. (arquivo 052) “Deste modo, ao considerarem a metáfora do canal o que eles denominam como uma metáfora complexa na qual IDÉIAS SÃO OBJETOS QUE ENTRAM NA MENTE , tal como pedaços de alimento são objetos que entram no corpo” (arquivo 021). “c) falta de consistência entre mapeamentos co-relacionados, já que apresentava-se difícil determinar se as metáforas múltiplas (compostas) são ramificações de uma mesma metáfora conceptual ou se são metáforas que compartilham traços de mapeamentos quanto à estrutura e ao conteúdo” (arquivo 061).	
VARIANTES: Metáfora complexa Metáfora múltipla	
NOTAS:	
EQUIVALENTES: Inglês: Compound Metaphor	
OCORRÊNCIA NO CORPUS: Metáfora Composta: 16 vezes Metáfora Complexa: 4 vezes Metáfora Múltipla: 2 vezes	

FICHA TERMINOLOGICA	FICHA 9
TERMO: METÁFORA CONCEITUAL	
<p>DEFINIÇÃO:</p> <p>Figura de pensamento na qual se compreende um domínio conceitual em termos de outro, devido aos vários mapeamentos constantemente gerados em nosso cérebro, através de nossas experiências com o mundo em que vivemos. É grafada em caixa alta, seguindo o padrão DOMÍNIO ALVO É DOMÍNIO FONTE, e nos fornece subsídios para a realização das metáforas lingüísticas. Por exemplo, frases do tipo “Estou com fome de bola” ou “Tenho fome de poder” são possíveis porque compreendemos o desejo (domínio alvo) em termos da fome (domínio fonte) através da metáfora subjacente DESEJAR É TER FOME. Antes de 1980, a metáfora era vista apenas como uma figura de linguagem, típica do gênero poético e da retórica, com função de ornamentar textos. Além disso, sua criação era considerada fruto de um processo elaborado e minucioso, realizado por pessoas com alto domínio da linguagem. A Teoria da Metáfora Conceitual, lançada em 1980, a partir da observação do uso sistemático de metáforas na linguagem cotidiana, começa a discutir a metáfora numa perspectiva conceitual, que deixa de ser uma criação artificial e passa a ser uma criação natural do homem, como resultado de sua estrutura cognitiva.</p> <p>Há metáforas conceituais de diversas naturezas. Inicialmente eram categorizadas em metáforas orientacionais, ontológicas, estruturais, metáforas de imagem e outras. A partir de 1997, com a Hipótese da Metáfora Primária, foram classificadas em metáforas correlacionais (primárias e compostas) e as não-correlacionais (metáforas de imagem, de semelhança e outras).</p>	
<p>CONTEXTO:</p> <p>“Na parte 2, apresentamos uma visão panorâmica da metáfora conceitual, proposta por Lakoff & Johnson (1980), que vêem a metáfora como sendo um recurso de pensamento que nos faz falar, ver e agir sobre determinados fenômenos de uma maneira e não de outra;” (arquivo 065)</p> <p>“Uma metáfora conceptual é assim chamada porque ela conceitualiza alguma coisa. No caso acima, a metáfora fornece um conceito de amor. Segundo esse conceito, amor seria uma viagem. Esse é o conceito metafórico” (arquivo 002).</p> <p>“Lakoff e Johnson (2002) postulam três categorias de metáforas conceptuais: as estruturais – aquelas que estruturam um conceito em termos de outro e são responsáveis pela estruturação de nosso sistema conceptual (...); as orientacionais – aquelas que organizam todo um sistema de conceitos com relação a outro, têm uma base em nossas experiências cultural e física, e estão ligadas à orientação espacial (...); e as ontológicas – aquelas que transformam conceitos abstratos em entidades – coisas ou seres (animais ou humanos)” (arquivo 018)</p>	
<p>VARIANTES:</p> <p>Metáfora Conceptual</p>	

NOTAS:

Deve-se ter atenção para as mudanças ocorridas no conceito após 1997.

EQUIVALENTES:

Inglês: Conceptual Metaphor

OCORRÊNCIA NO *CORPUS*:

M. Conceitual: 160 vezes.

Metáforas conceituais: 96

M. Conceptual: 119 vezes

Metáforas conceituais: 51 vezes

FICHA TERMINOLOGICA	FICHA 10
TERMO: METÁFORA PRIMÁRIA	
<p>DEFINIÇÃO: Metáfora conceitual mais fundamental, que envolve um domínio fonte de conteúdo sensorio-motor e um domínio alvo, mais abstrato, de resposta ao input sensorial. É gerada a partir de correlações entre nossas experiências corpóreas com o mundo em que vivemos. Tais correlações acontecem em diferentes níveis, i.e., a maneira como conceptualizamos as nossas experiências no mundo nos permite estabelecer relações entre os mais variados conceitos e experiências vivenciadas. Por exemplo, a metáfora primária INTENSIDADE DE ATIVIDADE É CALOR é estabelecida pelas nossas experiências corpóreas, uma vez que, a todo instante estamos ganhando ou perdendo calor com o ambiente. Outro momento em que percebemos a troca de calor ocorre quando entramos em movimento, pois percebemos o aumento da temperatura corpórea. A união de duas ou mais metáforas primárias podem gerar uma metáfora composta que realça novos aspectos de uma determinada cultura. Conceito desenvolvido na Hipótese da Metáfora Primária, em 1996.</p>	
<p>CONTEXTO: “a metáfora primária tem origem em experiências correlacionais, recorrentes e distintas, uma de natureza perceptual (domínio fonte) e outra de natureza conceitual, que constitui uma resposta cognitiva ao input sensorial (domínio alvo)” (arquivo 064) “as metáforas primárias poderiam ser caracterizadas como conexão entre conceitos distintos, talvez baseados nas numerosas experiências onde os conceitos estão estreitamente relacionados, e são, por isso, simultaneamente ativados (Grady, 1997: 224)” (arquivo 059)</p>	
<p>VARIANTES: não foi encontrada nenhuma variante</p>	
<p>NOTAS: Atualmente, para a maioria dos autores, as metáforas primárias são um tipo de metáforas conceituais. No entanto, alguns ainda continuam apenas na teoria de 1980, i.e., ignoram a existência das metáforas primárias e compostas.</p>	
<p>EQUIVALENTES: Inglês: Primary Metaphor</p>	
<p>OCORRÊNCIA NO CORPUS: Metáfora primária: 42 vezes Metáforas primárias: 45 vezes</p>	

FICHA TERMINOLOGICA	FICHA 11
TERMO: PRIMARY SCENE	
<p>DEFINIÇÃO: Representação cognitiva de experiências básicas recorrentes que perpassam os vários domínios da vida, fundamental para o mapeamento metafórico. Por exemplo, no domínio COZINHAR, há várias cenas primárias (e.g. erguer objetos, avaliar quantidades, movimentar-se de um lugar para outro) que também ocorrem em outros domínios (e.g. ARRUMAR UMA ESTANTE, AMAMENTAR). Cada uma dessas cenas pode gerar uma metáfora primária diferente (e.g. erguer objetos – DIFICULDADES SÃO PESOS). Conceito desenvolvido na Hipótese da Metáfora Primária, em 1996.</p>	
<p>CONTEXTO: Primary scenes, supposedly, result from our neurobiological apparatus and different types of events in everyday experiences. They are subjective experiences of a phenomenological nature which include both perceptual aspects as well as our cognitive responses to them” (arquivo 042). “To sum up, primary scenes are, in Grady's words, "minimal (temporarily-delimited) episodes of subjective experience, characterized by tight correlations between physical circumstance and cognitive response (GRADY, 1997, p. 24). These are universal, since they relate to human experience in general and are defined by men’s by goal-oriented interactive cognitive abilities” (arquivo 001) “In short, in the new view, the metaphor basis is the primary scene a cognitive representation of a recurrent kind of experience (which might be characterized to a local level without many details) that involves a tight correlation between two dimensions of experience. Both source and target domains are related because they have a tight correlation in their primary scenes (ibid:162)” (arquivo 040). “Lakoff and Johnson say nothing, for instance, about the primary scene, a very important element in Grady’s hypothesis, for its role in the metaphoric language licensing” (arquivo 040)</p>	
VARIANTES:	
NOTAS:	
<p>EQUIVALENTES: Em português: cenas primárias</p>	
<p>OCORRÊNCIA NO CORPUS: Primary scene: 4 vezes Primary scenes: 36 vezes</p>	

FICHA TERMINOLOGICA	FICHA 12
TERMO: TARGET DOMAIN	
<p>DEFINIÇÃO:</p> <p>Domínio conceitual de uma metáfora compreendido em termos de outro domínio conceitual (o domínio fonte). Nessa relação metafórica, o domínio alvo é mais abstrato que o domínio fonte. Na metáfora primária, relaciona-se a respostas a inputs sensoriais, portanto, não possui esquema de imagem. Por exemplo, a experiência recorrente de aumento de calor (domínio fonte) à medida em que aumentamos a intensidade de atividades físicas (domínio alvo) gera a metáfora INTENSIDADE DE ATIVIDADE É CALOR, que licencia expressões do tipo “Haverá um aquecimento da economia local...” e “O tucano voltou a dizer que o ocorrido foi uma “discussão acalorada” e não uma agressão”.</p> <p>Na estrutura mnemônica da metáfora corresponde ao primeiro elemento: DOMÍNIO ALVO É DOMÍNIO FONTE.</p> <p>Na primeira versão da Teoria da Metáfora Conceitual (até 1997), o domínio alvo era compreendido como tendo a mesma natureza do domínio fonte, portanto com conteúdo de imagem, mas caracteristicamente menos familiar, menos delineado que o domínio fonte.</p>	
<p>CONTEXTO:</p> <p>“a source domain, which has sensory contents, i.e., image schema, and a more abstract, target domain, which does not have image schema, but is related to various kinds of responses to the sensory inputs. Differently, in the former view, source and target domains had image schemas and varied from the simplest and most schematic to the richest” (arquivo 040)</p> <p>“First, there is a metaphorical mapping from a concrete, embodied source domain to an abstract target domain (e.g., objects that can be grasped and passed to others are mapped onto ideas/thoughts/concepts)” (arquivo 036).</p> <p>“In the former view of conceptual metaphor theory, target domains were understood as unfamiliar, abstract domains, which needed another domain to be expressed. In Gradys hypothesis, target domains are as familiar as the source domains since they are common, recurrent experiences. DESIRE, DIFFICULTY, INTIMACY, for example, are experiences as familiar as those of HUNGER, HEAVINESS, PROXIMITY” (arquivo 040).</p> <p>“If Object B is tied tightly to Object A, and if X has Object A, then the tie between Object A and Object B will result in X having Object B. which is mapped onto the target-domain knowledge, - If Attribute B is causally closely correlated with Attribute A, and if X has attribute A, then the close causal correlation between Attribute A and Attribute B will result in X also” (arquivo 005).</p>	

VARIANTES: Target-domain
NOTAS:
EQUIVALENTES: Em português: domínio alvo e domínio-alvo.
OCORRÊNCIA NO <i>CORPUS</i> : Target domain: 49 vezes Target domains: 39 vezes Target-domain: 2 vezes

FICHA TERMINOLOGICA	FICHA 13
TERMO: SOURCE DOMAIN	
<p>DEFINIÇÃO: Domínio conceitual de uma metáfora utilizado para compreender ou estruturar outro domínio (domínio alvo). Na metáfora primária, relaciona-se a inputs sensoriais adquiridos através de nossas experiências corpóreas, portanto, com conteúdo de imagem. Por exemplo, a experiência recorrente de dificuldade ou facilidade no deslocamento de objetos pesados ou leves (domínio fonte) gera a metáfora DIFICULDADES SÃO PESOS, que licencia expressões do tipo “É difícil sustentar essa tese num cenário indigente em que os partidos praticamente não existem...” e “Vasco menospreza Botafogo e sente o peso do time que em três meses venceu os títulos do Brasil e do Rio”. Na estrutura mnemônica da metáfora corresponde ao segundo elemento – DOMÍNIO ALVO É DOMÍNIO FONTE.</p>	
<p>CONTEXTO: “Thus, the conceptual metaphor underlying the song “white flag” is LOVE IS WAR, where the target domain is LOVE and the source domain is WAR, so, the concept of LOVE is understood through the concept of WAR.” (arquivo 007)</p> <p>“Primary source domains refer to simple experiences in a phenomenological sense, i.e., they do not involve many details nor many scenes, which could be used as source concepts. This means that only things we are aware of and that do not involve many details can count as domains for primary metaphors”. (arquivo 040)</p> <p>“In this manner, bodily experiences provide the source domains for metaphorically structuring aspects of abstract target domain spaces (e.g. the emotion of grief)”. (arquivo 045)</p>	
<p>VARIANTES: Source-domain</p>	
<p>NOTAS:</p>	
<p>EQUIVALENTES: Em português: domínio fonte, domínio-fonte</p>	
<p>OCORRÊNCIA NO CORPUS: Source domain: 64 vezes Source domains: 42 vezes Source-domain: 2 vezes</p>	

FICHA TERMINOLOGICA	FICHA 14
TERMO: IMAGE SCHEMA	
<p>DEFINIÇÃO: Elemento esquemático de muitas imagens que estabelecem padrões de compreensão e raciocínio. Na metáfora primária, o esquema de imagem não pode ser rico ou específico em detalhes. Nosso esquema de imagem de RECIPIENTE, por exemplo, está relacionado a um lugar que tem limites ao redor, em cima e embaixo, capaz de conter outro objeto em seu interior. Assim, tanto uma panela quanto uma sala ou uma floresta cabem nesse esquema de imagem. Na versão da Teoria da Metáfora Conceitual antes de 1997, o esquema de imagem era construto fundamental para o mapeamento metafórico, uma vez que entendia-se que ambos os domínios, fonte e alvo, cotinham esquema de imagem. Na Hipótese da Metáfora Primária, apenas o domínio fonte, de natureza sensório-motora, tem conteúdo de imagem. Portanto, o construto fundamental passa a ser a cena primária, um elemento menos abstrato que o esquema de imagem, que por sua vez pode englobar várias cenas primárias.</p>	
<p>CONTEXTO: “This image schema is a schematic element of many images and not of rich or specific ones, a little different from the notion of image schema as defined by the former view of conceptual metaphor. In the primary metaphor hypothesis, image schemas are less abstract, more restrict, and cannot include concepts highly dependent on culture as in the former view”. (arquivo 040) “For instance, Gibbs (1992) examined peoples intuitions of the bodily experiences of containment and several other image schemas. These image schemas serve as the source domains for several important conceptual metaphors (e.g., ANGER IS HEATED FLUID IN A CONTAINER) underlying American speakers use and understanding of idioms, such as blow your stack, flip your lid, and hit the ceiling” (arquivo 036) “This enduring chunk of metaphorical knowledge has a source domain (e.g. JOURNEY) that is grounded in the pervasive bodily experience, or image-schema, of SOURCE-PATH-GOAL” (arquivo 045). ““Schemata are representations of the world that we already have in our minds, and which we use to understand and interpret incoming information” (Cook 1997, apud Littlemore 2003:280)” (arquivo 007).</p>	
<p>VARIANTES: image-schema schemata</p>	
<p>NOTAS:</p>	
<p>EQUIVALENTES: Em português: conteúdo de imagem, esquema de imagem e esquema imagético.</p>	

OCORRÊNCIA NO *CORPUS*:

Image schema: 30 vezes

Image schemas: 13 vezes

Image-schema: 2 vezes

Image-schemas: 5 vezes

FICHA TERMINOLOGICA	FICHA 15
TERMO: EXPERIENTIALISM	
<p>DEFINIÇÃO: Visão filosófica que tem a experiência corpórea como base para a construção de significados, a maneira como compreendemos o mundo e a maneira como nosso raciocínio é gerado. Para o experiencialismo o conhecimento humano de uma maneira geral é constituído em grande parte através das experiências que temos com nosso corpo no mundo em que vivemos. Surgiu em 1980 com Lakoff & Johnson. A metáfora aparece com grande força nessa visão, pois acredita-se que ela é parte fundamental do pensamento humano. Como estamos sempre estabelecendo relações com o que experienciamos, a metáfora surge nesse contexto como uma maneira natural de estabelecer conceitos e raciocínio. Em 1999, em novo livro de Lakoff & Johnson, o experiencialismo passa a ser chamado de Realismo Experiencial.</p>	
<p>CONTEXTO:</p> <p>“Lakoff and Johnson (1980; 1999) have argued for a close relationship between the cognitive approach to metaphor and their philosophy called experientialism, which includes embodied realism as its epistemology. However, there are many researchers working in cognitive science who do not subscribe to this particular brand of philosophy”. (arquivo 037)</p> <p>“The cultural-cognitive view is a natural and necessary complement of the experiential view. This is not say that the experiential view has completely ignored the issue of variation in culture – it did not”. (arquivo 010)</p>	
<p>VARIANTES: embodied realism e experiential view.</p>	
<p>NOTAS: Das 3 vezes que embodied realism ocorreu 2 delas eram referências bibliográficas.</p>	
<p>EQUIVALENTES:</p>	
<p>OCORRÊNCIA NO CORPUS: Experientialism: 1 vez Embodied realism: 3 vezes Experiential view: 2 vezes</p>	

FICHA TERMINOLOGICA	FICHA 16
TERMO: MAPPING	
DEFINIÇÃO: Conjunto de correspondências conceituais entre os elementos dos domínios fonte e alvo de uma metáfora. Tipicamente, o mapeamento se dá unidirecionalmente, de um domínio conceitual mais concreto (domínio fonte) em um domínio conceitual mais abstrato (domínio alvo). Na metáfora primária, esse mapeamento ocorre entre as cenas primárias dos dois domínios, permitindo alta previsibilidade do vocabulário utilizado na linguagem figurada. Por exemplo, o mapeamento da metáfora ANALISAR É CORTAR: O indivíduo que analisa é o indivíduo que corta; O objetivo da análise é o objetivo do corte; A qualidade da análise é o tamanho do corte; O tipo de análise será o tipo de corte; O instrumento da análise é o instrumento do corte, licencia expressões contendo palavras como: cortar, dissecar, separar, dividir, tirar, trinchar, recortar.	
CONTEXTO: ... “Furthermore, expressions such as "I'm feeling overloaded" or "he's weighed down with many problems" would reflect the existence of a metaphorical mapping between subjective experiences relative to the difficulty experienced in life and the difficulty experienced perceptually as one tries to lift and/or carry heavy objects. Such association established along cognitive development, results, as PMH explains it, from numerous recurrent and co-occurrent experiences in which weights and difficulties are correlated”.(arquivo 001) “The licensing of metaphorical expressions was thought to be a result of the mapping between source and target domains, so that the expressions could be explained but not predicted”. (arquivo 040)	
VARIANTES: metaphorical mapping	
NOTAS:	
EQUIVALENTES: Em português: mapeamento, mapeamento metafórico, correspondência entre domínio e mapeamento entre domínios	
OCORRÊNCIA NO CORPUS: Mapping: 65 vezes Metaphorical mapping: 17 vezes	

FICHA TERMINOLOGICA	FICHA 17
TERMO: EMBODIED MIND	
<p>DEFINIÇÃO: Relação existente entre o sistema conceitual de um indivíduo, o seu corpo, o ambiente físico e cultural onde vive, e, conseqüentemente, sua linguagem. Tal relação pressupõe uma mente interligada aos inputs sensoriais do corpo e ao ambiente sócio-cultural no qual o indivíduo está inserido, moldando a partir dessa interação todos os aspectos da cognição, tais como, idéias, pensamentos, conceitos e categorias. Por exemplo, o conceito de verticalidade (para cima e para baixo) é gerado pela estrutura corporal longilínea do homem (e não esférica, por exemplo), que em atividade geralmente assume uma posição perpendicular ao chão, devido à força gravitacional da terra. Tudo isso significa dizer que a mente e o corpo não são independentes, como afirmava a visão cartesiana, pois a cognição é a capacidade humana de lidar com o mundo. Além disso, não há dispositivos próprios separados para a linguagem, mas os mesmos mecanismos responsáveis pelo movimento da mão, por exemplo, também geram a linguagem. Assim, quando falamos na corporificação da mente ou em uma mente corpórea, estamos ressaltando que a mente possui uma relação com o corpo e, através dela, somos capazes de desenvolver conceitos abstratos que permeiam nossa linguagem, entre eles as metáforas (e.g. DESEJAR É TER FOME, INTENSIDADE DE ATIVIDADE É CALOR ou CONSIDERAR É PESAR).</p>	
<p>CONTEXTO: ... “My claim in this paper is that imaginative simulation processes, which are fundamentally part of the embodied mind, guide many aspects of metaphor understanding”. (arquivo 045)</p> <p>“Between the two opposite ends of embodiment and culture, there have also been attempts to pursue a middle path and explore the connection between the individual embodied mind and the cultural world that surrounds it” (arquivo 043).</p> <p>“Finally, my thesis that many kinds of metaphors are understood through embodied simulations adopts a wide view of embodiment” (arquivo 045).</p>	
VARIANTES: embodiment	
<p>NOTAS: Das 10 vezes que embodied mind ocorreu, 7 são referências bibliográficas. Das 16 vezes que embodiment ocorreu, 5 são referências bibliográficas.</p>	
<p>EQUIVALENTES: Em português: mente corpórea, mente corporificada, mente incorporada, mente encorpada.</p>	
<p>OCORRÊNCIA NO CORPUS: Embodied mind: 10 vezes Embodiment: 16 vezes</p>	

FICHA TERMINOLOGICA	FICHA 18
TERMO: COMPOUND METAPHOR	
<p>DEFINIÇÃO: Metáfora conceitual formada através da união (unificação) de duas ou mais metáforas primárias entre si ou com outras metáforas compostas. O resultado dessa união é o surgimento de uma nova metáfora que mapeia aspectos mais específicos que as metáforas originais. Tais aspectos estão mais sujeitos a sofrer influência de uma determinada cultura e podem apresentar características únicas. Por exemplo, UMA VIDA COM PROPÓSITOS É UMA JORNADA apresenta conceitos repletos de imagens culturalmente construídos. Em nossa cultura, esperamos que uma pessoa sempre tenha um propósito em sua vida. Entende-se que uma pessoa sem um propósito está perdida ou sem direção, não sabe até onde ir em sua jornada. A unificação das metáforas primárias PROPÓSITOS SÃO DESTINOS e AÇÕES SÃO EMOÇÕES, possibilita a geração dessa composta, de maneira coerente com nossa sociedade. Conceito desenvolvido na Hipótese da Metáfora Primária, em 1996.</p>	
<p>CONTEXTO: “In the new hypothesis, the emergence and nature of conceptual metaphors are seen as grounded in more experiential patterns, called primary metaphors, which can be unified, resulting in compound metaphors” (arquivo 040). “However, cultural aspects should be strongly involved in the process of primary metaphor unification, i.e., in the construction of compound metaphors. While the underlying motivation to primary metaphor is more physical than cultural, then it would exist in several languages and in similar ways, the underlying motivation for compound metaphor formation would have cultural aspects involved.” (040) “theses three primitives can be blended in different ways to give rise to compound metaphors that have traditionally been seen as simply conceptual metaphors” (arquivo 036) “Since a complex metaphor is supposedly made up of a core of primary metaphors, plus some culture-specific belief (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p.60), the Lakoffian school might be tempted to simply shift the notion of circularity into the latter, and claim that the same pool of primary metaphors universally underlies any conceptualization of life as a journey” (arquivo 43).</p>	
VARIANTES: Complex Metaphor	
NOTAS:	
<p>EQUIVALENTES: Em português: metáfora composta, metáfora complexa e metáfora múltipla.</p>	
<p>OCORRÊNCIA NO CORPUS: Compound metaphor: 3 vezes</p>	

Compound metaphors: 6 vezes Complex metaphor: 14 vezes Complex metaphors: 12 vezes
--

FICHA TERMINOLOGICA	FICHA 19
TERMO: CONCEPTUAL METAPHOR	
<p>DEFINIÇÃO:</p> <p>Figura de pensamento na qual se compreende um domínio conceitual em termos de outro, devido aos vários mapeamentos constantemente gerados em nosso cérebro, através de nossas experiências com o mundo em que vivemos. É grafada em caixa alta, seguindo o padrão DOMÍNIO ALVO É DOMÍNIO FONTE, e nos fornece subsídios para a realização das metáforas lingüísticas. Por exemplo, frases do tipo “Estou com fome de bola” ou “Tenho fome de poder” são possíveis porque compreendemos o desejo (domínio alvo) em termos da fome (domínio fonte) através da metáfora subjacente DESEJAR É TER FOME. Antes de 1980, a metáfora era vista apenas como uma figura de linguagem, típica do gênero poético e da retórica, com função de ornamentar textos. Além disso, sua criação era considerada fruto de um processo elaborado e minucioso, realizado por pessoas com alto domínio da linguagem. A Teoria da Metáfora Conceitual, lançada em 1980, a partir da observação do uso sistemático de metáforas na linguagem cotidiana, começa a discutir a metáfora numa perspectiva conceitual, que deixa de ser uma criação artificial e passa a ser uma criação natural do homem, como resultado de sua estrutura cognitiva.</p> <p>Há metáforas conceituais de diversas naturezas. Inicialmente eram categorizadas em metáforas orientacionais, ontológicas, estruturais, metáforas de imagem e outras. A partir de 1997, com a Hipótese da Metáfora Primária, foram classificadas em metáforas correlacionais (primárias e compostas) e as não-correlacionais (metáforas de imagem, de semelhança e outras).</p>	
<p>CONTEXTO:</p> <p>“A conceptual metaphor in turn represents a cognitive mapping between a source domain and a target domain (Lakoff 1993: 203)” (arquivo 034)</p> <p>“Recent developments in the field of cognitive linguistics have suggested that conceptual metaphors motivate a great deal of our abstract thinking (Lakoff and Johnson, 1980), and that there is a great deal of systematicity underlying aspects of language that have previously been considered arbitrary (Lindstromberg, 1991)” (arquivo 33).</p> <p>“Another important contribution brought about by PMH is the fact that it opens possibilities of falsifying the theory by empirical testing of the hypothesis. Grady (1997) posits that conceptual metaphors often arise from more basic experiential metaphorical patterns. These are called primary or primitive metaphors which result from recurrent and co-occurrent embodied experiences that take place during an individual’s ontological development” (arquivo 001).</p>	
VARIANTES:	
NOTAS:	

EQUIVALENTES:

Em português: metáfora conceitual e metáfora conceptual.

OCORRÊNCIA NO *CORPUS*:

Conceptual metaphor: 107 vezes

Conceptual metaphors: 129 vezes

FICHA TERMINOLOGICA	FICHA 20
TERMO: PRIMARY METAPHOR	
<p>DEFINIÇÃO: Metáfora conceitual mais fundamental, que envolve um domínio fonte de conteúdo sensorio-motor e um domínio alvo, mais abstrato, de resposta ao input sensorial. É gerada a partir de correlações entre nossas experiências corpóreas com o mundo em que vivemos. Tais correlações acontecem em diferentes níveis, i.e., a maneira como conceptualizamos as nossas experiências no mundo nos permite estabelecer relações entre os mais variados conceitos e experiências vivenciadas. Por exemplo, a metáfora primária INTENSIDADE DE ATIVIDADE É CALOR é estabelecida pela nossas experiências corpóreas, uma vez que, a todo instante estamos ganhando ou perdendo calor com ambiente. Outro momento em que percebemos a troca de calor ocorre quando entramos em movimento, pois percebemos o aumento da temperatura corpórea. A união de duas ou mais metáforas primárias podem gerar uma metáfora composta que realça novos aspectos de uma determinada cultura. Conceito desenvolvido na Hipótese da Metáfora Primária, em 1996.</p>	
<p>CONTEXTO: This new work on primary metaphor is a major development in establishing the embodied grounding for metaphor in language and thought. It will be interesting to see how primary metaphors constrain speaking and thinking in linguistic and psycholinguistic accounts of metaphoric language use (see Gibbs, Lima & Françoço, 2004)” (arquivo 35)</p> <p>“Primary metaphor is, under this view, inevitable, acquired automatically and unconsciously via normal neural learning processing. Every time a subjective experiential domain or judgment is regularly co-activated with a sensory-motor domain, permanent neural connections are formed via changes in synaptic weights. In order words, synaptic weights increase until permanent connections are established. From Johnson’s perspective, primary metaphors are neural connections that have learned by co-activation. From a conceptual perspective, according to Grady proposal, they are cross-domain mappings, one of a perceptual nature (source) and another of a conceptual nature (cognitive response) which preserve inferences from one domain to the other and some times, the lexical representation” (arquivo 042).</p>	
VARIANTES:	
NOTAS:	
<p>EQUIVALENTES: Em português: metáfora primária.</p>	
<p>OCORRÊNCIA NO CORPUS: Primary metaphor: 87 vezes Primary metaphors: 167 vezes</p>	

ANEXO B – Textos utilizados nos *corpora*

ALMEIDA, M. L. L. de. De metáforas e esquemas imagéticos: o caso da preposição “a”. In. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento; 2005, Niterói. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento, 2005, Niterói, **Anais...** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005. CD-ROM.
 Texto 022 – Artigos em anais

ALMEIDA, R. L. T. de. A educação formal e as metáforas do conhecimento: em busca de transformações nas concepções e práticas pedagógicas. In. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento; 2005, Niterói. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento, 2005, Niterói, **Anais...** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005. CD-ROM.
 Texto 025 - Artigo em anais

AMARAL, E. T. R. “Lula e outros lulas”: aspectos do uso metafórico de antropônimos. In. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento; 2005, Niterói. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento, 2005, Niterói, **Anais...** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005. CD-ROM.
 Texto 016 – Artigos em anais

BASILIO, M. Metaphor and metonymy in word formation. **D.E.L.T.A.** São Paulo, v. 22, n. spe, pp. 67-80, 2006.
 Texto 038 – Artigo em periódico

BARREIRA, V. de S. FI reading strategies for metaphor and word game interpretation. 2006. In. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento; 2005, Niterói. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento, 2005, Niterói, **Anais...** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005. CD-ROM.
 Texto 009 – Artigos em anais

BERNARDO, S.. Dêixis conversacional e metáfora. In. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento; 2005, Niterói. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento, 2005, Niterói, **Anais...** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005. CD-ROM.
 Texto 026 – Artigo em anais

BIRNER, B. J. Metaphor and the reshaping of our cognitive fabric. **Zygon.** v.39, n.1, p. 39-48, 2004.
 Texto 044 – Artigo em periódicos

BUSSENS, Aline Maria Freitas. O sabor da atração: análise lingüística de expressões licenciadas por O ATRAENTE É GOSTOSO em Língua Portuguesa. In: MACEDO, A C P e BUSSENS, A F (Org.) **Faces da metáfora.** 1 ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e

Editora, 2006, v.1, p. 9-22.
Texto 064 – Capítulo de livro.

CALDAS, B. F. Metáforas, discurso e tradução. In. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento; 2005, Niterói. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento, 2005, Niterói, **Anais...** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005. CD-ROM.
Texto 015 – Artigos em anais

CAMP, E. Contextualism, Metaphor, and What is Said. **Mind and Language**, vol 21, n. 3, pg. 280-309, 2006.
Texto 032 – Artigo em periódico

CARDOSO, G. L.; VIEIRA, J. R. Interpretation of metaphors in song lyrics by efl students. In. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento; 2005, Niterói. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento, 2005, Niterói, **Anais...** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005. CD-ROM.
Texto 007 - Artigos em anais

CARVALHO, S. N. A Metáfora Conceitual: uma visão cognitivista. **Cadernos do CNLF/Lingua e Cultura**, Rio de Janeiro, v. VII, n. 12, p. 52-62, 2003.
Texto 012 – Artigo em anais

CHAVES, C. N. M. Metáfora e Humor. In: MACEDO, A. C. P. de; BUSSONS, A. F. (Org.). **Faces da Metáfora**. Fortaleza: Fortaleza Expressão Gráfica e Editora, 2006, v.1, p. 53-77
Texto 061 – Capítulo de livro.

COELHO, P. A. Representação metafórica e sua manifestação na arte conceitual. In. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento; 2005, Niterói. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento, 2005, Niterói, **Anais...** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005. CD-ROM.
Texto 024 – Artigo em anais

DENROCHE, C. Modelling metaphor. In. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento; 2005, Niterói. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento, 2005, Niterói, **Anais...** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005. CD-ROM. Texto 004 - Artigos em anais

ESPÍNDOLA, L. Metáfora ontológica na publicidade. In. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento; 2005, Niterói. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento, 2005, Niterói, **Anais...** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005. CD-ROM.

Texto 018 – Artigos em anais

FACHINI, S. R. V. A compreensão de metáforas por portadores de lesão no hemisfério direito: uma investigação a ser (re)considerada. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 7, n. 3, p. 405-416, set./dez, 2007.

Texto 054 - Artigo em periódico

FARIAS, E. M. P. ; MARCUSCHI, L. A. A linguagem e o pensamento metafóricos. In: MACEDO, A. C. P. e BUSSONS, A. F. (Org.) **Faces da metáfora**. 1 ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006, v.1, p. 111-130.

Texto 058 – Capítulo de livro.

FERREIRA, L. C. A metáfora em língua estrangeira: uma abordagem cognitiva. In. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento; 2005, Niterói. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento, 2005, Niterói, **Anais...** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005. CD-ROM.

Texto 017 – Artigos em anais

FONTAINE, J. M. e STAVICK, J. Like nobody else: the secrets of metaphorical style. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 20, n. 1, pp. 49-75, 2006.

Texto 035 - Artigo em periódico

GIBBS, Jr, R. W. Cognitive linguistics and metaphor research: past successes, skeptical questions, future challenges. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, vol. 22, no. spe, pp. 1-20, 2006.

Texto 036 – Artigo em periódico

GIBBS, JR. R. W. Metaphor Interpretation as Embodied Simulation. **Mind & Language**. vol. 21, Issue 3, p. 434 – 458, 2006.

Texto 045 – Artigo em periódico

GIBBS, JR. R. W.; TENDAHL, M. Cognitive Effort and Effects in Metaphor Comprehension: Relevance Theory and Psycholinguistics. **Mind & language**, vol. 21, nº3, pp. 379-403, 2006.

Texto 030 – Artigo em periódico

GINO, M. S.; NAGEM, R. L. As metáforas e o cinema de animação: uma análise do filme meow! In. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento; 2005, Niterói. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento, 2005, Niterói, **Anais...** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005. CD-ROM.

Texto 023 – Artigo em anais

GLUCKSBERG, S.; HAUGHT, C. On the Relation Between Metaphor and Simile: When

Comparison Fails. **Mind & Language**, Volume 21, Issue 3 , Pages 360-378, 2006.
 Texto 049 - Artigo em periódico

GOATLY, A. Metaphor and ideology. In. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento; 2005, Niterói. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento, 2005, Niterói, **Anais...** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005. CD-ROM.
 Texto 003 – Artigo em anais

GRADY, J. Primary metaphors as inputs to conceptual integration. **Journal of Pragmatics**. Vol 37, Issue 10, p. 1595-1614, Oct. 2005.
 Texto 050 - Artigo em periódico

GUTTENPLAN, S. The Transparency of Metaphor. **Mind & Language** Volume 21, Issue 3 , Pages 333 – 359, 2006.
 Texto 051 - Artigo em periódico

HODGSON, E. C. C. Metáforas Conceituais e Ensino/Aprendizagem de Vocabulário. In: MACEDO, A. C. P.; BUSSONS, A. F. (Org.). **Faces da metáfora**. 1 ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006, v.1, p. 97-110.
 Texto 062 – Capítulo de livro.

KOLLER, V. Businesswomen and war metaphors: 'Possessive, jealous and pugnacious'. **Journal of Sociolinguistics**, 8 (1). pp. 3-22, 2004.
 Texto 029 – Artigo em periódico

KÖVECSES, Z. Variation in metaphor. In. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento; 2005, Niterói. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento, 2005, Niterói, **Anais...** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005. CD-ROM.
 Texto 010 - Artigos em anais

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução de: Mara Sophia Zanotto et al. São Paulo: Educ-Editora da PUC, 2002.
 Texto 067 - Livro

LIMA, P. L. C. About primary metaphors. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 22, n. spe, pp. 109-122, 2006.
 Texto 040 – Artigo em anais

LIMA, P. L. C. A nova tipologia da metáfora conceitual. **Humanidades e Ciências Sociais** (UECE), Fortaleza, v. 5, n. 2, p. 17-26, 2003.

Texto 052 - Artigo em periódico

LIMA, S. M. C. de, A metáfora de semelhança. In: MACEDO, A. C. P. S. de; BUSSONS, A. F. (Org.). **Faces da Metáfora**. 1 ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006, v. 01, p. 167-180.

Texto 059 – Capítulo de livro.

LITTLEMORE, J. What kind of training is required to help language students use metaphor-based strategies to work out the meaning of new vocabulary?. **D.E.L.T.A.** São Paulo, v. 20, n. 2, pp. 265-279, 2004.

Texto 033 – Artigo em periódico

LOIOLA, R. L. Metáfora conceitual no texto poético. In: MACEDO, A. C. P.; BUSSONS, A. F. (Org.) **Faces da metáfora**. 1 ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006, v.1, p. 153-166.

Texto 060 - Capítulo de livro.

LUCIANI, M. de las M. Metaphor in use and language acquisition. I In. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento; 2005, Niterói. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento, 2005, Niterói, **Anais...** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005. CD-ROM.

Texto 008 – Artigo em anais

MACARTHUR, F.; PIQUER-PÍRIZ, A. Children's developing understanding of the figurative extensions of body part terms: implications for efl. In. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento; 2005, Niterói. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento, 2005, Niterói, **Anais...** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005. CD-ROM.

Texto 006 – Artigo em anais

MACEDO, A. C. P. S. de. A psycholinguistics analysis of the metaphor difficulties are weights. In. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento; 2005, Niterói. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento, 2005, Niterói, **Anais...** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005. CD-ROM.

Texto 001 - Artigo em anais

MACEDO, A. C. P. S. de, Paradigmas cognitivos, lingüística cognitiva e metáfora conceitual. In: MACEDO, A. C. P. S. de; BUSSONS, A. F. (Org.). **Faces da Metáfora**. 1a. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006, v. 01, p. 23-36.

Texto 066 – Capítulo de livro.

MARCUSCHI, L. A. A Construção do Mobiliário do Mundo e da Mente: Linguagem, Cultura e Categorização. In: MIRANDA, N.S.; NAME, M.C. (Org.). **Lingüística e**

cognição. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2006, v. 01, p. 49-77.
 Texto 011 – Capítulo de livro.

MARTINS, H. Novel metaphor and conceptual stability. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 22, n. spe, pp. 123-145, 2006.
 Texto 041 – Artigo em periódico.

MENEZES, V. C. de. A estruturação metafórica de expressões lexicais previsíveis. In. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento; 2005, Niterói. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento, 2005, Niterói, **Anais...** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005. CD-ROM.
 Texto 027 – Artigo em anais

MEYER, K. A. Common metaphors and their impact on distance education: what they tell us and what they hide. **Teachers College Record.** Volume 107, Number 8, pp. 1601–1625, August 2005.
 Texto 031 - Artigo em periódico

MELO, C. S. R. A Estrutura Polissêmica do verbo get . In: MACEDO, A. C. P.; BUSSONS, A. F. (Org.). **Faces da Metáfora.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006, v.01, p. 37-51.
 Texto 057 – Capítulo de livro

MOURA, H. M. de M. The conceptual and the linguistic factors in the use of metaphors. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 22, n. spe, pp. 81-93, 2006.
 Texto 039 – Artigo em periódico

MOURA, H. M. de M. Relações paradigmáticas e sintagmáticas na interpretação de metáforas. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 7, n. 3, p. 417-452, set./dez. 2007.
 Texto 055 - Artigo em periódico

PEREIRA, A. C. C.; CARVALHO, E. M. e NAGEM, R. L. O uso de metáfora no ensino do balé. In. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento; 2005, Niterói. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento, 2005, Niterói, **Anais...** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005. CD-ROM.
 Texto 013 – Artigo em anais

PINA, A. A. de. Esquema imagético e metáfora no sistema preposicional do português: o caso de “em” e “entre”. In. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento; 2005, Niterói. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento, 2005, Niterói, **Anais...** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005. CD-ROM.
 Texto 014 - Artigo em anais

ROCHA, F. C. Os provérbios e a METÁFORA GRANDE CADEIA. In: MACEDO, A. C. P.; BUSSONS, A. F. (Org.) **Faces da metáfora**. 1 ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006, v.1, p. 131-152.

Texto 065 - Capítulo de livro.

SALGADO, M. das G. de S. Metáforas da cordialidade brasileira em cartas de clientes. In. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento; 2005, Niterói. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento, 2005, Niterói, **Anais...** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005. CD-ROM.

Texto 021 – Artigos em anais

SARDINHA, T. B. Collocation lists as instruments for metaphor detection in corpora. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 22, n. 2, pp. 249-274, 2006.

Texto 034 – Artigo em periódico

SARDINHA, T. B. **Metáfora**. São Paulo: Parábola Editorial (Lingua[gem];24), 2007.

Texto 002 - Livro

SILVA, D. do N.; LIMA, P. L. C. As Metáforas sobre a Língua no Discurso de Professores: do Sentido para a Ação?. In: MACEDO, A. C. P.; BUSSONS, A. F. (Org.) **Faces da metáfora**. 1 ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006, v.1, p. 79-96.

Texto 063 – Capítulo de livro

SIQUEIRA, M.; PARENTE, M. A. P. A compreensão de metáforas primárias por estudantes do movimento sem-terra, filhos de pequenos agricultores e moradores de região metropolitana. In. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento; 2005, Niterói. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento, 2005, Niterói, **Anais...** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005. CD-ROM.

Texto 020 – Artigos em anais

SOUZA, L. C. Metaforizando as emoções: um estudo das metáforas ontológicas em textos de auto-ajuda. In. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento; 2005, Niterói. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento, 2005, Niterói, **Anais...** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005. CD-ROM.

Texto 019 – Artigos em anais

STEEN, G. Metaphor in applied linguistics: four cognitive approaches. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, vol. 22, no. spe, pp. 21-44, 2006.

Texto 037 – Artigos em periódico

STERN, J. Metaphor, Literal, Literalism, **Mind & Language**, Vol. 21, No. 3, pp. 243–

279, June, 2006.

Texto 046 - Artigo em periódico

VASCONCELLOS, Z. Prevalência de processos metaforizantes na gênese de acepções lexicais e modo de sua manifestação: um estudo de caso. In. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento; 2005, Niterói. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento, 2005, Niterói, **Anais...** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005. CD-ROM.

Texto 028 - Artigo em anais

VEREZA, S. C. Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 7, n. 3, p. 487-506, set./dez. 2007.

Texto 056 - Artigo em periódico

VEREZA, S. C. Novos caminhos para o estudo da metáfora. In: Sonia Zyngier; Vander Viana; Alessandra Mitie Spallanzani. (Org.). **Linguagens e tecnologias: estudos empíricos**. Rio de Janeiro: Publit, 2006, v.1, p. 145-164.

Texto 053 – Artigo em periódico

WILSON D.; CARSTON R. Metaphor, Relevance and the 'Emergent Property' Issue. **Mind & Language**. Vol 21, Issue 3 , Pages 404 – 433, 2006.

Texto 047 - Artigo em periódico

WEARING, C. Metaphor and What is Said. **Mind & Language**, Vol 21, Issue 3, Pages 310 – 332, 2006.

Texto 048 - Artigo em periódico

ZHIMING, D. T. Investigating the universality of primary metaphors: a perspective from Buddhism. In. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento; 2005, Niterói. II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento, 2005, Niterói, **Anais...** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005. CD-ROM.

Texto 005 – Artigo em anais

C837e

Costa Filho, José Edelberto.

Elementos para um glossário bilíngüe (português-inglês) de termos-chave da Teoria da Metáfora Conceitual / José Edelberto Costa Filho. – Fortaleza, 2008.

148p.

Orientador(a): Profa. Dra. Paula Lenz Costa Lima.
Dissertação (Mestrado Acadêmico em Lingüística Aplicada). –
Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades.

1. Teoria da Metáfora Conceitual 2. Lingüística de *corpus*
3. Teoria Comunicativa da Terminologia 4. Glossário.

CDD: 410